

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Paulo Audebert Delage

IGREJA EVANGÉLICA ÁRABE DE SÃO PAULO.

Inserção, estruturação e expansão na adversidade-diversidade sócio-cultural da cidade de São Paulo. (Estudo de caso).

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador : Professor Dr. João Baptista Borges Pereira

São Paulo
2009

D333i Delage, Paulo Audebert

Igreja Evangélica Árabe de São Paulo: inserção, estruturação e expansão na adversidade-diversidade sócio-cultural da cidade de São Paulo (estudo de caso) / Paulo Audebert Delage – 2009.
154 f. : il. ; 30 cm

1 CD-ROM

Dissertação (Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.
Bibliografia: f. 115-118.

1. Igreja Evangélica Árabe 2. Imigração 3. Protestantismo
4. São Paulo I. Título

LC BX4836
CDD 289.94

Paulo Audebert Delage

IGREJA EVANGÉLICA ÁRABE DE SÃO PAULO.

Inserção, estruturação e expansão na adversidade-diversidade sócio-cultural da cidade de São Paulo. (Estudo de caso).

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião

Aprovado em _____ de _____ 2009.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor João Baptista Borges Pereira
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Professor Doutor Ricardo Bitun
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Professor Doutor Oswaldo Mário Serra Truzzi
Universidade Federal de São Carlos

À minha esposa Alice e aos meus
filhos Paulo Elias, Débora, Filipe e
Raquel.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão ao Deus Soberano e eterno por me ter concedido vida em Cristo;

À minha esposa Alice, companheira fiel e zelosa, que me apoiou e apóia em meu ministério e vida;

Aos meus filhos Paulo Elias, Débora, Filipe e Raquel pelo apoio e incentivo dados;

Ao pastor Khalil Samara e sua família, por sua prestimosa cooperação;

Aos membros da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo por sua atenção;

Ao professor Doutor João Baptista por sua zelosa e sábia orientação e ajuda na confecção desta dissertação;

Aos integrantes da banca examinadora por seu empenho, dedicação e orientações preciosas;

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie pela bolsa escolar integral concedida;

Aos colegas de classe, com os quais caminhei junto na construção desta dissertação, pelo incentivo, ânimo e companheirismo.

RESUMO

Árabe cristão e, ainda por cima, protestante? Soa estranho aos ouvidos brasileiros. Neste trabalho serão tratados aspectos ligados à imigração sírio-libanesa no Brasil, a situação sócio-religiosa nestes países e seu intento de transplante para o Brasil, com todas as peculiaridades de harmonia e conflitos, continuidade e ruptura. Neste sentido, os imigrantes sírios-libaneses (árabes) protestantes formarão sua comunidade religiosa, a Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, sendo esta o objeto de estudo desse projeto. Sua inserção, estruturação e expansão serão tratadas, visando oferecer subsídio para estudo desse grupo, uma vez que não há estudos sobre os árabes protestantes em São Paulo. Trata-se de estudo de caso.

Palavras chaves: Árabe, imigração, evangélica, igreja, protestante.

ABSTRACT

Christian, Arab and Protestant too? It definitely sounds strange to Brazilians. This paper aims to approach aspects concerning the Syrian-Lebanese immigration to Brazil, the social-religious situation in those countries and intent to come to Brazil, despite all peculiarities of harmony and conflict, continuities and ruptures. In this sense, the Syrian-Lebaneses immigrants (arabs) protestants will form their own religious community, Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, being this the focus of this project. It will also approach the inclusion, structuring and expansion aspects offering contribution to study this group, since there are no studies on the protestant arabs in São Paulo. It is a study case.

Key words: Arab, Immigration, Evangelical, Church, Protestant.

Sumário

IGREJA EVANGÉLICA ÁRABE DE SÃO PAULO.....	12
Introdução.....	12
PARTE I.....	21
Capítulo Primeiro: A Imigração Árabe no Brasil.....	21
1) Introdução.....	21
2) Aspectos Gerais da imigração.....	24
3) Informações sobre Líbano e Síria.....	26
3.1) Síria.....	28
3.2) Líbano.....	29
4) Distinções.....	31
4.1) Turco.....	31
4.2) Árabe.....	32
4.3) Sírio-Libanês.....	33
5) Imigração de sírios e libaneses.....	34
5.1) A presença do sírio e libanês no Brasil anteriormente a 1871.....	34
5.2) Causas motivadoras da imigração.....	35
5.2.1) Econômicas.....	35
5.2.2) Sociais.....	36
5.2.3) Político-religiosa.....	37
5.3) Destino.....	38
5.4) Conceito de imigrante.....	39
5.5) Fases da Imigração.....	40
5.5.1) Primeira fase: (1880-1920).....	40
5.5.2) Segunda fase: (1921-1942).....	41
5.5.3) Terceira fase: (1943-1970).....	41
5.5.4) Quarta fase: (1975-1990).....	43
5.6) Fatores de incentivo à imigração para o Brasil.....	44
5.6.1) Geo-político.....	44
5.6.2) Mão-de-obra agrícola.....	44
5.6.3) Mão-de-obra industrial.....	44
5.6.4) Legislação imigratória.....	45
5.6.5) Mobilidade social.....	45
5.6.6) Liberdade religiosa e multiplicidade étnica.....	46
5.7) Características da imigração sírio e libanesa no Brasil.....	47
5.7.1) Urbana.....	47
5.7.2) Autônoma.....	48
5.7.3) Auto-subsuencionada.....	49
5.7.4) Individual.....	50
5.7.5) Temporária.....	50
5.7.6) Geografia.....	51

6) Estruturação da imigração sírio e libanesa.....	52
6.1) Econômico.....	52
6.2) Social.....	56
6.3) Educacional.....	58
6.4) Geográfico.....	59
Capítulo Segundo: Religião, religiosidade e etnia.	61
1) Introdução.....	61
2) O mosaico original.....	62
2.1) Muçulmanos.....	62
2.1.1) Sunitas.....	63
2.1.2) Xiitas.....	64
2.1.3) Drusos.....	65
2.1.4) Alawitas.....	66
2.2) Cristãos.....	66
2.2.1) Maronitas.....	66
2.2.2) Melquitas.....	67
2.2.3) Ortodoxos: (Greco-ortodoxos).....	67
2.2.4) Jacobitas e Armênios gregos.....	68
2.2.5) Protestantes.....	69
3) Harmonia e conflito?.....	73
3.1) Harmonia.....	73
3.2) Conflitos.....	74
4) Transferência para a colônia:.....	77
4.1) A língua.....	77
4.2) A família.....	78
4.3) A aldeia.....	79
4.4) A Religião.....	82
4.4.1) Muçulmanos.....	83
4.4.2) Drusos.....	84
4.4.3) Greco-ortodoxos.....	84
4.4.4) Maronitas.....	85
4.4.5) Melquitas.....	85
4.4.6) Protestantes.....	86
PARTE II.....	88
Capítulo Terceiro: Igreja Evangélica Árabe de São Paulo.....	88
1) Introdução.....	88
2) Delimitação.....	89
3) Histórico.....	90
3.1) Antecedentes.....	90
3.2) Estabelecimento.....	91

3.2.1) Designação do Ministro	92
3.2.2) Vinda e propósito do ministro.....	93
3.2.3) Condução de atividades.....	93
3.2.4) Contatos e arregimentação	94
3.2.5) Início das reuniões.....	94
3.2.6) Aquisição da Propriedade.....	96
3.2.7) Organização da Igreja.....	97
3.2.8) Edificação e Consagração do Templo.....	97
4) Estrutura	98
5) Atuação Social.....	100
5.1) Lar Pró-Velhice Água da Vida.....	100
5.2) Ações Assistenciais	101
5.3) Suporte ao Imigrante	101
5.4) Espaço de Cultura.....	102
6) Serviços Religiosos	102
6.1) Estudos Bíblicos e Oração	103
6.2) Escola Bíblica Dominical.....	103
6.3) Culto Dominical	104
6.4) Realizações Eventuais	105
7) Linha Teológica.....	105
7.1) Sacramentos	107
7.1.1) Batismo	107
7.1.2) Eucaristia ou Ceia do Senhor	108
8) Ritos de passagem	108
9) Vínculos Organizacionais	109
10) Expansão	110
11) Perdas	110
Considerações finais.....	112
Referências Bibliográficas.....	115
Anexos.....	119
Anexo 1 Mapa	119
Anexo 2 Mapas.....	120
Anexo 3 Quadro com número de imigrantes sírios e libaneses.....	121
Anexo 4 Quadro com indústrias de sírios e libaneses em 1920 em SP.....	123
Anexo 5 Documento do Supremo Conselho da Síria e Líbano.....	124
Anexo 6 Foto Rv. Khalil Simão Haci.....	125
Anexo 7 Documento Sínodo Evangélico da Síria e Líbano	126
Anexo 8 Folheto de Evangelização em árabe.....	127

Anexo 9 Folheto de Evangelização em árabe.....	129
Anexo 10 Folheto de Evangelização em árabe.....	130
Anexo 11 Folheto de Evangelização em árabe.....	131
Anexo 12 Folheto de Evangelização em Português	132
Anexo 13 Capa e contracapa do Evangelho de Lucas em árabe	133
Anexo 14 Entrevista com o Reverendo Vladimir de Lima Júnior	134
Anexo 15 Entrevista com o pastor Khalil Samara.....	137
Anexo 16 Entrevista com o pastor José Lopes	142
Anexo 17 Entrevista com Adina Abrahão.....	145
Anexo 18 Fotos do culto dominical.....	147
Anexo 19 Fotos do templo	150
Anexo 20 Culto de oração e estudo bíblico em quinta-feira.	153
Anexo 21 Foto com Rev. Hagi Khoury e Rev. Kalil Samara.....	154

IGREJA EVANGÉLICA ÁRABE DE SÃO PAULO

Inserção, estruturação e expansão na adversidade-diversidade sócio-cultural da cidade de São Paulo. (Estudo de caso).

Palavras Chaves: Árabe, imigração, igreja, protestante.

Introdução

Tem esta dissertação como objeto de pesquisa a Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, em uma abordagem da trajetória dos árabes (sírios-libaneses) protestantes (evangélicos) desde a saída do Líbano até sua chegada ao Brasil, bem como seu desenvolvimento e situação atual como comunidade protestante estabelecida e expansionista. Serão tratadas as questões relativas às barreiras enfrentadas e superadas no âmbito da diferença (diversidade) cultural e linguística, do país de imigração, bem como no aspecto religioso em um ambiente de tradição predominantemente católica romana (adversidade).

A tarefa de escrever sobre este assunto se me afigura como um grande desafio. Afirmo isto respaldado no fato de que não tenho formação no universo da pesquisa de campo. Quer na teologia ou no Direito (minhas formações de graduação e pós-graduação lato sensu), as incursões por mim feitas são, notadamente, no mundo dos livros, da pesquisa bibliográfica. A noção do grave risco que corro não me escapa, mas o sentimento e o desejo de ultrapassar esta fronteira são mais fortes que o temor do risco.

Os grupos sociais identificados por sua etnia, língua ou outros elementos culturais, bem como os sub-grupos que se distinguem de seus “patrícios” pelo fator religioso, por exemplo, foram e continuam sendo alvo de interesse das ciências sociais no âmbito da Academia. Neste sentido o estudo de um grupo cuja língua é o árabe (mundo de prevalência islâmica), a origem sírio-libanesa (com predominância cristã ortodoxa) e a religião protestante, fugindo às identificações ou características mais comuns aos de sua etnia e cultura, é merecedor de atenção e interesse. A peculiaridade distintiva relativa à religião é elemento justificador desta pesquisa em seu âmbito social.

Trata-se de uma comunidade de religião cristã (universal), com forte expressão étnica (língua árabe), mas que tem apelo expansionista universalizante.

É inegável que o acervo de literatura sobre a imigração árabe em São Paulo é bastante expressivo, com livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre o assunto, de autores como Oswaldo Truzzi, Wady Safady e outros.

A partir da segunda metade do século XX se terá sistematização de dados com a clássica obra de Knowlton : “Sírios e Libaneses; mobilidade social e espacial”. Nestas obras os aspectos ligados à chegada, inserção, expansão e ascensão dos imigrantes e seus descendentes, são abordados com atenção à sua atuação no comércio, na medicina e em outros segmentos da vida paulistana. Sua mobilidade social e espacial, bem como sua participação no desenvolvimento e enriquecimento cultural têm sido, igualmente, trabalhados.

As manifestações religiosas predominantes entre os árabes sírios e libaneses, tais como, o islamismo e as tradições cristãs de caráter não protestante (maronita, melquita, ortodoxa), têm recebido atenção de estudo dos cientistas sociais, conforme terei oportunidade de referir neste trabalho. Nota-se, no entanto, um aspecto lacunoso quanto à análise do movimento religioso protestante junto a esta comunidade de língua árabe. Pode-se perceber tal fato na obra “Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo”, em um volume de 769 páginas, onde constam 54 entrevistas (entre 67 entrevistados), havendo apenas dois protestantes. (Greiber e outros. 1998, p.14 e 768). Na tese de doutorado de Gattaz (julho de 2001) na lista de entrevistados há apenas um protestante, mas cuja entrevista não é transcrita em seu trabalho.

A percepção do senso-comum, quanto ao universo árabe, é de rejeição à idéia da presença cristã entre eles, e se se pensa em protestantes ocorre um aprofundamento maior nesta separação, causando espanto e estranheza a idéia de uma Igreja Árabe Evangélica (protestante). A literatura acadêmica nesta área é escassa, senão totalmente inexistente. Knowlton, em sua obra citada anteriormente, faz menção acerca da presença de protestantes na leva de imigrantes e afirma: “Um número considerável de sírios e libaneses protestantes emigrou para o Brasil, na sua maioria presbiterianos...” (KNOWLTON. 1961. p.98), mas quase nada fala sobre os protestantes. Outra referência será feita por ele na mesma obra: “Os presbiterianos mantiveram uma organização religiosa separada durante vários anos. Quando faleceu o último ministro, a igreja desintegrou-se. Os presbiterianos da colônia estão inativos ou aderiram aos templos

presbiterianos maiores da cidade”. (p.178). Não há referência a outra igreja protestante. Ocorre apenas uma citação sobre adesão às seitas batistas, “The Holiness” e à Adventista do Sétimo Dia, “ao lado de membros brasileiros” (p.178). Assim, esta pesquisa, mesmo em sua limitação, se justifica academicamente por vir a oferecer subsídio à compreensão e percepção deste grupo étnico em sua manifestação religiosa de tradição cristã protestante.

Este trabalho, assume uma linha de estudo ligado à Etnia e Religiosidade, e visa a engrossar um filete de dissertações vinculado à imigração e suas manifestações religiosas no campo da cultura brasileira, que são: *A Construção de uma comunidade utópica no Oeste Paulista*,¹ onde se relaciona a imigração leta com a Igreja Batista; *Alvorada: Negros e brancos numa congregação Presbiteriana em Londrina – Um estudo de caso*², no qual se trabalha o aspecto da presença e convivência de pessoas destas duas cores de pele; *Missão Caiuá: um estudo da ação missionária protestante entre os índios Guarani, Kaiowá e Terena*³, trabalha a questão do relacionamento entre índios e missionários; *Um véu sobre a imigração italiana no Brasil*⁴, enfocando a origem da Congregação Cristã no Brasil e imigração italiana; *Terra Nostra em mudança: Identidade étnica, identidade religiosa e pluralismo numa comunidade italiana no interior paulista*⁵, enfoca a presença protestante no meio de uma colônia italiana, do pós guerra, no interior de São Paulo; *Coreanos Protestantes na periferia de São Paulo. Um estudo de caso*⁶, ação missionária coreana entre os imigrantes desta etnia; *Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Russa no exílio em São Paulo: etnicidade e identidade religiosa. Um estudo de caso*⁷, trata da atuação desta igreja junto aos imigrantes russos; *Delírios religiosos e estruturação psíquica – “O caso Jacobina Mentz Maurer e o episódio Mucker” – Uma releitura fundamentada na Psicologia Analítica*⁸, aborda o movimento messiânico Mucker (alemães) sob esta vertente da psicologia, *Os mórmons em Santa Catarina: origens, conflitos e desenvolvimento*⁹, aborda este movimento religioso e seu crescimento em Santa Catarina (ligado à

¹ Heldo Mulatinho. Tese de doutorado . USP, 1976.

² José Martins Trigueiro Neto. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2004.

³ Jonas Furtado Nascimento. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2004.

⁴ Gloecir Bianco. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2005.

⁵ Marivaldo Gouveia. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2005

⁶ Elson Isaac Santos Araújo. Dissertação de mestrado. Mackenzie , 2005.

⁷ Maurício Loiacono. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2006

⁸ Heloisa Mara Luchesi Módolo. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2006.

⁹ Rubens Lima da Silva. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2008.

imigração alemã); *Igreja Húngara Reformada*¹⁰; *A imigração holandesa e a Igreja Reformada no Paraná*¹¹; *Uma Igreja Protestante coreana na cidade de São Paulo*,¹²; e alguns projetos em andamento: *Missionários protestantes sul-coreanos na cidade de Jandira-SP*-, Daniel H. Cho Lin; *Luteranismo e imigração alemã pomerana no Espírito Santo*, Gladson Cunha; *Igreja Ortodoxa Árabe em São José do Rio Preto*, Daniel Maia. Estes trabalhos foram e são orientados pelo professor João Baptista Borges Pereira, professor do programa de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, à exceção do trabalho de Jonas Furtado do Nascimento que teve a orientação do Dr. Antônio Gouveia de Mendonça.

Algumas questões ligadas à IEASP serão levantadas, para as quais respostas serão apresentadas, visando fazer conhecida esta igreja e seus aspectos particulares.

A comunidade alvo deste estudo foi estabelecida com o propósito de buscar fazer adeptos entre outras manifestações religiosas, mesmo entre não árabes, naquilo que se chama de proselitismo, ou sua criação e estabelecimento vinculam-se ao apoio a ser oferecido aos imigrantes libaneses de fala árabe e levá-los à conversão, ou ainda buscava ser apenas um lugar de acolhimento aos professantes da fé comum, com o fito de garantir-lhes a estabilidade e permanência em sua crença ou fé?

O traço religioso de fé protestante (evangélica) seria e é fator de rejeição ou repulsa entre os seus patrícios, trazendo-lhes maiores dificuldades de adaptação e estruturação no Brasil, ou tal fator não é relevante quando se trata da questão étnica, ou seja, o ser árabe?

Tem havido abertura, a fim de não ser uma comunidade exclusivamente para pessoas de fala árabe, levando à mudança de uma concepção de religião étnica para uma postura etnicizada, observando a perspectiva da tipologia das religiões étnicas, universais, universais etnicizadas e étnicas-etnicizadas.¹³

A Igreja Evangélica Árabe de São Paulo (IEASP) tem sua ênfase inicial no suporte ao imigrante de língua árabe, mormente o sírio-libanês, oferecendo-lhe apoio religioso para sustentação de sua fé de caráter protestante ou evangélico, embora houvesse desejo de alcançar os patrícios e trazê-los à conversão religiosa. Tem sua

¹⁰ Simone Lucena. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2008.

¹¹ Wilson de Lima Lucena. Dissertação de mestrado. Mackenzie, 2009

¹² Silvana Maria P. Silva. Dissertação de mestrado. Mackenzie 2009.

¹³ Apontamentos de aula ministrada pelo Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira em 15/04/2008 e 13/05/2008, no programa de mestrado em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

função de rede de apoio ao imigrante que necessita de suporte nos primeiros tempos de adaptação à realidade na qual está agora inserido.

A ênfase e a dimensão acentuadamente étnicas, visando atender aos imigrantes de fala árabe e originários do Líbano e Síria, perderam sua força e nitidez, vindo a ocorrer o interesse por atingir os “nativos” ou naturais, tornando-a universalizante. O caráter universalizante do cristianismo choca-se com a visão étnica deste grupo religioso e, de certo modo, a leva a universalizar-se. A ambivalência e tensão estão presentes, inegavelmente. Os serviços religiosos em língua árabe e portuguesa demonstram o interesse em atingir também os jovens de língua portuguesa e facilitar a participação dos filhos e, principalmente, netos dos imigrantes, evitando sua migração para outras tradições religiosas ou igrejas que não a de “seus pais”.

A manifestação religiosa pode ser elemento gerador do sentido de vinculação e identidade entre seus integrantes e participantes, reforçando o aspecto identitário e de pertencimento. Tal circunstância pode conduzir ao fechamento em si mesmo e ocasionar a constituição hermética de pertença com tendência de exclusividade aos seus integrantes, tornando-se um gueto religioso. No intuito de evitar este perigo a IEASP promoveu a abertura para a recepção de membros de língua não árabe e de não descendentes de sua etnia, fazendo evidente a característica universal da religião cristã.

Peter Berger e Thomas Luckman, em sua obra conjunta “A Construção Social da Realidade”, afirmam: “De momento, é importante acentuar que a relação entre o homem, o produtor, e o mundo social, produto dele, é e permanece sendo uma relação dialética, isto é, o homem (evidentemente não o homem isolado mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro. O produto reage sobre o produtor”. (1978, p.87), deixando ver a inter-relação entre construir a realidade social e o ser por ela construído. Berger, em sua obra “O Dossel Sagrado” assim se expressa: “A sociedade é um produto do homem(...) Pode-se também afirmar, no entanto, que o homem é um produto da sociedade”. (1985, p.15).

Para ele este processo dialético se dá em três momentos:

“São a exteriorização, a objetivação e a interiorização.[...] A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtos originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a

reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas de mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade” (Op.cit,1985. p16).

Nesta mesma direção é afirmado por Ódea: “Existe aqui uma relação dupla. Não apenas as condições sociais influem no aparecimento e na difusão de idéias e valores, mas as idéias e valores, uma vez institucionalizados numa sociedade, influem nas ações dos homens.” (ÒDEA. 1969, p.79). A reciprocidade no construir e ser construído fica estampada neste texto, afirmando esta dialética social.

Neste sentido pode-se ver que a IEASP é agente de construção (integração) social em relação aos seus integrantes e é, ao mesmo tempo, construída por eles à medida que vai se adaptando às mudanças ocorridas no passar do tempo. A experiência religiosa é elemento preponderante na cultura de determinada sociedade, sendo este um fator que integra a fundamentação de grupo. Assim vê-se que: “só se pode designar sob o termo de grupo a unidade social que possua, ao mesmo tempo, estrutura suficientemente consistente e resistente e um conjunto de normas bastante estáveis”. (MAISONNEUVE, 1967. p59).

A IEASP é fruto do que se chama “Protestantismo de Imigração” distinto do que se chama protestantismo de missão (Mendonça, 2008, p28). A igreja será composta, em seu início, por árabes (libaneses e sírios), e seu propósito era expandir-se dentro das fronteiras de sua etnia. Encontra-se aqui um dado interessante visto que o missionário vem para trabalhar entre os imigrantes (de imigração), mas seu propósito é a difusão do evangelho e fazer conversos (de missão). Sua vinda passa a ter duplo propósito: cuidar dos e assistir aos árabes protestantes (sentido de pastoreio) e evangelizar (comunicar a mensagem cristã na visão protestante) aos patrícios e, só mais tarde, aos brasileiros. É, portanto, em seu início, uma religião de tradição universal (cristianismo), mas de linha étnica (árabe libanesa), porém forçada a universalizar-se, ou seja, visando retomar sua vocação universal de “fazer discípulos de todas as nações” (Bíblia Sagrada. Mateus, 28:19). É possível aplicar-se a IEASP o que Mendonça fala sobre o protestantismo de modo geral no Brasil: “O protestante não aparece, não se apresenta, não se insere de modo sensível na política, na cultura. Não há um impacto protestante na sociedade brasileira”. (MENDONÇA. 2008, p.27).

O aspecto social das redes é, também, levado em conta, devido à sua importância para a integração e inserção do imigrante no universo novo em que foi lançado, já que a Igreja é vista como destes elementos de grande valor para o apoio e socorro ao imigrante, como nos fala Ana Cristrina Braga Martes: “As igrejas são ‘comunidades restritas’ onde os mecanismos de controle social são mais claramente definidos, a ponto de fazer com que seus integrantes sintam alguma segurança de que estão integrando uma rede de reciprocidade positiva. É neste sentido que as igrejas foram aqui tomadas como exemplos de ‘espaços seguros’ para a sociabilidade”. (MARTES, 1999, p.189).¹⁴

As redes sociais têm grande relevância na experiência de imigração, trazendo consigo alguns benefícios de ordem social tais como: inserção, auxílio quanto a emprego, amparo de moradia, minimização da saudade, manutenção da língua e cultura. Martes assim se expressa:

“As redes sociais, geralmente de parentesco, amizade ou mesmo religiosas, são fundamentais para explicar como brasileiros chegam aos Estados Unidos, sobretudo porque elas ajudam a reduzir o custo psicológico e econômico da emigração[...]De modo geral, é por meio das redes que são veiculadas informações e opiniões que condicionam a opção a favor da emigração [...] É olhando para as redes sociais que se pode explicar por que os imigrantes se dirigem para um determinado país e não para outro e como chegam ao país de destino”. (op. cit. P.73).

As obras de Clark Knowton, Oswaldo Truzzi, Wadih Safady e a tese de André Gattaz serão norteadoras e base para a formulação dos aspectos ligados à imigração árabe de modo geral e, particularmente, para o Brasil, sendo referencial indispensável para qualquer proposta de trabalho acadêmico sobre tal assunto.

Quanto à metodologia, além dos aspectos teóricos e bibliográficos, envolvendo as questões ligadas à imigração, redes sociais e religião, este trabalho utilizará o método quantitativo e o qualitativo.

Quanto ao primeiro serão levantados informes de caráter empírico, tais como : número de membros, grupos internos de atividades, organizações de caráter assistencial; estrutura de ensino para faixas etárias distintas, e outras.

¹⁴ Trata-se de obra sobre imigração de brasileiros para os EUA, na região de Boston, mas as aplicações e princípios são compatíveis com a imigração de modo geral, incluindo-se a dos árabes (sírios e libaneses) protestantes para o Brasil, uma vez que guardam semelhanças em suas histórias e evolução. Nota do autor.

Quanto ao segundo (qualitativo), serão trabalhadas, entrevistas informais e a observação participante (que já tem acontecido nos serviços religiosos às quintas-feiras e domingos) nas atividades da igreja em sua dinâmica eclesial e cerimônias. Serão consultados e analisados documentos como atas, estatutos, regimentos (que nos forem liberados), bem como boletins internos informativos e outros elementos que apresentem relevância ao trabalho. Será analisada também a vertente religiosa do protestantismo a que está ligada a IEASP, ou seja, sua formulação teológica e confessional, forma de governo e liturgia.

A estrutura básica desta dissertação contará com a introdução, a seguir em sua primeira parte trará a abordagem da Imigração árabe, onde serão apresentados, no primeiro capítulo, aspectos de informações sobre a Síria e Líbano, seguidos de distinções entre “turco, árabe e sírio-libanês”; as causas motivadoras da imigração sírio-libanesa para o Brasil sob a ótica econômica, social e político-religiosa; a destinação dos emigrantes sírios e libaneses e o conceito de imigrantes; as fases (períodos) que caracterizaram a imigração sírio-libanesa para o Brasil, num total de quatro, cobrindo de 1871 a 1990; fatores que funcionaram como incentivadores da imigração para o Brasil; seis características desta imigração, finalizando a primeira parte serão vistos quatro segmentos da estruturação destes imigrantes, com ênfase na figura emblemática do mascate.

O segundo capítulo tratará da questão religiosa, abordando a religião no Líbano e Síria, sua harmonia e conflitos. Será, a seguir, apresentada a situação destas religiões no contexto da imigração no Brasil, buscando destacar o protestantismo, foco principal deste trabalho.

A segunda parte, apresentará o terceiro capítulo, no qual se tratará da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, de modo particular, observando seus aspectos de estrutura ritualística, teológica, espaço físico, rol de membros, histórico de organização, participação no apoio ao imigrante, ação religiosa de reforço da crença de seus membros e busca de novos adeptos e outros elementos ligados a este grupo, inclusive seus vínculos com outras comunidades no Brasil. Seguido pelas considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

Esta pesquisa é metodologicamente um estudo de caso, isto é, está restrita à Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, cuja sede encontra-se na Rua Vergueiro 1845, Vila Mariana, na cidade de São Paulo-SP. Embora seja tratado o aspecto histórico de seus primórdios, nosso maior interesse será a partir de sua organização formal o que

determinará nosso corte de atuação. Em sendo um estudo de caso, não se pretende que seus dados sejam generalizados.

PARTE I

Capítulo Primeiro: A Imigração Árabe no Brasil.

1) Introdução:

É possível falar e viver a “isenção plena” ou a “total neutralidade” quando se trata de abordar determinado assunto ou desenvolver certa pesquisa? Esta questão tem sido alvo de acalorados debates acadêmicos e aquela idéia positivista da neutralidade absoluta como exigência para o pesquisador, vai deixando de existir, dando lugar à compreensão da participação e envolvimento do pesquisador, embora deva este buscar manter certa objetividade quanto à pesquisa desenvolvida. Neste sentido podemos ver que a colocação feita por Ruth Cardoso mostra que a revisão sobre este mito da neutralidade está presente e tem força expressiva:

“A perspectiva é frequentemente limitada a uma auto-análise, mas certamente traduz uma inquietação. Arrisco afirmar que a subjetividade que não fomos treinados para controlar teima em se fazer presente e isto porque ninguém mais defende a noção de “neutralidade” que os manuais positivistas propunham como condição de ciência [...] Os conceitos de neutralidade e objetividade são frequentemente esgrimidos como armas para garantir a legitimação do saber científico. Por isso mesmo, é fácil abandoná-las, e seria produtivo promover um debate sobre o estado desta questão”. (DURHAM, et al. 2004, p 104).

Em ambiente narrativo de conquistas, revoluções, batalhas e história de determinado povo e civilização, muitos aspectos adquirem conotação de lenda¹⁵, saga¹⁶ ou mito¹⁷, fazendo com que os fatos sejam, muitas das vezes, apresentados com matizes e coloridos de forma a enriquecer e enobrecer os protagonistas, diminuindo seus senões e aumentando-lhes as virtudes. Assim, os narradores acabam por valorizar os aspectos vistos como positivos e nobres daqueles sobre os quais escrevem ou falam e minimizam os aspectos não tão enobrecedores ou indesejáveis em seus personagens heróicos e bravos.

¹⁵ “Por lendas, entendo as tradições, tanto orais como escritas, que relatam as aventuras de pessoas reais no passado, ou que descrevem os acontecimentos, não forçosamente humanos, que dizem haver ocorrido em lugares reais” J.G. Frazer in: Dicionário de Ciências Sociais V. 1 p.164. 1987.

¹⁶ “Lenda medieval acerca de figuras ou eventos notáveis dos países escandinavos. Qualquer lenda antiga acerca de feitos heróicos”. Dicionário Michaelis, p.1876.

¹⁷ “Exposição de uma idéia ou de uma doutrina sob uma forma voluntariamente poética e narrativa, onde a imaginação ganha asas e mistura as suas fantasias com as verdades subjacentes”. Lalande, 1996 p.689.

Em relação aos “árabes” que imigraram para o Brasil, isto pode ser visto na obra de Salomão Jorge “Album da Colônia Sírio Libanesa no Brasil” na qual narra algumas destas histórias heróicas e enaltecidas das virtudes dos injustiçados “turcos” nestes rincões brasileiros (páginas 121 a 130).

Também encontramos este modo de verem-se a si mesmos, no depoimento dado por Camilo Ashcar (de formação presbiteriana e deputado à época) em entrevista concedida a Cristiane A. Cury, ao falar sobre a participação dos descendentes sírios-libaneses (árabes) na política brasileira. O registro é longo, mas de real valor na demonstração desta visão heróica de si mesmos:

“A sua pergunta me obriga a dar uma resposta um pouquinho mais ampla sobre a evolução da coletividade libanesa no Brasil. Há várias fases desta evolução. A primeira foi a dos bandeirantes do comércio, dos libaneses que adentraram os sertões de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, sobretudo, levando nos seus ombros uma mala com mercadorias para fazer trocas ou vender utilidades de primeira mão e foi esta fase a dos pioneiros libaneses no Brasil. Após esta fase pioneira ou heróica veio a segunda fase sucessiva de integração social. Os libaneses passaram a conviver em pequenas vilas e povoados, formando uma lojinha, ao lado da Igreja, ao lado da escola, ao lado da farmácia, e começando a viver aquela forma incipiente dos futuros municípios. Foram se integrando aos costumes das famílias locais e ganhando a simpatia e a colaboração dos brasileiros, sobretudo pela sua boa vontade em servir. Depois, veio uma terceira fase, da consolidação do comércio. Passaram a ter um pouco mais de recursos, abriram-se as primeiras lojas, as primeiras fábricas, os primeiros teares, as primeiras indústrias incipientes, e foram crescendo até se tornarem capitães da indústria e do comércio. Depois desta fase sucedeu-se a fase da cultura. Já com a posição econômica definida, os sírios e libaneses quiseram que seus filhos tivessem uma formação cultural mais aperfeiçoada, talvez por influência da cultura libanesa, que é uma tradição. Então, enquanto os pais se sacrificavam na atividade econômico-financeira ou em coisas paralelas, os filhos eram enviados para as escolas, para se prepararem para profissões liberais e se formaram em todos os ramos da atividade, exercendo hoje até cátedras universitárias com muito brilhantismo. Depois dessas fases, dessa integração toda, e por projeção da sua cultura, do seu valor pessoal e da sua participação na vida histórico-cultural do país, é que surgiu a fase política. Então, destacando-se pela qualidade de sua vida familiar, pela correção de seu caráter, pela dedicação ao trabalho, pela cultura, talvez até

por alguns recursos econômicos, e pela qualidade de liderança que o libanês tem naturalmente - que é um diplomata por natureza- os descendentes de libaneses foram sendo convocados para os primeiros cargos públicos: vereadores, prefeitos, deputados e foram ascendendo até governadores de estado, até ministros de estado, como agora ocorre.” (FAUSTO e outros. 1995, p 48-49)

Para não ser longo em excesso neste ponto, registro apenas outro exemplo desta forma de narrativa lendária e histórias quase míticas dos antepassados, apresentado por Truzzi : “Sua perspicaz capacidade de adaptação à nova pátria impressionou a ponto de gerar narrativas em que fábula e realidade se confundiram , como no episódio relatado por Tanus Jorge Bastani, em seu livro “Memórias de um mascate”. Conta o autor o caso do libanês Kalil, que, julgado morto por seu companheiro Miguel, foi por este encontrado doze anos depois feito cacique de uma tribo amazônica”. (TRUZZI. 2005 p.76).

É fato que há contrastes em relação a esta forma heróica de se ver os imigrantes árabes, registrados por escritores que, influenciados por elementos de preconceitos raciais e culturais, darão ao “árabe-turco” outra roupagem não tão dignificante, conforme se lê em Alfredo Ellis Júnior e citado por Truzzi em sua obra “De Mascates a Doutores, sírios e libaneses em São Paulo” (p. 25).

Houve tempo em que escondia as crianças ao chegar um “turco” pois a figura destes indivíduos estava associada ao fato de que estes “comiam crianças”, tendo esta inverdade acarretado grandes dificuldades a estes imigrantes. Estas formas caricaturadas são impostas a grupos que fogem ao padrão do igual, ou que sejam diferentes como, por exemplo, os ciganos, acerca dos quais, em minha infância, ouvia que as crianças não deveriam ficar à vontade nas ruas quando houvesse ciganos, porque estes roubavam as crianças e as levavam ou comiam.

As narrativas da sagacidade e ladineza destes árabes com suas trapaças no comércio, foram registradas e esteriotiparam o “turco”. Taufik Duon em sua obra “A emigração sírio-libanesa às terras da promessa” tenta amenizar este aspecto do espírito argenteiro e ganancioso presente no “árabe-turco” ao escrever: “Seria a maior injustiça esquecer-lhe as raras qualidades que tanto construíram e beneficiaram, para culpá-lo de futilidades perdoáveis, cometidas sob a pressão de necessidades prementes, e talvez em escala maior por todos os outros imigrantes, sem exceção. Também aquelas futilidades se assemelham às manchas de sangue e lama que no campo de batalha são sinais de

honra, enquanto no tempo de paz a menor delas merece severo castigo.”(DUON. 1944, p112). Ele mesmo registra a famosa e conhecida história do “turco” que vendeu a um negro iletrado e ignorante um pano de um metro quadrado como se fossem quatro metros, medindo a peça em todas as laterais, ou a de que alguns vendiam uma espécie de líquido capaz de ocasionar gravidez. (DUOUN. 1944, p. 113).

Buscando evitar as exaltações infundadas e impróprias (fruto natural de manifestação de auto-estima étnica), mas rejeitando, igualmente, a postura preconceituosa de subvalorização (fruto do desplante por ver o desenvolvimento e crescimento do outro não meu igual), buscar-se-á a apresentação de aspectos gerais e específicos sobre a imigração sírio-libanesa para o Brasil e, particularmente, a presença protestante entre eles com sua inserção, fixação e expansão no seio do povo e da cultura de nosso país.

2) Aspectos Gerais da imigração:

No processo migratório (emigração-imigração) há fatores que são específicos e próprios de certos grupos e caracterizam sua experiência, mas há elementos que podem ser percebidos como comuns aos imigrantes em lugares e momentos distintos. Neste ponto focaremos alguns aspectos que podem ser vistos como ecumênicos ou gerais nos processos migratórios. Knowton apresenta alguns destes aspectos:

“Para possibilitar a emigração são indispensáveis certas condições. Primeiro, a liberdade pessoal de emigrar deve existir. Um indivíduo não pode emigrar se não estiver livre de laços e obrigações feudais que o prendam a determinada localidade. Segundo, a pessoa deve saber da existência de outra terra para a qual seja possível deslocar-se. Terceiro, essa outra terra deve apresentar vantagens conhecidas ou supostas sobre o país natal. Quarto, é preciso que o indivíduo esteja descontente com a sua situação na vida e deseja mudá-la ou melhorá-la. Quinto, deve haver facilidades de transporte adequados”(KNOWLTON. 1961, p 18-19)

No texto acima vê-se que se fala no país de origem e no de destino, além de referir ao fato do desejo-interesse de sair. Borges Pereira agrega a estes aspectos citados outros dois que merecem ser aqui referidos e transcritos:

“Pode-se sustentar a tese de que, além dos parâmetros gerais de integração válidos, ao que parece, para todos os grupos étnicos, há trajetórias específicas de inserção calibradas, em larga medida, pelas peculiaridades raciais e culturais do grupo e pelo projeto de pertencer e de como pertencer à nova sociedade. Ímplicita neste processo, há que se reconhecer a

existência de ‘duas vontades’, social e politicamente construídas, que se convergem: ‘a vontade’ do país em receber e a ‘vontade’ do grupo em ser recebido”¹⁸

Truzzi em um artigo intitulado “Redes em processos migratórios” percebe a migração como um “processo social”, e faz referência a Charles Tilly para distinguir um mero e simples deslocamento geográfico (viagem) de uma experiência migratória genuína, envolvendo a distância entre a origem e o destino, bem como a ruptura daquele que imigra em relação a seu lugar de origem. Cita a classificação de migrações apresentada por Tilly e que transcrevo:

“a) Locais: quando o indivíduo se desloca a um mercado (seja este de trabalho, terras, seja mesmo matrimonial) geograficamente contíguo, que normalmente já lhe é familiar.

b) Circulares: quando o indivíduo se desloca a um mercado por determinado intervalo de tempo definido, ao cabo do qual retorna a sua origem.

c) De carreira: em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce.

d) Em cadeia: que envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino” . (Apud. Truzzi. Revista de Sociologia da USP, V.20, nº 1 2008. p.200).

A esta altura torna-se importante estabelecer o sentido das palavras emigração e imigração, bem como o uso de cada uma delas com acepção genérica e abrangente em termos do movimento social de pessoas e populações. Neste sentido Gattaz nos oferece, de modo simples e direto, a distinção e o uso: “ Os termos emigração e imigração distinguem-se quanto ao ponto de vista no sentido do movimento migratório: formalmente usa-se emigração para o movimento de saída e imigração para a chegada ao novo país. O segundo termo, entretanto, acabou por tornar-se mais abrangente, englobando o movimento migratório como um todo e o status do indivíduo após o processo migratório (afinal, todo imigrante emigrou de algum lugar).” (GATTAZ. 2001, p.33).

¹⁸ Pereira, João Baptista Borges. “Os imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira”. (Revista USP nº.46, 2000 p.10).

3) Informações sobre Líbano e Síria:

Os imigrantes “árabes” ou “turcos” que vieram para o Brasil são originários, em sua grande maioria, destes dois países: Líbano e Síria. Ambos são antiqüíssimos, com inclusão nos textos da Bíblia (Antigo e Novo Testamentos), sobretudo a Síria, vista como uma das grandes potências do mundo nos dias dos reis de Israel (cerca de 1.000 a.C), inclusive fazendo incursões nos territórios de Israel, logrando êxito nestas empreitadas e subjugando-o.

Estes dois países têm em comum uma estrutura social que se baseia em três pilares fundamentais à sua percepção como povo. São eles: a) família; b) religião; c) aldeia. (KNOWLTON. 1961, p 167; TRUZZI. 2005, p 3). É interessante que Truzzi não insere a língua árabe e justifica: “Embora a região territorialmente pertença ao chamado mundo árabe moderno, e seus habitantes efetivamente serem falantes da língua árabe, os sírios e libaneses identificam-se, sobretudo, com a religião professada e com a região ou aldeia de origem, elementos fundadores de suas identidades, muito mais que com o estado-nação, existente para eles na época da emigração. Em consequência, a identidade árabe lhes soa artificial...”. (TRUZZI. 2005, p 2).

Vejamos alguns aspectos destes três pilares:

a)Família:

Esta instituição é central à vida cultural destes dois povos. Faz-se distinção entre a família em sua manifestação variada. Podemos recepcionar de Knowlton estes conceitos: “Há três tipos de grupos familiares patriarcais entre os habitantes das aldeias sírias ou libanesas. O primeiro, a família conjugal [...] A segunda e mais importante unidade familiar é a família grande que consiste em três gerações. A terceira entidade familiar da aldeia é o grupo de parentela”. (KNOWLTON. 1961, p 167-168). A primeira é composta dos cônjuges e filhos ainda não casados e não tem grande peso na sociedade. A segunda é o centro de maior importância. Vivem as três gerações sob o mesmo teto e o avô patriarca é o chefe. O comportamento e matrimônio são controlados pela família grande. Ao morrer o patriarca, os filhos mais velhos formarão suas famílias grandes. A da terceira categoria agrega todas as famílias grandes com antepassado paterno comum e normalmente estão em um mesmo bairro ou aldeia.

b)Religião:

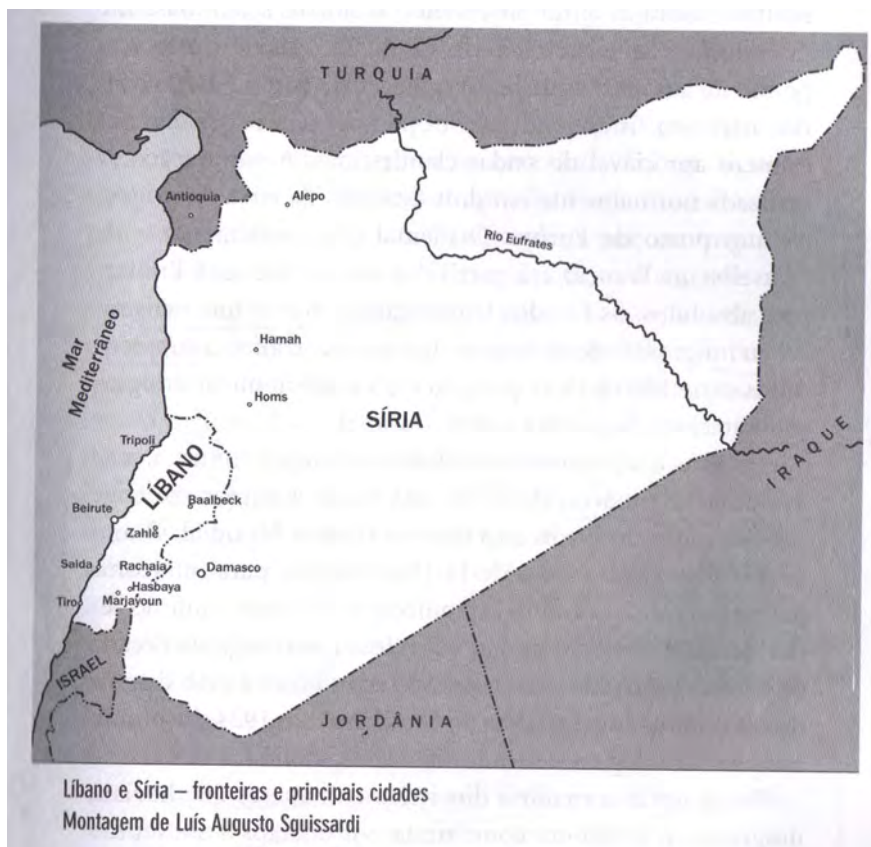
Este assunto será tratado em separado no capítulo dois desta dissertação. Apesar disto alguns aspectos serão fornecidos. A religião está arraigada nestes povos e “quase

equivale à nacionalidade” (KNOWLTON. 1961, p 168). As religiões destes países podem ser separadas em dois grandes grupos : cristãos e muçulmanos. Cada um destes grupos tem suas divisões internas. Os cristãos são classificados em: maronitas, melquitas, (de confissão Católica Romana) Greco-ortodoxos, sírios ortodoxos, protestantes (presbiterianos, batistas e outros). Os muçulmanos são: xiitas, sunitas, drusos e alauitas. Houve épocas de convivência respeitosa e até harmoniosa (embora se verificasse setorização com bairros ou aldeias de predominância maronita, ou ortodoxa, ou muçulmana) e épocas de conflitos sangrentos com milhares de mortes.

c)Aldeia:

A prevalência para estes povos era da aldeia sobre a unidade nacional, ou seja, sua consciência era de identificação maior com a aldeia. Truzzi traduz isto de maneira muito apropriada: “Um relevo caprichoso[...] dificulta a comunicação, estimulando o localismo das comunidades e acentuando diferenças, divisões e preconceitos. Se a família constitui elemento fundamental de reprodução de valores –entre os quais a honra familiar desempenha papel de destaque-, a aldeia representa o locus onde tais valores foram cultivados e onde as gerações anteriores da família viveram”. (TRUZZI. 2005, p 3). Esta forma de ligação à aldeia ou cidade será reproduzida na terra para onde imigraram, quando da criação de clubes e instituições cujos nomes (Homs, Zahle, Rachaya, Syrio, Monte Líbano, etc) revelam esta postura bem fragmentária ou segmentada, no nítido espírito de aldeia menor. Fora da aldeia é como estar em terra estranha, mesmo dentro do próprio país.

Esta região foi palco de conflitos bastante violentos e longos, sendo apresentados nos noticiários, levando estes países a serem alvo de atenção. No entanto, mesmo com a presença na mídia, ainda ocorre alguma confusão quanto à sua localização, divisão geográfica e estruturação política, sendo comum referir-se a sírio-libanês como se fosse de um único país. Na verdade são dois países autônomos e distintos e o mapa a seguir apresentado nos oferece a idéia do que seja a região e a divisão geográfica entre Síria e Líbano, evitando confusões e equívocos neste sentido de localização e visualização geográfica.



(TRUZZI. 2005, p7)

3.1) Síria:

Embora seja um país que tenha alcançado sua independência em 1945, sua existência, como nação e país, remonta a tempos antiquíssimos no Oriente (2 Samuel 8:6; Isaías 7:2; 7:8 entre outros) integrando o panorama das potências nos tempos iniciais da monarquia hebréia.

Sua história registra que em 1516 foi subjugada pelos turcos otomanos, passando a ser designada Grande Síria (ou Síria), incluindo o atual território da própria Síria e do Líbano, persistindo tal situação até 1918, quando ao final da Primeira Guerra o Império Otomano caiu. (TRUZZI. 2005, p 1-2).

Seu território constava de uma área de 650 por 250 Kms. Com a queda do império Otomano, as potências européias assumiram o controle da região, ficando a França com o controle, sob o regime de Mandato, mas que passou a ser, de fato, “protetorado”. Salomão Jorge registra: “Eis as palavras do deputado francês Angoulvant, publicadas em 1926 em “Le Journal”: ‘Confundimos a fórmula do mandato com a do protetorado. Quisemos administrar esses países como se se tratasse de colônias da África ou da Indo-China, em lugar de nos limitarmos a representar, ante

os povos que os habitam, o papel de árbitros, conselheiros e controladores' ”. (JORGE. s/d, p 526). Esta postura francesa será vista quase como um golpe e no Brasil passará a ser conhecida como “perfídia ocidental” (TRUZZI. 1992, p.45). Não houve, senão, entendimento de que tal atitude foi uma traição promovida pelas potências aliadas, que contaram com a ajuda destes “dois países” para tornarem-se vitoriosas no conflito de 1914-1918.¹⁹

A independência veio, como dito, em 1945, após o término do conflito conhecido como Segunda Guerra Mundial, ensejando à Síria estruturar sua política própria, mesmo que às vezes tumultuada e conflitiva (anexo 1).

A Síria pode ser vista, no campo religioso, como de predominância muçulmana com xiitas, sunitas e drusos compondo a estrutura islâmica do país. A topografia é de predominância desértica, com planícies e também região beira-mar (Mediterrâneo). A sede do governo está em Damasco.

3.2) Líbano:

À exemplo da Síria, o Líbano também é citado na Bíblia e sua história é muito antiga (Dt.,1:4; 2Cr.2:8 ; Ct.3:8; Is.60:13). Sua capital é Beirute, sendo uma das quatro cidades litorâneas. Já foi chamada de “a Suíça do Oriente Médio não só em função de seu sistema financeiro, mas também por ser uma cidade rica no aspecto cultural e tolerante socialmente” (GATTAZ. Tese de doutorado, 2001, p 112). Mas, devido às guerras civis e conflitos ocorridos na segunda metade do século vinte, esta situação foi drasticamente mudada e apresentada pelas redes mundiais de televisão.

A predominância é de relevo montanhoso em seu pequeno território que mede 10.400 Km² ou 1/55 da superfície da França, sendo cerca de 210 Kms de comprimento e a largura entre 40 e 70 Kms. (SALEM. 1969, p 22-24).

Os libaneses fazem questão de vincular sua origem aos povos fenícios, a fim de lhes fazer render crédito como povo avançado e intelectual, além de desbravadores e navegadores intemoratos, e os criadores do alfabeto. Tais elementos são vistos como características distintivas superiores em relação aos sírios. Estes, por sua vez, lembram que: “ Para revidar a vaidade libanesa, lembraram-se que, por ser montanhoso, o Líbano, ao longo de sua história, sempre acolhera fugitivos e ladrões” (TRUZZI. 1992,

¹⁹ Em 1916 foi firmado um acordo entre a França e Grã-Bretanha, conhecido como Sykes-Picot. Por este acordo o Império Otomano seria partilhado em três zonas: azul, pertencente à França; vermelha, pertencente à Grã-Bretanha e parda, pertencente à Palestina, onde seria colocada uma administração internacional, cuja forma seria decidida após consulta à Rússia. (HAJJAR. 1985, p 220). (Mapa anexo 2).

p.22). Esta forma de verem-se dá uma conotação de superioridade ao libanês: “O libanês é frequentemente bilíngue e pode ter acesso direto às duas maneiras de pensar, a dois universos espirituais dos quais ele sente pertencer-lhe, por vocação natural, o direito de ser o intermediário” (SALEM. 1969, p 103) e lhes serve de suporte para justificativa frente aos sírios. Truzzi afirma: “Verdadeira ou não, o relevante é que o apelo à origem fenícia lhes é bastante conveniente em termos da construção e da manipulação da própria identidade da colônia, lhes coloca no sangue as habilidades do comércio e o gosto pela aventura (os fenícios foram hábeis navegadores, estabelecendo rotas comerciais por todo o mediterrâneo) e de quebra lhes dá sociedade numa das invenções mais importantes da civilização: o alfabeto” (TRUZZI. 1992, p 21-22) .

A manifestação religiosa predominante no Líbano é a cristã, embora atualmente esta superioridade já não se mostre tão acentuada, devido ao “avanço” muçulmano.

Sua trajetória política após 1918 é complexa. Os franceses passaram a dominar (19/10/1918) com a designação do “Haut Commissariat Général”. Em maio de 1920 ocorre a chamada declaração do “Grande Líbano”, sendo que em maio de de 1922 foi eleita a primeira Câmara dos deputados e a República Libanesa declarada em 23 de maio de 1926 e eleito o primeiro presidente. (SAFADY. 1966, p 95).

Deve-se notar, no entanto, que apenas em 22 de novembro de 1943 é consolidada a independência, ocorrendo a retirada francesa e estabelecimento de domínio pleno pelos libaneses em 31 de dezembro de 1946.

Em seu universo político complexo, um instrumento de estruturação política ficou conhecido como “Pacto Nacional Libanês”, sendo um acordo de cavalheiros entre muçulmanos e cristãos para a boa e pacífica convivência. Este pacto é assim resumido por Safady:

- “1- Os cristãos não pedem proteção estrangeira.
- 2- Os muçulmanos não pedem anexação a outros estados árabes e respeitam os limites atuais do Líbano.
- 3- A presidência da República, a chefia do exército e da segurança são cristãos maronitas.
- 4- O chefe de governo, muçulmano sunita.
- 5- O presidente do parlamento, muçulmano chiita.
- 6- O sub-chefe de governo e do parlamento, cristão-ortodoxo.
- 7- Os deputados são na proporção de seis cristãos e 5 muçulmanos, totalizando, agora, 99 deputados.”(SAFADY. 1966 p 96-97)

Embora este pacto seja visto como um intento de pacificação e coexistência tranquila pela sua estrutura mista, a desproporção acabou por ser motivadora de conflitos sérios, devido ao aumento da população muçulmana.

Gattaz assim se expressa:

“Nas décadas seguintes, o Pacto Nacional fracassou devido ao fato de basear-se em duas asserções falsas: 1) que o consenso da elite refletia a opinião popular e comunal; 2) que o balanço populacional permaneceria estável na razão existente entre cristãos e muçulmanos no início da década de 1940. Estes falsos pressupostos estiveram na raiz dos conflitos de 1958 e dos anos 1975-1990.” (GATTAZ. 2001, p 11).

4) Distinções:

A designação “imigração sírio-libanesa” é indicativa de incorporação destas duas nações ou países como sendo ou enfeixando uma única realidade, ainda que isto não corresponda, de fato, à verdade.

Assim, como se faz necessária distinção entre Síria e Líbano (sírio e libanês), im é imprescindível que se façam, também, algumas distinções quanto a certos designativos destes imigrantes, a fim de haver melhor compreensão do assunto.

4.1) Turco:

Nos primórdios da imigração dos oriundos da Síria e Líbano, a designação dada a todos eles indistintamente era a de “turcos”. Knowlton se refere a isto deste modo: “Todos os imigrantes do Oriente Próximo foram classificados como turcos até 1892, quando os sírios passaram a ser inscritos separadamente. Como o Líbano era considerado parte da Síria até a primeira Guerra Mundial, todos os libaneses foram incluídos entre os sírios”. (KNOWLTON. 1961, p 37).

De fato, o motivo da dominação turca-otomana sobre a região sírio-libanesa, fazia com que os documentos, inclusive passaportes, fossem expedidos pela autoridade turca (império turco), fazendo seus portadores serem, portanto, vistos como cidadãos turcos. Truzzi comenta este fato e assevera:

“Como até o final da Primeira Guerra Mundial, quase a totalidade dos imigrantes da colônia veio ao Brasil com passaportes turcos, foram identificados com o seu dominador, o que lhes causou imenso dissabor. O fenômeno não se restringe ao Brasil. Também na Argentina (e provavelmente em outros países da América Latina) sírios e libaneses foram e ainda são

comumente chamados de turcos. Esta primeira denominação se fixou.” (TRUZZI. 1997, p 68).

Dessarte, deve-se ter claro que a designação de turco não se aplica, *in casu*, ao indivíduo nascido na Turquia, já que o número de turcos imigrantes para o Brasil foi quase nula (TRUZZI. 1997, p.68). Tal designação foi e é vista como pejorativa e repulsiva pelo sírio e o libanês. Os imigrantes reagiam e reagem com certa rudeza a tal identificação. Isto é apontado por Jorge Amado em seu Romance “Gabriela cravo e canela” em relação à figura do “turco” Nacib, que repelia com veemência e irritação tal apodo:

“-Turco é a mãe!

- Mas, Nacib...

- Tudo que quiser, menos turco. Brasileiro – batia com a mão enorme no peito cabeludo- , filho de sírios, graças a Deus.

- Árabe, turco, sírio é tudo a mesma coisa.

- A mesma coisa , um corno! Isso é ignorância sua. É não conhecer geografia. Os turcos são uns bandidos, a raça mais desgraçada que existe. Não pode haver insulto pior para um sírio que ser chamado de turco”. (AMADO. 1975, p 45).

4.2) Árabe:

Esta é uma questão um pouco mais complexa e sutil que a anterior, cujo aspecto histórico é bem nítido e determinante da designação feita como turco. A dificuldade se mostra porque os libaneses se vêem não como árabes, mas como descendentes dos fenícios e têm seu orgulho ligado fortemente a isto. (SAFADY. 1966, p 193-194).

Salem fala da invasão árabe no século VII como geradora de grande movimento migratório, sendo este ponto apresentado como elemento “arabizante” da região com implantação da língua, costume e religião. (SALEM. 1962, p 32).

Truzzi trata desta questão e busca estabelecer o conceito adequado e diz o seguinte:

“A designação ‘árabe’ é bastante artificial, embora tanto cristãos quanto muçulmanos no geral orgulhem-se de suas raízes culturais árabes de um passado longínquo. É sensato duvidar que um número significativo de imigrantes tenha alguma vez discutido questões a respeito de quem é árabe e o que isto representa. Tais questões tornaram-se relevantes apenas em círculos intelectualizados, preocupados com o movimento de unificação árabe internacional. No contexto pós Segunda Guerra, o termo árabe ganhou mais robustez em virtude da polarização com os judeus, tendo a criação do Estado de Israel em 1946 e, posteriormente, a humilhação da derrota na Guerra

dos Seis Dias em 1967 contribuído para tal. Entretanto esta identificação no Brasil nem de longe chega a ter o mesmo significado que nos Estados Unidos. Lá a identidade árabe significa muito mais, provavelmente em razão da ostensiva política externa pró-Israel cumprida pelo governo americano”.(TRUZZI.1992, p 23).

Jorge Safady traz alguns aspectos importantes sobre o termo árabe e o sentido adequado a lhe ser dado. Vejamos: “O termo ‘árabe’ não é sinônimo de ‘islam’ ou ‘muçulmano’. ‘Árabe’ significa ‘ocidental’. Com o tempo, o termo ‘árabe’ (árabi-árab-gharb) generalizou-se. Foi dado também aos habitantes do deserto. Nos últimos dois mil anos, o termo veio a ser aplicado com frequência à vasta península arábica e aos seus povos...O termo não significa uma raça etnicamente reconhecida. Ao contrário, os povos árabes, em todas as suas épocas históricas, eram e continuam sendo de uma heterogeneidade étnica... ‘Árabe’ não representa uma religião, nem uma raça, nem um Estado determinado. Corresponderia aos termos ‘americano’, ‘europeu’, ‘asiático’, ‘anglo-americano’, etc”. (SÁFADY. s/d, p 133-134).

4.3) Sírio-Libanês:

Podem ser encontradas ocorrências de designação composta com sentido de unidade no âmbito geo-político: austro-húngaro, techeco-slovaco e outros. A indicação é para determinada região como única, mas com unidades formadoras, sejam estas independentes ou não.

Esta situação é aplicável ao caso “sírio-libanês”, ao mencionar-se como unidade geo-política aquilo que, na verdade, não é uno. Knowlton faz distinção adequada ao referir-se à imigração de sírios e libaneses e a mobilidade destes dois grupos. Ele mesmo oferece explicação para esta forma unívoca de percepção: “Como o Líbano era considerado parte da Síria até a primeira Guerra Mundial, todos os libaneses foram incluídos entre os sírios”. (KNOWLTON. 1961 p37).

Truzzi também coloca a questão de modo bastante interessante quando faz referência ao “turco” Nacib, criado por Jorge Amado: “Tal como no caso de Nacib, o restante da sociedade brasileira não dispunha de nenhum elemento para distinguir libaneses de sírios e suas respectivas origens. Nesse processo, foram agrupados numa categoria menos precisa e mais geral, fundidas suas identidades nessa coletividade maior, fruto da interação que o restante da sociedade mantinha com o grupo” (TRUZZI. 2005, p 56).

Embora falantes do árabe, geograficamente fronteiriços e outrora compostos na chamada “Grande Síria”, não são uma unidade e fazem questão de verem-se distintivamente : “sírios queriam ser chamados de sírios e libaneses de libaneses”. (TRUZZI. 1997, p. 68).

5) Imigração de sírios e libaneses:

5.1) A presença do sírio e libanês no Brasil anteriormente a 1871:

Como foi dito, as histórias destes povos em terra brasileira se revestem de elementos heróicos e, às vezes mitológicos. Fala-se da presença fenícia no Brasil remontando-se aos tempos do Antigo Testamento. As inscrições, ditas fenícias, na Pedra da Gávea são oferecidas como prova desta presença em solo brasileiro, na tentativa de enfatizar a ação, sobretudo, libanesa em nossa pátria.

Informações nos são dadas sobre elementos árabes cristãos aqui chegados com os portugueses. Afirma Salomão Jorge que : “Tomé de Souza, em 1548, trouxe em sua companhia alguns ‘cristãos do oriente’, que eram libaneses, únicos orientais que professavam a religião de Cristo...” (JORGE. s/d, p 83).

São do registro de Salomão Jorge os trechos a seguir e que, apesar de possíveis exageros e ufania, indicam a presença de “turcos” no Brasil. Seguem os apontamentos: “ Muitos dos libaneses que já se achavam estabelecidos na Capital Brasileira, na época imperial, possuíam recursos pecuniários e ajudavam os compatriotas... O Vice-Rei do Brasil, naquele ano (1808), Conde de Arcos...obteve então o beneplácito do libanês Anacleto Elias, rico proprietário no Campo de Santana, que lhe cedeu a moradia.” E ainda: “ Quando, em 1808, D. João, El Rei de Portugal, veio para o Brasil, não encontrou nenhum solar digno de sua pessoa. Um “turco” (como o povo chamava qualquer libanês naquele tempo), aliás um libanês legítimo...comerciante no Rio...e cujo nome de origem em língua árabe era Antun Elias Lupos, tendo depois de sua chegada ao Brasil e ter vivido alguns anos em Portugal, adotado seu nome em idioma português para o de Elias Antônio Lopes, imediatamente ofereceu sua quinta para residência imperial. Aceito o oferecimento passou D. João a residir nela...Esse local tornou-se ...Paço de São Cristóvão onde nasceu o Imperador D. Pedro II, sendo hoje o Museu Nacional...No Museu Histórico e Geográfico Nacional poderão ser vistos a fotografia e o documento relativos a essa cessão”. (JORGE. s/d, p 87-89).

Mesmo desconsiderando alguns aspectos que poderiam ser vistos como excessivos, as indicações da presença de “turcos” no Brasil, ainda que pequena e restrita, parece ser sustentável.

5.2) Causas motivadoras da imigração:

O sistema de causa e efeito não deve ser visto como o “modus operandi” dos movimentos sociais. Mas, por outro lado não se pode desprezar o fato de que sempre haverá causas que hajam motivado o desencadeamento do processo, ou os elementos geradores do fenômeno. Na literatura pesquisada os autores apresentam causas ou fatores que influenciaram a imigração para o Brasil.

Martes faz uma abordagem interessante sobre o assunto relativo a imigração ao falar de duas correntes: “A corrente denominada *political approach* relaciona a emergência dos fluxos migratórios a uma série de constrangimentos e incentivos políticos definidos no interior dos chamados Estados Nacionais. Ela enfatiza o alto grau de indução dos movimentos migratórios ao considerar que as nações, através de legislação e de políticas governamentais, modelam os padrões de imigração...”, e a clássica *push and pull theory* (atração e repulsão) que, basicamente, alinha fatores que atraem (presentes no lugar de destino do imigrante) e aqueles que afastam ou repelem em seu lugar de origem. (MARTES. 2000, p 33-34). Sem aprofundar este campo de debate, será adotada (à exemplo dos autores pesquisados) a teoria básica que oferece as causas, ou melhor, os motivos da saída da terra de origem em demanda de outras.

5.2.1) Econômicas:

Alguns aspectos são alinhados pelos estudiosos do tema e apontados como geradores da “febre migratória”. Knowlton (p 25) e Truzzi (2005, p.6) apresentam o declínio da produtividade agrícola pelo empobrecimento do solo e o crescimento populacional, tornando impossível à pequena propriedade rural gerar a manutenção da família cada vez maior. A incapacidade de subsistência fará com que seja buscado, em outra terra, o sustento. Esta tese é admitida também por Gattaz: “O fator que se encontra na origem da emigração libanesa, e que ao longo dos anos desempenhou importante papel, é constituído pelo conjunto de necessidades econômicas e materiais decorrentes da relação entre a pequena produtividade agrícola e a alta densidade populacional que desde meados do século XIX caracterizou aquele país”.(GATTAZ. 2001, p 72).

A entrada de produtos estrangeiros, devido ao implemento dos transportes marítimos, fez com que o labor artesanal ficasse prejudicado, afetando a renda familiar. A construção do canal de Suez ensejou o comércio de seda japonesa, que aliada à invenção do rayon acabou por eliminar a sericicultura ('bicho da seda') e a fabricação artesanal deste produto.

Outro fator apresentado por Knowlton foi a praga da 'phylloxera' (cerca de 1890) que atingiu os vinhedos, destruindo as plantações e impossibilitando a produção de vinho (KNOWLTON. 1961, p 26). Fala ainda do "banditismo e extorsão", submetendo todos à "instabilidade e violência", sem haver garantia quanto ao patrimônio físico ou de bens conquistados (p 24-25).

5.2.2) Sociais:

É evidente que as causas econômicas têm conotação social. Mas, aqui trata-se do aspecto chamado "imigrante torna-viagem" (KNOWLTON. 1961, p 26). Estes indivíduos que retornavam às aldeias depois de algum tempo de emigração, vinham com discursos laudatórios e entusiastas sobre as terras estrangeiras, as facilidades, recursos e vantagens lá existentes, além de mostrarem uma razoável quantia de dinheiro trazida consigo ou já enviada à terra natal.

Outro aspecto de ordem social está ligado aos envios ou remessas de valores feitos à família, que poderia então melhorar a residência ou adquiri-la, ou comprar uma propriedade rural, gado, loja, etc, gerando a ascensão social e angariando o prestígio entre os demais da aldeia ou cidade.

A facilitação para emigrar, oferecida por aqueles que estavam instalados nos países de destino, oportunizando aos familiares a ida com certa segurança de encontrar lugar de estada e trabalho a realizar, foi outro fator importante.

Deve ser levado em conta ainda o aspecto da diferença entre o salário nos países de origem e os de destino. Knowlton registra a transcrição de um relatório de missionários protestantes que fala sobre o assunto: "Um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$300 ou \$400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos." (KNOWLTON. 1961, p 30).

É apontado ainda o aspecto da “facilitação” do financiamento da viagem por agiotas com juros garantidos pelas hipotecas de propriedades de família. Os líderes das aldeias eram comissionados por imigrante enviado (KNOWLTON. 1961, p 27).

Aqui neste ponto, não posso deixar de registrar como tal processo é similar ao fenômeno migratório ocorrido na região de Governador Valadares-MG-, onde residi por 26 anos. A idéia de ir e voltar, de adquirir a casa e uma “terrinha”, os contatos que já estão nos EUA e facilitam a ida, a ascensão e *status* social do “filho na América” e os “consules” (agenciadores agiotas), a escassez de oportunidade de emprego, a diferença de remuneração, são pontos convergentes e dignos de nota no sentido da percepção similar do processo de emigração-imigração.

5.2.3) Político-religiosa:

A religião é fator de grande força e importância na estrutura da sociedade, seja formando, seja justificando o comportamento, costumes, etc. No Líbano e Síria isto não era e não é diferente, sendo fator inegável na composição do movimento migratório.

De acordo com a informação dada por Knowlton (op.cit. p19) a invasão dos territórios do Líbano e Síria pelo Egito, em 1831, estabelecendo igualdade entre muçulmanos e cristãos, ocasionou a entrada de missões estrangeiras, protestantes ou não, plantando escolas e fazendo o elo no contato com o ocidente. Com a saída dos egípcios os conflitos eclodiram, tendo seu climax em 1860 com camponeses maronitas (cristãos) combatendo seus senhores drusos (muçulmanos). Estima-se em 10 mil cristãos mortos neste conflito. As potências estrangeiras acabam por intervir nesta situação e a presença ocidental se torna mais evidente. Estes combates e conflitos em desfavor dos cristãos fizeram com que muitos deles emigrassem.

Truzzi registra que Alixa Naff discorda desta tese: “Naff argumentou que perseguições na Síria, forçando cristãos a emigrarem, constituiu um mito forjado sobretudo por políticos árabes na América após o fim da Primeira Guerra Mundial. Ponderou esta autora que os mais interessados em propagar tal tese foram os maronitas, ardentes defensores do Líbano sob o regime de protetorado francês. Junto às entrevistas que recolheu entre informantes cristãos, afirma que em nenhuma delas o tema das perseguições veio à baila”. (TRUZZI. 1997, p 23).

Outro fator apontado é a conscrição. Até 1909 os cristãos que integravam o Império Turco eram liberados do serviço militar. Gattaz afirma que: “...em 1903, os

turcos instituíram o alistamento militar dos cristãos do Líbano para os auxiliarem nas guerras dos Balcãs – obrigação da qual até então eram isentos – forçando muitos jovens a emigrar como meio de fugir ao recrutamento”. (GATTAZ. 2000, p 74). O tratamento imposto aos cristãos e o receio de ser enviado à guerra levaram muitos a emigrarem.

Gattaz alinha outro elemento (também dado por Knowlton) que foi o de “oposição ao regime de mandato francês”. (p 76). Ao verem que após a Primeira Guerra Mundial, não fôra concedida a independência e que as atitudes da potência estrangeira (França) eram similares ou piores que as dos turcos, existindo acentuada desigualdade, onde até “ o cavalo do oficial francês era distinguido com o dobro da ração do cavalo do sírio ou do libanês” (JORGE. s/d p 526) a revolta foi grande e também a desilusão, fazendo com que muitos deixassem o país.

5.3) Destino:

O movimento migratório envolve o lugar de onde se vai e aquele para onde se quer ir. Assim a pergunta se impõe: quais eram os destinos preferidos dos sírios e libaneses e por que os elegeram? Alguns destinos são apresentados: Estados Unidos, Canadá, Argentina e Brasil. (TRUZZI. 2005, p 6)

Dentre os possíveis o mais procurado eram os Estados Unidos, sendo este o país que mais recebeu imigrantes entre 1880 e 1930 (TRUZZI. 2005, p 8), pelo fato do contato com os missionários americanos que chegaram à região no final do século XIX e a familiaridade com a língua inglesa. Embora os Estados Unidos fossem o destino de maior interesse, muitos acabaram redirecionando sua destinação, uma vez que não puderam entrar naquele país por não obterem visto de entrada por problema de saúde (tracoma – doença que afeta os olhos -) ou analfabetismo (KNOWLTON. 1961, p 34). Deve-se considerar a existência de muita má fé e ludíbrio, conduzindo indivíduos ao Brasil (e não aos EUA), sob a alegação de que “tudo era América”.

Neste contexto passa-se a ser formada a chamada “imigração em cadeia” que Gattaz assim define: “estímulo da emigração daqueles que ficaram, pelos excelentes resultados econômicos atingidos pelos imigrantes pioneiros”.(GATTAZ. 2000, p 80). Truzzi também alinha este fator que fez do Brasil o destino de tantos ao dizer: “Por último, cumpre ressaltar o contínuo processo de realimentação que representou a importação de parentes e conterrâneos pelos já estabelecidos. Não há dados precisos a esse respeito no Brasil, mas tudo indica que esse efeito de cadeia foi responsável por enormes parcelas de imigração síria e libanesa”.(TRUZZI. 1997, p 56). Esta “cadeia” é

formada por aqueles que são chamados de “emigrantes de torna-viagem”. (KNOWLTON. 1961 p 35).

O fruto deste movimento foi o aumento significativo do fluxo de imigração no Brasil, conforme comentário de Wadih Safady: “Os primeiros grupos que voltaram à terra natal introduziram em todo o Líbano as boas notícias sobre o Brasil, seu povo pacífico, sua hospitalidade e a facilidade de trabalho. Daí, começaram a aumentar em número os pretendentes de deslocamento para o Brasil, e os navios aumentavam cada ano seus passageiros...imigrantes ‘ben-árabes’ ”.(SAFADY. 1966, p 163).

Assim é possível concluir que o Brasil veio a ser destino do emigrante sírio-libanês devido às dificuldades de ingresso nos EUA; ardil das companhias de navegação; incentivo dos imigrantes “torna-viagem” com informações favoráveis sobre o Brasil e a presença de parentes.

A viagem destes emigrantes em busca de seus destinos era feita de navio, sendo a rota estabelecida da terra de origem até um porto europeu ocidental (costumeiramente em Marselha, França) e daí para as Américas, fosse qual fosse esta América. (TRUZZI. 2005, p 8).

5.4) Conceito de imigrante:

A conceituação sobre imigrante não foi sempre a mesma no Brasil, tendo significados diferentes em momentos diversos na história, até firmar-se adequadamente em data já mais próxima da segunda metade do século XX. Registra-se o escrito de Knowlton sobre isto: “As autoridades brasileiras antes de 1834 definiam como imigrantes todos os estrangeiros de terceira classe que desembarcavam em portos brasileiros. Estrangeiros viajando na primeira e segunda classe eram considerados turistas ou visitantes [...] Em 1934 passaram-se leis redefinindo o termo ‘imigrantes’. Imigrantes passaram a ser as pessoas entradas no Brasil para exercer um ofício ou profissão por mais de trinta dias. Não imigrantes eram indivíduos que permaneciam no Brasil até trinta dias [...] em 1938 dois novos termos foram adotados, ‘permanentes’ e ‘temporários’. [...] temporários são turistas, viajantes, passageiros em trânsito, técnicos, cientistas, etc, que entram no Brasil por vários períodos sem a intenção de residência definitiva. Permanentes são pessoas vindas ao país em busca de um lar definitivo”. (KNOWLTON. 1961, p 35-36).

5.5) Fases da Imigração:

A imigração sírio e libanesa no Brasil não foi homogênea ao longo do tempo, ao contrário, conheceu oscilações bem significativas, motivadas por situações no Brasil, nas terras de origem ou mesmo internacionais.

Wadih Safady apresenta a idéia de fases da imigração em um sentido diferente do que tomaremos aqui. Neste trabalho o sentido é cronológico e temporal, enquanto para Safady trata-se do desenvolvimento sequencial do imigrante nas fases de “penetração, estabilização e integração” (SAFADY. 1966, p 178-179).

Será utilizada a tábua cronológica proposta por Gattaz (2001), ainda que o interesse maior deste trabalho se ligue às duas primeiras fases ali apresentadas.

5.5.1) Primeira fase: (1880-1920)

Este é o período do desbravamento e do pioneirismo, do heroísmo e das narrativas lendárias. Os motivos geradores estão ligados às questões apontadas anteriormente como os conflitos religiosos, comprometimento da indústria caseira pela importação da seda e outros produtos, crescimento da “família grande”, ou seja, três gerações tendo que obter seu sustento do mesmo pedaço de terra já cansado pelo uso ao longo de séculos, entre outros.

Embora esta fase seja apontada como tendo início em 1880, Knowlton aponta o ano de 1871 como marco oficial da imigração sírio-libanesa no Brasil: “Entretanto, outro número do mesmo boletim em 1945 consigna os primeiros imigrantes como tendo entrado no Brasil em 1871. [...] À luz dessa evidência o ano de 1871 é aceito como data em que os primeiros sírios e libaneses entraram no país”.(KNOWLTON. 1961, p 37) .

Nesta fase a imigração foi lenta, havendo nos primeiros 20 anos (1871-1891) o registro de apenas 156 sírios e libaneses (turcos) entrados no Brasil. (KNOWLTON. 1961, p 37). Registra-se que houve ausência de entradas (ou registro delas) em doze diferentes anos deste período (72, 75, 76, 78, 79, 82, 86-90) e em nenhum ano houve mais de 50 imigrantes. (KNOWLTON. 1961, p 39-40).

A partir de 1892 há um forte movimento imigratório, coincidindo com relatórios de missionários americanos no Líbano que falam de uma saída vertiginosa do país. “A febre migratória não dá indícios de diminuir chegou a tornar-se uma mania. Tirou de nossas igrejas alguns dos seus membros mais úteis; muitos dos professores dão sinal de inquietude. [...] A emigração, como um fermento possante agita todas as aldeias e povoados de nosso campo.[...] As cartas que escrevem, as histórias que narram, e o

dinheiro que trazem, acrescentam ímpeto ao movimento.” (KNOWLTON. 1961 p 29 30).

O auge deste período será em 1913 registrando 10.886 “turcos” e 215 sírios. (KNOWLTON. 1961, p 40). Deve-se notar que os sírios passaram a ser registrados como tais a partir de 1892 e os libaneses apenas em 1926.

O início da Primeira Guerra Mundial trará consigo uma desaceleração ao processo, baixando da casa dos milhares para a das centenas, retomando os milhares em 1920. A informação censitária daquele ano (1920) acusou a presença de 19.290 turcos-asiáticos no estado de São Paulo e 5.988 na capital. (TRUZZI. 1992, p 9). (Anexo 3)

5.5.2) Segunda fase: (1921-1942)

Nesta está compreendido o término da Primeira Guerra Mundial , bem como a instituição do “mandato francês”, embora houvesse a proclamação da República do Líbano em 1922, criando o chamado “Grande Líbano (GATTAZ. 2001, p 67), até a independência.

A dominação factual francesa e seus arbítrios, desmandos e preferências, fez com que ocorresse uma nova movimentação migratória para o Brasil. Questões de ordem político-ideológicas e sócio-econômicas são dadas como justificativas para a imigração neste período, cujos números são apresentados a seguir. O total consignado por Knowlton é de 78.637 “turcos”; 20.538 sírios e 5.206 libaneses, ou seja, 104.381 “turcos sírios-libaneses” sem computar armênios, marroquinos, egípcios e argelinos. (KNOWLTON. 1961, p 41).

Digno de nota o fato de que entre 1920 e 1930 “flutuou entre um e cinco mil, com 7.308 no ano máximo, 1926”. (op. cit. p38). As condições críticas de pós-guerra no Líbano e os desmandos da França neste período são apontados como causa deste aumento de fluxo; enquanto que a depressão americana e mundial (1929), a implantação do sistema de quotas de imigração no Brasil e a eclosão da Segunda Guerra Mundial reduziram significativamente a imigração, justificando os números baixos no final do período. (KNOWLTON. 1961, p 40-41). (anexo 3)

5.5.3) Terceira fase: (1943-1970)

Esta fase e a seguinte têm uma modificação quanto ao elemento imigrante, passando a ser de maioria muçulmana: “Mais recentemente, nos anos 1950 e 1960, a

imigração de muçulmanos libaneses em certa medida atualizou as trajetórias sociais seguidas pelos antigos imigrantes...” (TRUZZI. 2005, p 48).

Há neste período alguns aspectos peculiares quanto aos fatos motivadores da imigração. Situa-se no término da Segunda Guerra Mundial que traz nova configuração de força entre as potências, redesenhando a geografia de algumas regiões, inclusive a Palestina. Estão inseridos também a independência do Líbano (1943) e da Síria(1945) e a criação , na região, do Estado de Israel (1947). Deste modo podem ser vistos como fatores motivacionais para a imigração os seguintes:

1º) Conflitos:

Em 1947 a Assembléia Geral da ONU colocou em votação a proposta de criação de um “Estado Judeu” e de um “Estado Árabe”, devendo haver administração da ONU até 1948. (GATTAZ. 2001, p 93-94). Esta situação tornou-se conflitiva em termos dos interesses de ambas as partes; os judeus desejavam conseguir mais e os árabes não queriam só aquilo que fora oferecido. A Inglaterra antecipa sua retirada dos territórios e em maio de 1948 é proclamado o Estado de Israel. Tal ambiente de instabilidade faz explodir o conflito de 1948 chamado “Guerra da Palestina” (para árabes) ou “Guerra da Independência” (para judeus) ou “Desastre” (para palestinos). (GATTAZ. 2001, p 97).

2º) Independência e nacionalismo:

Em 22 de novembro de 1943 dá-se a oficialização do Dia da Independência do Líbano (TRUZZI. 2005, p 92). A necessidade de assentar os interesses e estabelecer a boa convivência, gerou uma estrutura que acabou por ser, posteriormente, motivo de conflitos. Oficializa-se o “Pacto Nacional Libanês”, definindo-se o esquema do governo e ocupação dos cargos nos moldes já apresentados neste trabalho (item 3.2). Para Gattaz, este pacto falhou e tornou-se elemento de conflito por não refletir a opinião popular e comunal e desconsiderar que o balanço populacional (cristão-muçulmano) não se manteria estável.

3º) Refugiados e aumento populacional:

Ao término dos anos 1960 o conflito entre palestinos e israelenses estava em ebulição. A Organização para Libertação da Palestina havia sido expulsa da Jordânia como “indesejada”. Seu destino foi o Líbano onde instalou seu comando, aproveitando a presença de refugiados palestinos. Esta situação e a estrutura de apoio oferecida pela OLP aos palestinos, fizeram com que mais e mais refugiados chegassem e entrassem no Líbano, ocasionando um “inchaço” populacional e geração de bolsões de desigualdades cada vez mais evidentes. O equilíbrio estava comprometido e eclode mais um conflito

(1973) arrasando aquele “oásis do Oriente”. Tal contingente de refugiados representou um problema quanto ao desemprego e falta de trabalho, provocado pelo excesso de mão-de-obra. Isto acabou por incentivar a emigração (sobretudo de jovens) para países que sinalizassem com melhores condições de vida

5.5.4) Quarta fase: (1975-1990)

A guerra civil no Líbano em 1975 tornou-se fator determinante de grande êxodo da região, levando muitos a buscar outros países nos quais pudessem tentar realizar seus sonhos de vida melhor e em paz.

A pacificação vem em 1991 e o Líbano está sob ocupação Síria. Foi tempo trágico para a região. Gattaz afirma que “estes militantes (palestinos) viam o Líbano como a melhor base para lançar ataques contra Israel...” (GATTAZ. 2000, p 117). O mesmo autor entende que não se tratava de um conflito religioso e escreve: “...deve-se notar que estes campos têm objetivos claramente políticos e nunca a defesa da religião esteve em jogo; o campo majoritariamente formado por cristãos – a coalização do status quo – buscava preservar o sistema político libanês tradicional, enquanto que o campo principalmente muçulmano buscava transformar ou derrubar aquele sistema através de uma coalização revisionista”(GATTAZ. 2000, p 119). No entanto, seria, a meu ver, muito ingênuo negar o aspecto religioso como forte ingrediente no conflito, inclusive com os conhecidos “crimes do RG”²⁰.

O Líbano estava fragmentado, setorizado e dividido. Os jovens alistavam-se nas milícias para obterem algum sustento. Os que assim não faziam emigravam. Não havia emprego ou perspectivas muito dignas. Informações sobre um país onde não existia guerra ou segregação religiosa e que oferecia oportunidades de trabalho e sustento dignos, foram vitais para motivar a saída de tantos jovens neste período. O Brasil volta a ser visto como “terras de promessa”, recuperando a história da obra de Duoun editada em 1944.

O saldo desta trágica guerra fratricida é apresentado em números por Gattaz: 144.240 mortos, dos quais 129.816 civis; 197.506 feridos; 17.415 desaparecidos; 950.000 pessoas deixaram o país, sendo 650.000 cristãos e 300.000 muçulmanos. Isto para uma população estimada em 3.000.000 de pessoas em 1975. (op. cit 136).

²⁰ Estes crimes são assim chamados pelo fato de que a cédula de identidade no Líbano tem indicação da confissão religiosa do indivíduo, sendo assim, muitos foram sequestrados, torturados ou mortos por terem em suas carteiras de identificação a sua filiação religiosa. (GATTAZ, André. Op. Cit. 2001, p120).

5.6) Fatores de incentivo à imigração para o Brasil:

Fatores de incentivo podem ser apresentados como incrementadores da imigração para o Brasil em termos gerais (italianos, alemães, espanhóis e outros). Estes fatores serão tratados a seguir, sendo que aos sírios e libaneses podem ser aplicados os três últimos apontados. O destino dos emigrantes árabes incluía os Estados Unidos, Canadá e outros, inclusive o Brasil. Embora não fosse o de primeira escolha, o Brasil tornou-se um destino muito procurado e veio a ser o país com o maior número de imigrantes e descendentes de libaneses em todo o mundo. (GATTAZ. 2001, p 157).

Knowlton apresenta três fomentadores da imigração no Brasil (op. cit. p 35). Gattaz recebe dois deles e acresce outros três (op. cit p 158). Assim temos os seguintes fatores:

5.6.1) Geo-político:

Este é o mais antigo entre todos a serem apontados e liga-se à tentativa de se colocar um “equilíbrio” no regime de latifúndios presente no Brasil do século XIX, fazendo com que houvesse o surgimento de uma classe ou segmento de pequenos proprietários rurais e, ao mesmo tempo, se alcançaria o povoamento de áreas ainda inexploradas do território brasileiro. Os imigrantes seriam ideais na execução deste plano como agentes de “colonização” de tais glebas e regiões. (KNOWLTON. 1961, p 33).

5.6.2) Mão-de-obra agrícola:

A abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 com a Lei Áurea, decretou o final legalizado da mão de obra escrava no Brasil, já enfraquecida pelas leis do Ventre Livre (1871) e do Sexagenário(1885). A reposição destes braços na lavoura precisava ser feita e o caminho encontrado foi o da mão de obra imigrante. Algumas formas de vantagem e incentivo foram oferecidas aos que viessem, visando o deslocamento para as zonas rurais e agrícolas, sobretudo nas fazendas cafeeiras no Rio, São Paulo e Minas Gerais. A promessa e possibilidade de ter “sua terra”, despertou em muitos o interesse em vir para o Brasil, embora não fosse o caso específico dos sírios ou libaneses.

5.6.3) Mão-de-obra industrial:

O Brasil do final do século XIX e início do século XX começava a industrializar-se. Este processo acelerou-se e a mão-de-obra disponível foi se esgotando. A prioridade concentrava-se em pessoal especializado, mas a necessidade premente veio

determinar a liberação para a entrada do operariado. Os pátios industriais de São Paulo e estados do sudeste (Capital Federal, Rio de Janeiro e Minas Gerais) precisavam ser supridos e preenchidos, à exemplo de Juiz de Fora, que veio a ser conhecida como a “Manchester Mineira”, devido à grande quantidade de indústrias têxteis de médio e grande porte ali instaladas.

5.6.4) Legislação imigratória:

Se comparado aos Estados Unidos, este fator fez com que o Brasil se tornasse mais indicado, devido às leis mais rígidas naquele país. Mesmo havendo, desde o Império, permissão de ingresso de determinado tipo de imigrante, foi com o advento da República que o movimento se expandiu vertiginosamente. Em 1889 foi regulamentada a imigração que liberava a entrada de europeus não deficientes físicos, embora negros e asiáticos estivessem excluídos. Além disto, a concessão da nacionalidade foi ampliada pela Constituição de 1891, tornando brasileiros os estrangeiros que aqui residissem, salvo se declarasse renúncia a este direito. (GATTAZ. 2001, p 162). Houve, também, alguma forma de subsídio aos imigrantes europeus quanto ao auxílio para sua viagem de vinda ao Brasil e início de trabalho.

No “Estado Novo”, com Vargas, a legislação tornou-se restritiva, estabelecendo-se o regime de cotas de imigração, favorecendo os europeus de formação especializada, além do aspecto do interesse no “branqueamento” da população brasileira. Nisto os sírios e libaneses foram ajudados, pois apesar da língua e costumes exóticos para o Brasil, guardavam certa semelhança com o brasileiro médio e eram brancos. A legislação, grosso modo, foi elemento favorável para que a imigração se verificasse no Brasil.

5.6.5) Mobilidade social:

Aquele que sai de sua terra para emigrar, enfrentando os desafios da empreitada em estabelecer-se em outro país e cultura, nutre o desejo de ter uma condição melhor de existência na terra para onde vai, ou alcançar renda para fazer melhorar sua condição social na sua terra natal, para a qual espera retornar. Neste aspecto o Brasil oferecia condições para que o imigrante pudesse alcançar mobilidade ascensional na estrutura social. Esta possibilidade era comunicada por aquele que voltava à sua terra para buscar parentes ou casar-se e fazia, deste modo, acender nos demais o desejo de emigrar.

Ao que trabalhasse com afinco e se dedicasse com empenho ao labor, a possibilidade de crescimento se apresentava. Em particular no caso do sírio e do libanês sua escalada era percebida na trajetória de vendedor ambulante (mascate) a pequeno comerciante estabelecido com sua “lojinha” e atacadista e mesmo industrial. É digno de nota o fato de que já a primeira geração de sírios e libaneses estivesse alcançando graduação universitária como médicos, advogados e engenheiros e ingressando na vida política como legisladores e executivos. Truzzi faz o seguinte registro: “Assim, graças às condições relativamente favoráveis da inserção comercial dos libaneses, aos poucos, sobretudo a partir dos anos 30, começou a se configurar como um cenário possível a entrada de seus filhos no mercado (diga-se de passagem, então em plena formação) das profissões liberais. Seria inadequado afirmar que essa opção apresentou-se de modo irrestrito à colônia como um todo...”. (TRUZZI. 2005, p 73).

5.6.6) Liberdade religiosa e multiplicidade étnica:

Estes dois elementos são difíceis de serem encontrados em um mesmo país. Por vezes se terá multiplicidade étnica, mas restrição religiosa ou vice-versa. O Brasil é visto como um país de tolerância religiosa e étnica. Havia e há a idéia dominante da existência de relações fraternas, cordiais e de simetria entre todas as etnias e religiões no Brasil. A história do Brasil aponta, porém, para a intransigência religiosa e favorecimento do credo cristão de tradição romana, também registra a forma discriminadora com o índio, negro e amarelo.

O fato de que no final do século XIX e início do século XX a laicização (teórica) do Estado, bem como a abolição da escravatura trouxeram esta idéia de liberdade e igualdade, é inegável. No entanto, a realidade estava um tanto distante desta bela pintura ideal.

Este “mito da democracia racial” é apresentado por Borges Pereira nestes termos:

“O mito da democracia racial expressa-se e comprova-se através de certas evidências cuidadosamente selecionadas: a) Um sistema de etiqueta extremamente polido, que preceitua não ser de bom-tom ser indelicado com as pessoas, fazendo referências a seus eventuais “defeitos” (“defeitos” referem-se, neste caso, às peculiaridades raciais ou culturais). Neste plano periférico as relações sociais e individuais no Brasil compõem outro mito cultivado no país, o mito da cordialidade brasileira. b) A grande vocação histórica da sociedade brasileira em aceitar, sem maiores resistências, as influências estrangeiras,

evidenciadas no sincretismo cultural do país. c) O grande número de híbridos da população, principalmente de mulatos, a indicar falta de preconceitos do branco em aceitar parceiros(em geral, parceiras) sexuais de outras raças, mesmo a negra. d) A existência de personalidades que se destacaram em vários planos da vida nacional, “a despeito de suas características étnicas”. Essas personalidades, sempre citadas, funcionam como personagens-mito a reforçar a idéia da democracia racial” (PEREIRA. 2000, p 9).

O Brasil era visto como terra sem conflitos, lutas fratricidas ou guerras. Poder adorar seu deus na forma que julga ser a correta e ser respeitado; se ver recebido “sem reservas”, sendo tratado como “igual”, foram informações dadas aos seus patrícios sobre o que eles encontrariam nas terras brasileiras e que seus conterrâneos não conseguiam desprezar.

5.7) Características da imigração sírio e libanesa no Brasil:

Embora os movimentos migratórios tenham ou guardem alguns aspectos comuns entre si, há aqueles, no entanto, que particularizam ou especificam determinado movimento e determinado povo. Neste sentido a imigração sírio e libanesa no Brasil apresenta aspectos que lhe são peculiares e distintivos de outros, se comparada com a italiana, alemã ou japonesa. Podem ser alinhados os seguintes aspectos característicos desta imigração:

5.7.1) Urbana:

Os sírios e libaneses eram, em sua terra natal, ligados ao solo, à agricultura. Mas, embora tivessem esta ligação à terra, de modo surpreendente não se colocaram vinculados ao campo ou à agricultura. Borges Pereira comenta em seu artigo já citado o seguinte: “Dentre os cinco contingentes migratórios citados, os italianos, alemães e japoneses podem ser tomados como exemplos de imigrantes rurais, enquanto os sírio-libaneses e os judeus, como expressão de imigrantes urbanos [...] Como os judeus e, até certo ponto, como os espanhóis, os sírio-libaneses excluíram de seu projeto migratório a zona rural e se instalaram nas cidades, desempenhando funções urbanas” (PEREIRA. 2000, p 11 e 19).

Pode-se encontrar informação sobre este fato também em Truzzi, que afirma: “...os libaneses e os sírios reúnem simultaneamente duas características que lhes emprestam esta singularidade: são razoavelmente bem distribuídos entre as diversas regiões do território brasileiro e, ao mesmo tempo, apresentam um alto índice de

ocupações urbanas”. (TRUZZI. 2005, p 40). Ainda o mesmo autor escreve: “Além disso, Knowlton recolheu em suas entrevistas elementos que o fizeram deduzir que os primeiros mascates obtiveram muito má impressão da miséria em que vivia a população rural no Brasil, contribuindo para o seu afastamento do campo.” (TRUZZI. 1992, 51-52). De fato, Knowlton afirma que o sistema agrícola brasileiro de monocultura latifundiária do café, algodão e açúcar era estranho aos sírios e libaneses; não possuíam capital para adquirir terras, o que os fazia empregados braçais nas fazendas e por último, não haviam vindo para o Brasil com interesse de permanência. (KNOWLTON. 1961, p 136).

Por um motivo ou outro, vê-se que sua preferência foi pelo núcleo urbano, mesmo que no interior do país. Preferiam as cidades (grandes ou pequenas) onde montavam suas bases de atuação para seu empreendimento primeiro de subsistência: o comércio autônomo ambulante, ou mascateação.

5.7.2) Autônoma:

O “turco” não queria ser empregado, ou melhor, desejava ser dono de si mesmo. Não era de seu interesse ser trabalhador subordinado a patrão, mesmo na indústria, onde seria colocado em situação subalterna. Seu desejo e vontade de autonomia e independência o levam ao comércio ambulante inicialmente (mascateação), que será alvo de apreciação em lugar próprio nesta dissertação.

Truzzi reproduz uma afirmação de Ellis Júnior que diz: “Nas baixas camadas, o sírio prefere ser o mascate ambulante, vendendo meias, sabonetes, carretéis, etc. Jamais ele vestirá o ‘over-all’ do operário industrial ou empunharia a enxada do lavrador” (apud TRUZZI. 1992, p 73).

Knowlton também reconhece esta propensão para tal forma de comércio desenvolvida por estes imigrantes e registra sua forma de agir: “Não tinham preço fixo, vendiam pelo que achavam que o mercado podia pagar e viviam com muito pouco. Se o freguês não podia pagar a dinheiro, o mascate aceitava em troca borracha, gado, café, ouro, ou qualquer produto. Os sírios e libaneses também estavam dispostos a conceder crédito até por um ano de cada vez. Devido à sua flexibilidade e disposição de correr riscos, poucas nacionalidades podiam competir com eles”. (KNOWLTON. 1961, p 138).

Levando sua mercadoria, fazendo seu horário, exercendo sua liberdade de fixar preço e prazo e regateando com habilidade, fosse com sua canastra e matraca, cesta de verduras, caixa com quinquilharias, ou loja posta, sua marca era ser seu próprio patrão.

5.7.3) Auto-subsencionada:

Com a abertura dos portos às nações amigas, realizada por D. João VI em sua vinda para o Brasil, oportuniza-se a entrada de estrangeiros no Brasil. O Brasil, já no final do século XIX, passava por significativas mudanças na esfera política, social e econômica. A proclamação da República (1889) antecedida pela abolição da escravatura (1888), traçaram novos rumos na vida econômica do país. A necessidade de reposição de mão de obra no campo para a continuação da exploração cafeeira era urgente. Algumas providências foram tomadas como incentivo à vinda de imigrantes para o Brasil, sobretudo para o europeu. Uma destas foi o subsídio das passagens e auxílio na manutenção durante certo período após a chegada ao Brasil.

Isto foi tão necessário que os agricultores paulistas fundaram em 1886 a Sociedade Promotora da Imigração. Esta organização tinha o propósito de recrutar imigrantes na Europa (de preferência na Itália – o ideal branco, católico, europeu, civilizado), pagar as passagens da família e ajustar contratos nas fazendas (GATTAZ. 2001, p 161).

No entanto, os sírios e libaneses não foram alcançados com este benefício e as despesas de sua viagem, chegada, estada e inserção no Brasil era de sua inteira responsabilidade. Deste modo eles não estavam enquadrados no modelo de “colonização”, nem na de imigração subsencionada. Estabeleceram o que se chama de imigração voluntária. Gattaz fala sobre isto: “Em História Econômica do Brasil, Caio Prado distingue e nomeia os dois tipos de imigração: ‘Este processo de recrutamento e fixação dos imigrantes passou a ser denominado imigração subsencionada, reservando-se o nome de colonização ao primitivo sistema de localização de imigrantes em pequenas propriedades agrupadas em núcleos’ Ao lado deste destes dois modelos, posteriormente surgirá a imigração voluntária da qual os libaneses são o grupo mais representativo” (GATTAZ. 2001, p 160). Truzzi também registra este fato: “De inserção marcadamente urbana na nova terra, ao contrário dos outros grupos anteriormente provenientes da Europa Ocidental...os sírios e libaneses –também em contraposição a

outras etnias- vieram por conta própria, o que por eles é referido orgulhosamente como prova inequívoca de um espírito altivo”. (TRUZZI. 1997, p 20).

5.7.4) Individual:

Na estrutura do “colonato” ou da “imigração subvencionada” estava presente o núcleo familiar completo, possibilitado pelos incentivos oferecidos por estes sistemas aos imigrantes beneficiados. Como o modelo do imigrante sírio e libanês era diferente e os custos seus, ocorria o fenômeno da imigração individual, além do fato de que se alimentava o desejo de ficar rico e voltar logo.

O mais comum era que o jovem (normalmente sexo masculino) ou o chefe da família (não o patriarca velho) viesse e conseguisse numerário suficiente para patrocinar a vinda de outros integrantes da família ou toda ela, dependendo do caso.

É feita por Knowlton uma comparação com outras nacionalidades e conclui: “A diferença entre as várias nacionalidades pode-se explicar do seguinte modo: 1º) Os imigrantes sírios e libaneses eram geralmente rapazes. 2º) A maioria dos sírios e libaneses não veio em busca de um lar, mas para fazer fortuna e depois voltar ao país natal antes de se casar...” (KNOWLTON.1961, p 93).

Esta característica foi detectada e apontada por Truzzi, que faz o registro sobre o fato da vinda de imigrantes nas primeiras levadas ser de solteiros, ou seja, não de família completa : “Uma vez que vieram solteiros e quase sempre com a determinação de retornar à terra de origem depois de amedidar durante alguns anos algum capital que os fizesse viabilizar a vida...” (TRUZZI. 1992, p 52).

5.7.5) Temporária:

Esta peculiaridade está presente, embora a idéia de transitoriedade veio tornar-se para muitos permanência e fixação no Brasil. Truzzi afirma que até o final da primeira década do século XX “ o cálculo dos emigrantes era de que alguns anos de América seriam suficientes para lhes assegurar uma vida familiar próspera, em suas aldeias”. (TRUZZI. 1997, p 30). Para ele, este padrão de desejar o retorno predominou até 1910, sendo que alguns “fatores cumulativamente engendraram uma mudança do caráter de imigração de temporário para permanente” (op. cit. 31). No entanto, o próprio Truzzi entende que a Guerra Civil do Líbano (1975-1990) levou muitos a emigrarem provisoriamente apenas para escapar do período da guerra e alimentavam o sonho de

retornar, mas sem concretização, devido às condições desfavoráveis lá existentes depois dos conflitos.

Mesmo com a fixação de muitos, a mobilidade de entrada e saída de tantos confirma a tese da não permanência ou do desejo de voltar, ao apontar 21.223 saídas (45%) para um total de 47.361 entradas entre 1908-1939 conforme informação oferecida pelo próprio Truzzi. (TRUZZI. 1997, p 30).

5.7.6) Geografia:

Deixando de lado o aspecto heróico exacerbado e o idealismo mítico de Camilo Ashcar, em resposta dada a uma repórter e cujo texto foi registrado no livro “Imigração e Política em São Paulo” (p 48-49), pode-se enxergar este ponto como real distinção em relação a outros grupos, ou seja, a capilaridade dos sírios e libaneses no território brasileiro. Ashcar assim se expressa: “[...] Os libaneses passaram a conviver em pequenas vilas e povoados, formando uma lojinha, ao lado da igreja, ao lado da escola, ao lado da farmácia e começando a viver aquela forma incipiente de futuros municípios”.(FAUSTO e outros. 1995, p 48).

A figura do mascate e a famosa “lojinha” fizeram, e esta última ainda faz, parte da saga destes imigrantes que se espalharam pelos vários estados brasileiros, tornando sua presença evidente e até forte. Neste sentido Borges Pereira escreve: “A trajetória de integração do grupo tem como ponto inicial a exploração de pequenos empreendimentos comerciais e a venda à prestação, como o mascate de mercadorias pelas áreas do país onde o comércio regular não alcançava”. (PEREIRA. 2000, p 19). Estas áreas são os sertões e interiores de todo o território brasileiro de então.

Ainda que mereça reserva a afirmação retumbante de Salomão Jorge de que “hoje, em qualquer localidade do Estado de Minas Gerais lá está o libanês[...] não existe um só cantinho que não entrou em contato com o peregrino civilizador. Não existe uma só necrópole mineira que não tenha um túmulo de um libanês” (JORGE. s/d, p 96-97), não se pode desconsiderar o fato de que a penetração deste grupo de imigrantes foi e é excepcional. Encontramos os Nacib, Saad, Taufik, Salum, Farad, Farid, Adad, Halid Hilel e outros tantos nomes de origem árabe nestes nosso milhares de municípios brasileiros.

Este aspecto não se apresenta em outras etnias devido a certa limitação geográfica ou espacial pelo fato de sua formação de colonato ou de território rural e

agrícola, dificultando sua disseminação em outras regiões. Wadih Safady faz, de modo mais comedido que Salomão Jorge, uma breve análise de inserção destes imigrantes em MT, MG, PR, SC, RG, Norte e Nordeste, sem mencionar São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal da época (cidade do Rio de Janeiro), oferecendo uma idéia do alcance da inclusão destes imigrantes no território brasileiro. (SAFADY. 1966, p 182-190).

Coletamos alguns números oferecidos por Knowlton sobre a presença destes imigrantes nos estados brasileiros e os reproduzimos a seguir, sendo referentes ao ano de 1920: Acre:627; Alagoas:6; Amazonas:811; Bahia:1206; Ceará:268; Distrito Federal:6.121; Espírito Santo:810; Goiás:528; Maranhão:625; Mato Grosso:1.232; Minas Gerais:8.648; Pará:1460; Paraíba:60; Paraná:1.625; Pernambuco:355; Piauí:188; Rio de Janeiro:3.200; Rio Grande do Norte:55; Rio Grande do Sul:2.665; Santa Catarina:488; São Paulo:19.285; Sergipe:47. (KNOWLTON. 1961, p 68).

6) Estruturação da imigração sírio e libanesa:

Quatro aspectos serão trabalhados neste item, buscando oferecer uma visão sobre um modo como se estruturaram os imigrantes sírio-libaneses na sociedade brasileira. Este assunto foi tratado por Knowlton, focando a mobilidade social e espacial desses grupos no Brasil, sendo esta sua obra referência obrigatória no assunto. Já em dias atuais Truzzi tem se especializado nesta área e seus livros têm trazido grande contribuição e subsídio para a compreensão das questões relativas aos imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes. Serão tratados, como foi dito, quatro segmentos desta estruturação: econômico, social, geográfico e educacional. Todos são de significativa importância e relevância estando intimamente ligados numa estrutura de correspondência e cooperação.

6.1) Econômico:

Faz parte do anedotário nacional o espírito argentário desses filhos da Síria e do Líbano e seus descendentes. Crescemos ouvindo as referências jocosas “ao lojinha”, “a bachincha”, ao modo sagaz e ardiloso do negociante “turco”, com sua habilidade de vender o “invendível” e obter lucro em tudo. Motejos e galhofas à parte, não se pode negar a atuação desses divulgadores do “comércio ambulante” nesse país. Penso não ser inadequada a figura usada por Camilo Ashcar ao referir-se a eles dando-lhes o título de “bandeirantes do comércio”

A evolução na esfera econômica alcançada por esses imigrantes é apresentada sem variação, com seus momentos distintos: mascate; pequeno comerciante, atacadista e industrial. “Começando como mascates, passaram para o comércio a varejo e depois por atacado e finalmente para a indústria.” (KNOWLTON. 1961, p 66-67). Neste sentido vemos a entrevista de Ashcar, registrada no livro *Imigração e Política em São Paulo* e já referida neste texto. (Fausto e outros. 1995 p 48-49). Truzzi faz o seguinte registro: “Assim, as grandes fortunas comerciais e industriais da colônia nas décadas de quarenta e cinquenta saíram justamente das famílias que mais anteriormente se puseram a trilhar a cadeia mascate – varejista – atacadista – industrial.” (TRUZZI. 2005, p60).

Desde o início da imigração, seja em São Paulo ou em outro destino no Brasil, ligaram-se estes imigrantes ao comércio independente, buscando ser o dono de seu próprio negócio e o gerente de si mesmo, sem submeter-se ao patrão ou à enxada. No ponto inicial dessa trajetória encontra-se a figura legendária, folclórica e emblemática que merecerá aqui especial atenção; o mascate.

O Mascate:

Wadih Safady fala sobre a fase de penetração dos sírios e libaneses no Brasil, da seguinte maneira: “A primeira fase dos imigrantes bem-árabes no Brasil caracterizou-se pela sua penetração por intermédio do mascate que veio a ser chamado depois de turco”. (SAFADY. 1966, p 178).

A figura do mascate passou a ser o elemento identitário coletivo unificador (talvez mais que a língua) desses imigrantes, levando Truzzi a afirmar: “celebrizado em prosa e verso pelos intelectuais da colônia, de fato a figura do mascate constituiu a única base possível de identidade coletiva de uma colônia fragmentada entre diferentes religiões e regiões de origem”. (TRUZZI. 1992, p 67).

Eles não se limitaram a São Paulo, seja capital ou interior. Embrenharam-se por Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, Amazonas, Pará e outros estados, sempre levando suas mercadorias para comercializar como possível. Knowlton registra o seguinte: “Não tinham preço fixo, vendiam pelo que achavam que o mercado podia pagar, e viviam com muito pouco. Se o freguês não podia pagar com dinheiro o mascate aceitava em troca, borracha, gado, café, ouro ou qualquer outro produto. Os sírios e libaneses também estavam dispostos a conceder crédito até por um ano de cada vez. Devido à sua flexibilidade e disposição de correr riscos poucas nacionalidades podiam competir com eles. (KNOWLTON. 1961, p 138).

Fosse carregando no ombro sua mala ou caixa com os utensílios a serem comercializados, fosse sobre o dorso de animais que substituíam, agora, o fardo pesado de levar as cargas, ou pelos rios amazônicos nos pequenos barcos chamados regatões que “subiam os rios a reboque dos gaiolas, espécie de barco maior e depois iniciavam a remo um comércio perigoso, considerado ilegal pelos donos de seringais que desejavam controlar a produção de borracha em suas propriedades.”(TRUZZI. 2005,p 16), este incansável vendedor lá estava. Nessa estrutura de comércio, prestaram um grande serviço, pois facilitavam ao trabalhador rural comprar e abastecer-se fora da “venda” do coronel,²¹ onde os preços eram altíssimos. Claro se torna o fato de ser isto fonte de conflitos com alguns fazendeiros e ”coronéis”.

Por que sendo esses imigrantes ligados à terra em seus portos de origem, aqui no Brasil dedicaram-se à mascateação e ao comércio? Truzzi oferece alguns motivos para a ocorrência desse fenômeno e que merecem ser aqui tratados.

1º) Inexigência de especialização e recurso vultoso: Começava por auxiliar um comerciante experiente nesta função, e tão logo conseguia adquirir algum domínio rudimentar para expressar-se em português, montava sua própria “mala”. As mercadorias eram de baixo custo, ou mesmo cedidas para pagamento posterior à venda feita. Deste modo tal atividade tornava-se altamente atraente, apesar de sua dureza e desgaste. Fosse dia quente, frio ou chuvoso o trabalho era feito com rigor e zelo.

2º) Conhecimento rudimentar do idioma: A relação com as pessoas não integrantes de sua etnia era de natureza estritamente comercial e seu vocabulário se reduzia a dar preço e anunciar a mercadoria como “bachincha”. Isto também o fazia (obrigava) a interagir com os nativos e desenvolver seu vocabulário ainda que seu sotaque não desaparecesse nunca.

3º Acúmulo de capital: Esse tipo de empreendimento aliado à frugalidade e restrições a que se submetiam os mascates, possibilitava um acúmulo de capital capaz de gerar a condição de estabelecer-se como pequeno comerciante e seguir a trajetória de progresso e ascensão. Truzzi registra: “trabalhando duro e gastando o mínimo para sobreviver era relativamente segura a possibilidade de se amealhar um certo capital, sobretudo para os indivíduos solteiros, os que vieram sem a família.”(TRUZZI. 1992, p 57).

²¹ Sistema ainda usado em certos lugares, fazendo com que o empregado compre na ‘venda’ da fazenda por preço muito mais caro, tornando-o endividado com o patrão e impossibilitado de pagar a dívida. Deste modo o proprietário da terra acaba recuperando o valor pago ao empregado. Nota do autor.

4º Vínculo familiar: Mesmo que estivesse ligado a alguém na condição de ajudante, era por breve tempo, além do que geralmente tratava-se de um patrício ou parente. Este vínculo era ensejador de auxílio nos negócios quanto ao fornecimento de mercadoria sem pagamento à vista. A mercadoria era conseguida com alguém que já mascateara e agora tinha seu próprio negócio estabelecido (loja).

A este empreendimento de caráter itinerante como mascate, seguia-se a escalada ascensional como pequeno comerciante ou lojista. Este é outro aspecto a ser considerado, sobretudo em dois lugares específicos, sendo um em São Paulo (Rua 25 de Março e adjacências) e no Rio de Janeiro (Rua da Alfândega – região conhecida como S.A.A.R.A – Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega). Marcadamente o setor de armarinho, tecidos e confecções foi o preferido por sírios e libaneses em São Paulo, contando com 224 estabelecimentos ao todo, isto em 1907 (KNOWLTON. 1961, p 144). Truzzi também faz menção a este fato ao afirmar: “Eles iniciaram a ocupação de posições mais favoráveis no comércio atacadista de fazendas e armarinhos e na indústria de confecções durante a década e 20 enriquecidos pelos bons lucros auferidos durante a guerra, quando a importação interrompeu-se”. (TRUZZI. 1992, p 61).

Knowlton fornece informações, com base nas guias de impostos na cidade de São Paulo, sobre a situação da constituição de firmas sírias e libanesas inscritas. Afirma ele: “Em 1920 havia 538 firmas sírias e libanesas inscritas. Dessas, 58%, ou 312 companhias vendiam armarinhos e fazendas. Outros 14%, ou 74, vendiam confecções e calçados a varejo. Outros 12%, ou 64, exploravam mercearias e casas comerciais de cereais, frutas, e outros produtos agrícolas. Havia também 16 bares sírios ou libaneses e 7 barbearias localizadas na Rua 25 de Março e adjacências.” (KNOWLTON. 1961, p 146).

A expansão do negócio trazia o esperado e previsível, ou seja, sua colocação como atacadista. Havendo-se beneficiado com a interrupção das importações no período da Primeira Guerra Mundial e obtendo significativo aumento de capital, tornaram-se atacadistas, principalmente na área de tecidos e armarinhos. Truzzi registra que: “À medida que os negócios da colônia se multiplicavam com novos estabelecimentos operando no varejo, algumas firmas mais prósperas mudaram para a Rua Florêncio de Abreu a fim de operarem também no atacado.”(TRUZZI, 1992, p 61).

O topo da escala atingida por eles é a indústria. Knowlton registra o início deste movimento da seguinte forma: “Durante os últimos anos de 1900, um pequeno número

de sírios e libaneses puseram-se a manufaturar, em pequenas fábricas, qualidades inferiores de fazendas, fitas, rendas, bordados, meias e confecções logo vendidos por mascates e viajantes. Eram todas indústrias que requeriam um capital mínimo. Podia-se instalar uma pequena fábrica com quatro ou cinco empregados numa sala alugada, usando máquinas de costurar de segunda mão. Era muito comum que irmãos e parentes cooperassem no mesmo negócio. Um dirigia a fábrica enquanto os outros viajavam para vender os produtos. Havia muitos revezes e falências, mas gradualmente essas indústrias prosperaram. Outros, observando os êxitos, montavam fábricas idênticas”. (KNOWLTON. 1961, p 143). Nesse sentido também Truzzi nos informa: “O recenseamento de 1920 confirma os ramos preferenciais ocupados pela etnia: dos 91 estabelecimentos industriais sírios e libaneses anotados, 65 operavam no setor de confecção e 12 no setor de têxteis dos quais 8 no sub-setor de malharias e meias. Aqueles que nesta época deram este passo provavelmente não se arrependeram.” (TRUZZI. 1992, p 62). Esses números são reproduzidos de Knowlton (KNOWLTON. 1961, p 145) (Anexo 4).

Evidente é o fato de que nem todos tornaram-se atacadistas de fama ou capitães de indústria como os Jafet e Calfat, mas não se pode negar a estruturação desta linha: mascate, lojista, atacadista, industrial. Truzzi dá, como justificativa para esta escalada, três fatores e assim registra:

“Qualquer balanço da bem-sucedida saga das colônias síria e libanesa em termos de sua ascensão econômica não pode deixar de destacar 3 elementos básicos que deram sustentação ao processo como um todo: a) um perfil de distribuição demográfico ocupacional singular; b) as relações de complementaridade e de ajuda mútua estabelecidas no interior da colônia; c) o contínuo processo de importação de parentes e conterrâneos pelos já estabelecidos”.(TRUZZI. 2005, p 39-40).

6.2) Social:

A inserção do imigrante na estrutura social do país onde se instalou é, costumeiramente, difícil e longa. Surpreendentemente este aspecto não ocorreu com o sírio e libanês no Brasil que experimentou uma inclusão relativamente rápida, embora esses imigrantes mantivessem alguma estrutura de fechamento em si (colônia) com a endogamia.

Pode-se atribuir este rápido processo ao fato da ascensão econômica e também à presença de pequeno contingente feminino na imigração. Knowlton afirma que “os

turcos-árabes têm o mais alto índice de proporção dos sexos, 229,9 homens por 100 mulheres, muito mais alto que o de qualquer outra nacionalidade.” (KNOWLTON. 1961, p 51). Esta defasagem acabou por levar muitos a buscar o casamento com brasileiras ou imigrantes de outras etnias (italianas e portuguesas).

Não se pode olvidar, neste ponto, a importância e influência da culinária árabe (sírio-libanesa) em nosso meio. Tal influência não se dá apenas como produto da imigração, mas da presença árabe na península ibérica por cerca de 700 anos. A incorporação e inclusão de pratos árabes à cozinha brasileira é inegável com a multiplicação dos restaurantes especializados nestas iguarias, além de estarem presentes nos bares e “botecos”, e nos lares brasileiros. Temos o quibe, a esfiha, o tabule, a coalhada, o pão sírio, a *fatuche* (salada), o *falafel* e outros. Wadih Safady faz referência aos doces, dentre os quais encontramos o *halâni*, o *cnãfi*, o *be'laua*, o *ataief* . (SAFADY, 1966, p.227).

A participação política é de igual modo, elemento forte neste campo da inserção social, onde se percebe a presença do sírio libanês mais efetiva que outros contingentes como alemão, suíço, japonês. Borges Pereira refere-se a este fato e reconhece que : “No plano político, a partir de 1930, a participação do sírio-libanês é cada vez mais acentuada, suplantando todos os demais grupos de imigrantes, com exceção dos italianos. Desde 1934 já havia membros do grupo na Câmara Federal, e em 1948, 28 municípios do estado de São Paulo – o mais desenvolvido do país- tinham prefeitos de origem síria libanesa. (PEREIRA. 2000, p 20).²²

Embora a língua seja um fator que tenha dificultado sua inserção, já que era bem distinta do português, no entanto, deve-se notar que há uma contribuição significativa do árabe em nosso vocabulário. Tal fato antecede à imigração também, uma vez que esta marca cultural se deu devido à ocupação árabe na Península Ibérica , que perdurou do século VII até 1492 quando ocorreu a queda de Granada e seu retorno ao domínio cristão. Embora não haja registros de que tenha ocorrido localidades (vilas, cidades, regiões) em que se falasse o árabe (a exemplo do que se deu com alemães), sendo este restrito ao ambiente do lar, clube, espaço sagrado ou colóquio entre “patrícios”, muitas palavras estão integradas ao nosso vocabulário por exemplo: alicate, almofada, alameda, almoxarifado, mesquinho, baldio, etc.

²² Sobre este assunto é merecedor de atenção, para mais detalhes, o capítulo: “ Sírios e libaneses em São Paulo: a anatomia da sobre-representação”, escrito por Oswaldo Truzzi, e que integra o volume “Imigração e Política em São Paulo” – FAPESP, 1995.

Este fenômeno relativo à inserção social pode ser notado hoje, de forma mais nítida, com a presença de descendentes sírios e libaneses em famílias de brasileiros ou integrantes de outras etnias, diluindo mais e mais os aspectos distintivos étnicos para formação deste brasileiro mesclado e médio.

6.3) Educacional:

Esse ponto é muito relevante dentro da perspectiva de inserção na sociedade brasileira. A formação cultural era vista como forma de projeção do indivíduo e sua etnia, que acabava sendo elevada se o seu integrante também o fosse. Knowlton afirma: “A educação tem sido talvez um dos canais mais importantes de mobilidade social pelos quais os sírios e libaneses tem subido a escala social.” (KNOWTON. 1961 p 142).

Alguns chegaram ao Brasil já formados em cursos universitários, a maioria deles formados pela Universidade Americana de Beirute, sucessora do Colégio Protestante. Os integrantes desta categoria fundaram em 1922 uma sociedade de ex-alunos desta universidade com cerca de 70 membros ou sócios. Truzzi entende a importância da presença desses profissionais e afirma: “Esse transplante de profissionais já formados para o Brasil com toda a certeza constituiu um atrativo suplementar às vocações médicas da colônia.” (TRUZZI. 2005, p 75). É dele a informação de que dentre dez (10) médicos formados no Líbano e Síria e radicados em São Paulo, seis eram formados pela UAB. (TRUZZI, 1997, p.134).

Houve sempre um cuidado no investimento com a educação por parte dos imigrantes sírios e libaneses, sobretudo desses últimos. Tal zelo mostrou-se presente desde o início e já nos anos 30 os resultados podiam ser vistos. Neste sentido Truzzi comenta que: “O balcão comercial esteve longe de representar o ponto final da trajetória de ascensão sócio econômica trilhada maciçamente pela colônia. Paralelamente à expansão de seus interesses em atividades comerciais e industriais, a penetração de descendentes de libaneses e sírios nas chamadas profissões liberais (advocacia, medicina, engenharia) constituiu a outra alternativa perseguida com bastante êxito por significativas parcelas da colônia.” (TRUZZI. 2005, p 72-73).

Como dito, foram preferidas as áreas de medicina (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo) com dois alunos de origem síria ou libanesa na abertura desta escola em 1913; direito (Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo), havendo 7 alunos matriculados em 1927, chegando a 97 alunos em 1950; engenharia

(em menor número), na Politécnica com matrícula já em 1917 e no Mackenzie com matrícula em 1925. (KNOWLTON. 1961, p 161-162).

6.4) Geográfico:

Pode-se, às vezes, perguntar para onde se dirigiu um determinado contingente de imigrantes ao chegar em certo país. No caso do “turco” no Brasil a pergunta é: para onde não se dirigiram? De fato a capilaridade da presença desses imigrantes e de seus descendentes em todos os quadrantes do país é incontestável. Truzzi registra uma frase de Guilherme Kurban em uma entrevista dada a ele: “Por menor que seja a cidade, encontra-se turco com lojinha. (TRUZZI. 1997 p 53).

Embora hajam chegado no Rio de Janeiro em 1871 e em São Paulo em 1880, nos primeiros anos do século 20 o destino deles tornou-se a região amazônica, sendo o Amazonas e o Pará os estados mais procurados. O motivo desta preferência foi a borracha, pois esta determinou grande circulação de dinheiro na região e gerou a formação de povoados de seringueiros, onde se podia alcançar grande lucro com o comércio de varejo realizado pelos mascates. Comentando sobre isto Truzzi nos diz: “O resultado foi que do Acre ao Pará não havia cidade de alguma expressão onde os sírio-libaneses e seu comércio característicos estivesse ausentes”. (TRUZZI. 2005 p 18). Após a Primeira Guerra Mundial, com o declínio da borracha muitos desses imigrantes fazem a viagem de retorno ao Rio de Janeiro e São Paulo.

Outro centro de atração foram as jazidas (minas) e zonas agrícolas crescentes no estado de Minas Gerais. A região de Governador Valadares e Teófilo Otoni tem ainda hoje, forte presença sírio e libanesa com famílias tradicionais, sendo seus descendentes não mais lojistas, mas profissionais liberais ou fazendeiros. Knowlton assevera que: “Estabeleceram-se eles pelo estado todo e desempenharam papéis importantes no progresso do comércio e da indústria. Em muitas vilas e cidades praticamente todo o comércio a varejo estava em suas mãos. (KNOLTON. 1961, p 66).

Outro ponto do interesse destes imigrantes foi, sem dúvida, a então Capital Federal, a cidade do Rio de Janeiro. Ali se instalaram nas proximidades da Rua da Alfândega, Senhor dos Passos e Buenos Aires, criando posteriormente o que ficou conhecido como S.A.A.R.A.

A grande preferência, no entanto, foi pelo estado de São Paulo e, particularmente sua capital. A presença desses imigrantes era ostensiva e marcante. Isto se pode comprovar pelos números oferecidos por Knowlton em sua obra já citada (p71):

“Quase metade, 49.3%, do número total de sírios e libaneses residentes no Brasil viviam no estado de São Paulo[...] Em 1934 da população total de 25.620 sírios, 34% (8.734), estavam concentrados na capital.”

No início alojaram-se em bairros periféricos de aluguéis baixos. À medida em que suas condições financeiras melhoravam, mudavam-se para a Rua 25 de Março e suas adjacências, instalando a loja na frente e residindo nos fundos ou no andar superior. A mobilidade geográfica ocorre à medida da prosperidade econômica e o deslocamento vai em direção ao Ipiranga e à Vila Mariana, sendo esta a segunda maior colônia na capital. A mobilidade continua e se dirige posteriormente à região da Avenida Paulista e finalmente para o setor da Avenida Brasil, esses dois últimos em região nobre da capital. (KNOWLTON. 1961, p 185).

As informações censitárias de 1920 e registradas por Knowlton, apontam a presença dos “turcos” pelos vários estados brasileiros, mostrando que tais indivíduos se faziam presentes nesses rincões brasileiros com suas canastras, matracas ou “lojinhas”. (KNOWLTON. 1961, p 68).

CAPÍTULO SEGUNDO: RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E ETNIA

1) Introdução:

O senso comum consegue perceber a presença, força e influência da religião em uma sociedade. Os cientistas sociais não fogem a esta regra, os quais mesmo não sendo professantes de qualquer forma de religião, como agnósticos ou ateus, reconhecem a importância da religião na estrutura e tecido social, seja de modo positivo ou negativo, construindo ou destruindo, dignificando ou brutalizando, promovendo a inovação (ÓDEA. 1969, p 27) ou justificando, ou reforçando o comportamento tradicional.(BERGER. 2005, p 55).

Este fato da influência religiosa não é diferente no meio dos imigrantes sírios e libaneses, que trouxeram consigo, em sua bagagem cultural, além da forte identificação com a aldeia (geográfica-espacial), com a família grande (afetiva-social) e com a língua (sócio-cultural), as manifestações religiosas existentes em seus países de origem.

Não é possível descartar o fato de que se buscará reproduzir, nas novas terras de moradia, o aspecto geo-espacial da terra originária com os seus clubes e associações; a preservação da língua na manifestação de permanência desse traço, ainda que no interior da casa; a grande família com “ampliação” da moradia para agasalhar as pequenas famílias ou criar condições para que morem juntos (bairros); e a religião com a edificação e construção de seus templos e espaços sagrados para o exercício particular de seu culto, na conformidade de sua crença e fé, seja ela de que matriz for. Este aspecto da religião é, de fato, marcante e impressivo de tal modo que Knowlton registra que : “Na Síria e no Líbano a religião é quase equivalente à nacionalidade”. (KNOWLTON. 1961, p 168).

A religião não pode ser desconsiderada por qualquer pesquisador que trate da imigração árabe (sírio-libanesa) para o Brasil, sob pena de seu trabalho ser visto como deficiente e incompleto. Knowlton reservou grande parte de sua pesquisa a este segmento (páginas 98-102; 168-171; 175-179), de igual modo André Gattaz em sua tese (201-224 e referências esparsas) e também Wadih Safady (230-313). As obras de Truzzi tratam deste tema e a religião faz parte do escopo de capítulos de suas obras citadas nesta dissertação.

É digno de nota e consideração o fato de que esta região é o berço ou local de nascimento das três grandes religiões monoteístas do mundo, a saber, o judaísmo, o

cristianismo e o islamismo, o que torna estes países singulares e merecedores de atenção quanto a esta esfera de indiscutível importância social e antropológica.

Neste capítulo, dedicaremos nossa atenção a este tema, buscando oferecer uma visão da religião na Síria e Líbano (sobretudo no tempo da emigração) e sua transplantação para o Brasil, na tentativa de reproduzir aqui os modelos existentes em sua terra natal.

2) O mosaico original:

Ao tempo do início da imigração sírio-libanesa no Brasil e até metade do século XX, estes dois países tiveram uma configuração religiosa em que, grosso modo, a Síria era de predominância muçulmana e o Líbano predominantemente cristão. (TRUZZI. 2005, p 2).

Este fracionamento maior comporta uma fragmentação interna bastante significativa com os muçulmanos divididos em xiitas, sunitas, drusos e alauitas; enquanto os cristãos são ortodoxos gregos, maronitas, melquitas ou Greco-católicos, e protestantes. Cada segmento deste merecerá consideração em separado, com suas origens, tradições, ensinamentos e peculiaridades.

2.1) Muçulmanos:

A imigração deste grupo religioso foi muito pequena nas primeiras levadas ou fases, sendo que depois da segunda metade do século XX intensificou-se e veio a ser, atualmente o maior contingente (TRUZZI. 2005, p 8). Safady nos informa que: “Os muçulmanos no Brasil (sunitas e chiitas) formaram sempre uma minoria que não vai além de 150 famílias, concentradas principalmente em São Paulo” (SAFADY. 1966, p 303).

A origem desta religião se liga à figura de Maomé²³ (570 a 632 d.C). A religião islâmica (Islã: submissão a Deus) tem em Alah seu único Deus e Maomé seu profeta. Os seguidores são chamados maometanos (de Maomé) ou muçulmanos (palavra

²³ Há divergência quanto ao nome do profeta. J. Cabral grafou: Mohammad Ibn Abdullah Ibn Abd Al-Muttalib Ibn Hāshim (2003, p 104). Já na página eletrônica educacao.uol.com.br/biografias/ult_1789_u637.jhtm-50k, encontramos: Muhammad Bin Abdullah Bin Abdul Muttalib Bin Hachim Bin Abd Mannaf Bin Kussay.

Maomé é uma forma ocidentalizada de Muhhamad (não muito aceita) cujo significado é “altamente louvado”. (Cabral. 2003, p 104).

francesa e de origem árabe ‘muslim’) cujo significado é “aquele que se entrega de corpo e alma a Deus”. (CABRAL. 2003, p 103).

Trata-se de religião de caráter revelacional e fundamentada em seu livro sagrado, o Alcorão (Al Quram). Assim pode-se ler: “A palavra Alcoração literalmente significa “leitura por excelência” ou “recitação”. Enquanto o ditava a seus companheiros, o Profeta lhes assegurava que era a revelação Divina que ele havia recebido”. (Alcorão. 1979, p xxiii). Tais revelações foram dadas pelo anjo Gabriel a Maomé, durante um período de 23 anos. As informações neste sentido nos falam que : “A revelação da primeira surata do Alcorão deu-se há exatamente 1364 anos, no mês de Ramadã do ano 1º da Missão, ou seja, agosto de 610 D.C. Deu-se por intermédio do anjo Gabriel, que lhe apareceu e lhe transmitiu o Alcorão surata por surata[...]A revelação deu-se no início da Missão de Maomé, prolongando-se até o seu falecimento, ou seja, durante vinte e três anos”. (Alcorão. 1979, p x-xi). O Alcorão é composto de 30 livros, contendo 144 suratas (capítulos) e 6.216 versos (aiat), sendo as revelações dadas em parte em Meca e parte em Medina (Alcorão. 1979, p xix). O registro e compilação destas revelações foram feitos pelos companheiros-discípulos do Profeta, já que Maomé era analfabeto ou iletrado (Alcorão. 1979, p xii), sendo gravados em pedaços de couro, pedras lisas ou folhas de tamareiras.

O início do calendário muçulmano é dado como 622, quando ocorreu a Hégira (separação), ou seja, a saída de Maomé de Meca (sua cidade natal) para Medina.

Os pilares (arkan) desta religião são: a) Recitação do credo (shabada); b) Oração (ibadat) cinco vezes por dia voltados para Meca e às sextas-feiras em conjunto; c) O jejum (saum) durante o mês do Ramadã; d) Distribuição (zakat) de esmolas; e) Peregrinação a Meca, pelo menos uma vez na vida, onde se encontra a CAABA, que segundo a tradição muçulmana foi a pedra negra trazida do céu pelo arcanjo Gabriel.

Quatro grupos como representantes desta tradição religiosa serão apresentados, cuja presença sempre foi forte na Síria e no Líbano: sunitas, xiitas, drusos e alawitas.

2.1.1) Sunitas:

Este grupo é considerado o representante do islã ortodoxo e criador da Sunna, ou seja, a coleção de tradições ligadas a Maomé e seus antigos seguidores. “O Alcorão o livro do Islã, foi escrito através da tradição oral de “Hadith” (narrativa oral tradicional, baseada na cadeia de autoridades sucessivas [...] o conjunto de “Hadith” dá a

SUNNA)”. (HAJJAR. 1985, p 52). Estas tradições evoluíram e cristalizaram-se em um sistema de alta complexidade com leis comunitárias e de cunho social, ao qual se denominou Sharia. Cabral entende que isto forneceu coesão à comunidade. Para ele “o princípio do “ijma” permaneceu central, sendo que “o ‘ijma’ é o consenso de toda a comunidade, mas, na prática, é apenas o dos estudiosos das leis”. (CABRAL. 2003, p.108).

Na Síria e Líbano os sunitas gozavam de destaque social e eram detentores de grandes fortunas. Salem nos dá uma visão razoável da presença deste grupo no Líbano ao afirmar: “Em maioria cidadãos exercendo o comércio e as profissões liberais e possuindo algumas das mais polpudas fortunas do Líbano, os sunnites(sic) ocupam no plano político e social uma situação de primeiro plano devido principalmente ao fato que [...] eles têm o privilégio de constituir uma população urbana instalada desde longa data na região mais favorecida do país”. (SALEM. 1969, p.57).

2.1.2) Xiitas:

Pode-se encontrar a grafia em português um pouco modificada; shiita. Este grupo traz em seu bojo uma série de subdivisões, as quais não podem ser aqui analisadas em separado. Será feita referência à principal delas chamada dos “doze avos”, por crerem no último dos imãs, ou “Mahdi”, sendo este o décimo segundo descendente de Ali, genro de Maomé. O imã é a figura de maior autoridade no Islã. Os sucessores de Maomé (cuja nomeação do primeiro foi feita por ele) têm a qualificação garantidora da interpretação inspirada e correta do Alcorão. São os que possuem a verdadeira interpretação da Sharia, bem como sua correta aplicação. Os califas, ou líderes religiosos, devem ser escolhidos entre os descendentes da família do Profeta, sendo rejeitada qualquer outra linha de escolha. Seus mestres de ensino são os mujtahidum, dentre estes os aiatolás são os mais importantes.

Neste aspecto da sucessão xiita o registro da observação de Hajjar é importante: “Se o sunismo, islamismo ortodoxo, acredita e pratica a sucessão democrática ou de consenso; o xiismo contesta este tipo de prática crendo na sucessão como descendência do profeta Ali. Para os xiitas, o sucessor de Mohamad deveria ter sido Ali, seu genro”. (HAJJAR. 1985, p 53). Esta maneira de ver a sucessão tem determinado conflitos sangrentos entre sunitas e xiitas até hoje.

No Líbano, estavam ligados às atividades mais simples ou subalternas na escala social. Salem testifica sobre isto e afirma: “Habitando as regiões, de recursos naturais limitados, por muito tempo negligenciados pelo poder público e cujo equipamento sócio-econômico continua deficiente, os xiitas entregam-se em sua grande maioria à agricultura e à criação ou como pequenos proprietários (Líbano sul) ou como colonos trabalhando nas explorações dos grandes proprietários rurais (Bekaa, Hermel). Os que se estabeleceram na aglomeração beirutiana fornecem uma boa parte do subproletariado da capital e são obrigados para sustentar os encargos de uma família, geralmente muito numerosa, de se contentarem com profissões mais humildes: camelôs, choferes de taxi, garção(sic) de cafés,etc...”(SALEM. 1969, p. 58).

2.1.3) Drusos:

A grafia pode variar para druses ou druzos. A origem do nome está ligada a Muhammad Al-Dárasi (ou Alfaiate). A origem deste grupo está no Egito (início do século XI) fundado pelo califa Al-Hakim. Distancia-se, em certo sentido do Islã tradicional, e tem caráter secreto ou fechado, devendo-se nascer druso e ser ali “iniciado”, pois só para estes são divulgados os “sigilos e conceitos éticos muito sábios e respeitáveis” (HAJJAR. 1985, p 55). Admitindo algum sincretismo com o hinduísmo, aceita a reencarnação das almas. (SALEM. 1969, p. 60). A poligamia não é permitida. São, em sua maioria, de certa posição social, detentores de terras ou profissionais liberais. Em uma entrevista o druso Nahim Hachid afirma: “Minha religião é muito respeitosa e rigorosa nos costumes: o fumo e a bebida são proibidos[...]Os drusos verdadeiros que participam das rezas mais sagradas, não podem nem pensar em beber nem nada, por isto considero minha religião de alto nível”. (GREIBER et al. 1998, p.342).

Quanto à sua posição, sobretudo no Líbano, são apresentados como: “Grandes proprietários de terra ou pequenos trabalhadores, os druzes são também em número não negligenciável, cidadãos de Beirute, onde praticam o comércio e as carreiras liberais [...] Os druzes do Líbano são mais ou menos 150.000 ou seja a metade dos efetivos do conjunto da comunidade. A outra metade habita uma parte nas montanhas de Hauran ao sul da Síria, chamada por esta razão, o ‘Jebel Druze’”. (SALEM. 1969, p. 61).

2.1.4) Alawitas:

Não é um ramo muito conhecido em nosso contexto. Embora seja um ramo do islamismo e integre a rede de grupos muçulmanos, possui um certo caráter de ecumenicidade com costumes cristãos. Sua presença é muito forte na região do litoral norte da Síria, onde vivem cerca de três milhões de alawitas. No Iraque a estimativa é de que 60% dos muçulmanos seja de alawitas. Observam rituais islâmicos como o Ramadã, Adha e outros, mas também festejam o Natal, a Páscoa e veneram os ancestrais. (HAJJAR. 1985, p 56).

2.2) Cristãos:

O fenômeno da subdivisão não é estranho ao segmento religioso de tradição cristã. Os cristãos podem ser agrupados em: igrejas orientais ligadas a Roma (uniatas), sendo a Maronita e a Melquita (greco-católica), além da própria Igreja de Roma; a oriental não romana (ortodoxa grega), ou seja, aquela que segue o rito bizantino; as consideradas seguidoras das heresias antigas como o monofisitismo²⁴, a saber, as Jacobitas e Armênia grega; e os protestantes, com predominância presbiteriana.

2.2.1) Maronitas:

O nome dado a este grupo está ligado ao monge Maron (final do século IV) que estabeleceu um monastério na região montanhosa da Síria, com propósito de cultivar a santidade e a fé cristã autênticas. Sobre a origem deste ramo do cristianismo lemos: “São Marão: Padre e anacoreta. São Marão que morreu por volta de 410 d.C., vivia retirado numa montanha na região de Apaméia (Aphamiah, atual Kalaat AL-Mudiq), no Vale de Orontes (Síria). (GREIBER et. al. 1998, p.55). Seus seguidores resistiram ao monofisitismo e ao islamismo. Experimentaram sérias perseguições, mas permaneceram em suas convicções. Ligada a Roma, submetendo-se à autoridade papal, conserva o rito da Igreja de Antioquia e a língua assíria ainda é usada. Seu chefe é o patriarca de Antioquia e de todo o Oriente, sendo que o Papa confirma a eleição deste patriarca, feita pelos bispos. É o maior grupo cristão (ligado a Roma) na Síria e Líbano.

Knowlton nos informa que “...os maronitas aceitam plenamente as doutrinas da Igreja Católica Romana. [...] A principal diferença é que entre os maronitas os padres são casados”. (KNOWLTON. 1961, p. 170). Este costume, conforme afirmativa de

²⁴ Em sentido bem simples trata-se de crença doutrinária de que Jesus Cristo possuía apenas uma natureza, a divina. (CAMPOS. 2005, p 39) e (HAGGLUND. 1981, p 83-84).

Safady, parece não mais ocorrer: “Os costumes maronitas não mudaram no Brasil. As vestimentas dos padres são as mesmas. [...] O padre maronita é celibatário por tradição. Os antigos padres eram casados. Em nossos dias esse costume não está em vigor.” (SAFADY. 1966, p. 288).

Em relação à posição social dos maronitas, valemo-nos, mais uma vez, de Salem que nos oferece informação nestes termos: “Instalados na cidade, os maronitas, ocupam, na hierarquia social, uma posição proeminente, menos no comércio e na indústria do que nas profissões liberais e nos quadros de administração”. (SALEM. 1969, p. 68). São vistos como o maior grupo cristão e de maior influência no contexto do Líbano e um pouco menos na Síria.

2.2.2) Melquitas:

São conhecidos também como gregos católicos. Seu nome tem sua origem ligada à palavra MÁLEK (rei em árabe). Isto deveu-se ao fato de serem partidários do rei (imperador) romano, que adotou posição contrária aos monofisitas em sua heresia sobre a Pessoa de Cristo ter apenas uma natureza e não duas (a divina e a humana). Salem observa que “os gregos católicos constituem a segunda grande comunidade católica do Líbano, vindo imediatamente após a maronita. (SALEM. 1969, p. 69). José Khoury em entrevista coligida por Betty L. Greiber afirma que: “Foram os jacobitas que deram o apelido ‘melquita’, que quer dizer malek, rei, basileus ou basílicos em grego, e nós somos melquitas, porque fomos da mesma opinião que o rei, só por causa disso. Nós nos honramos com isso e, desde o século V, somos conhecidos com esse nome”. (GREIBER et. al. 1998, p. 487). Adotam o rito bizantino e ligam-se ao patriarcado católico melquita de Antioquia e todo o Oriente. Adotam, na liturgia, a língua grega e árabe.

Em relação ao aspecto sócio-profissional, Salem sustenta que: “os grecos-católicos repartidos nas diferentes regiões do Líbano, são menos homogêneos que os druzes ou os xiitas ou mesmo maronitas e os ortodoxos. Em Beirute encontram-se muitos deles, no comércio e nas profissões liberais. (SALEM. 1969, p. 73).

2.2.3) Ortodoxos : (Greco-ortodoxos)

Este é o maior grupo cristão entre todos os já citados e está ligado ao Patriarcado de Antioquia. Sua ligação é com a ortodoxia de Calcedônia e não de Roma. Hajjar nos

informa que: “A autoridade suprema na Igreja Católica, Apostólica Ortodoxa é o Santo Sínodo Ecumênico, que se compõem (sic) de todos os Patriarcas chefes das igrejas autocéfalas e os Arcebispos Primazes das Igrejas autônomas, que se reúnem convocadas pelo Patriarca Ecumênico de Constantinopla e sob sua presidência”. (HAJJAR. 1985, p 47). Rejeitam o dogma da infalibilidade papal (o que os distancia de Roma) e imagens (permitidos apenas ícones). Os ritos são realizados na língua grega e árabe, sendo este de maior prevalência. São rompidos com Roma desde 1054. Nichols nos diz: “Mas a contenda entre o Leste e o Oeste continuou com discussões amargas por causa de pequenas diferenças de doutrinas e ritos, até 1054. Então, depois de nova contenda entre o papa e o patriarca, o primeiro pronunciou um anátema contra o segundo e contra os que o apoiavam. Este foi o rompimento final”. (NICHOLS. 1978, p. 68-69). Foi radicalizada com o dogma da infalibilidade papal declarada pelo Concílio Vaticano em 1870. Em 1958 com a realização do Concílio Vaticano II e a flexibilização gerada por João XXIII no contato com o Patriarca Ecumênico Atenágoras I, ocorre uma maior aproximação, mas ainda permanecem separadas. (HAJJAR. 1985, p 48).

Algumas informações nos são dadas por Knowlton sobre este grupo. “Os aldeões preferem um sacerdote casado deve ele casar-se antes de ser ordenado...O vigário é uma das mais importantes personagens da aldeia...Durante o serviço religioso, os dois sexos são rigorosamente segregados. Os homens ocupam a parte anterior da igreja, e as mulheres ficam na retaguarda atrás de uma tela”. (KNOWLTON. 1961, p. 170). Deve-se notar que este costume de segregação dos sexos já não se verifica no Brasil. A principal cerimônia religiosa ainda é a missa.

Os informes dados por Salem nos levam a conhecer algo sobre a posição social dos integrantes deste ramo cristão: “A aristocracia e a grande burguesia beirutinas são ainda hoje, numa grande proporção, ortodoxos, a despeito do fluxo, na capital, de dezenas de milhares de membros das outras comunidades”. (SALEM. 1969, p. 75).

2.2.4) Jacobitas e Armênios gregos:

Ambos formam um grupo expressivo no contexto do Líbano, principalmente. Rejeitam a decisão do Concílio de Calcedônia e não admitem as duas naturezas (divina e humana) em Cristo. Os Jacobitas chegam a 17.000 e os armênios a 125.000, o que é uma representação significativa (SALEM. 1969, p. 76).

2.2.5) Protestantes:

A região da Síria e do Líbano é, como foi dito, lugar de origem das três grandes religiões monoteístas do mundo. Os judeus tiveram o início de sua chamada e formação como povo (e religião) por meio de Abrão nas cercanias destes dois países.

A presença cristã nesta região é, também, muito antiga. O apóstolo Paulo (ainda com o nome de Saulo e judeu) vai a Damasco (capital da Síria) para destruir um núcleo de cristãos que se encontrava ali e exercia forte influência na conquista de judeus para a fé cristã (Atos dos Apóstolos, 9: 1-9).

Também os muçulmanos, que conquistaram a região no século VII da era cristã, têm o começo de sua religião nesta região, ainda que não seja exatamente no atual espaço geográfico que configura tais países.

A presença cristã está, portanto, claramente estabelecida desde os primórdios nesta região. No entanto, a presença da tradição cristã protestante só ocorrerá no século XIX. Knowlton afirma: “Os primeiros missionários norte-americanos, presbiterianos, chegaram à Síria e ao Líbano em 1829 procedentes de Malta. Instalaram-se em Beirute e logo após a chegada abriram escolas para educar correligionários e treinar futuros ministros”. (KNOWLTON. 1961, p. 19). Embora não fale com precisão sobre o ano, Salem aponta o século XIX como o da chegada dos protestantes ao Líbano, afirma que estas missões foram ativas no Oriente, e seu proselitismo ajudou a obter adesões. (SALEM. 1969, p 77). Também Safady nos informa sobre a presença de missões protestantes na região e seu propósito: “As missões americanas fundaram, também, em muitas cidades, igrejas e escolas anexas cursos primários masculinos e femininos. Essas escolas destinavam-se a encaminhar seus estudantes para as escolas de grau médio”. (SAFADY. 1966 p. 18).

À exemplo da Igreja Presbiteriana do Brasil, o protestantismo no Líbano e Síria tem seu início quase na mesma época, sendo igualmente chamado “protestantismo de missões”²⁵, ou seja, trata-se do envio de missionários (americanos e ou europeus), com o propósito de anunciarem sua fé e conquistarem novos adeptos, numa forma de convencimento e proselitismo religioso. Pode-se ler na entrevista de Ramiz Gattaz, registrada por Greiber cujo teor revela alguma jocosidade, o testemunho da ação de missionários: “Na nossa aldeia, Ibl Es Saqi, havia uma minoria de protestantes. A origem é ortodoxa, mas eu não sei por que cargas d’água apareceram lá uns

²⁵ Difere do protestantismo de imigração, quando grupos de imigrantes trazem seus ministros para lhes conduzir em seus ritos e cerimoniais religiosos, sem preocupação de expansão ou proselitismo entre os nativos das terras para as quais se deslocaram. (MENDONÇA. 2005, p. 28)

missionários, desses ‘Aleluia’ cantando hino bonito etc. Eles devem ter embarrilhado o nosso avô[...] Então meu avô paterno resolveu aderir à religião protestante e nossa família toda foi se convertendo”. (GREIBER et. al. 1998, p. 749).

Esta tradição cristã, chamada protestantismo ou, também, evangélica, tem sua relação e ligação com a estabelecida Igreja Evangélica do Líbano, cuja linha teológica e de governo se vincula à fé reformada calvinista e presbiteriana. O testemunho de Salem é relevante neste ponto: “Os protestantes no Líbano são hoje perto de 30.000. A maior parte deles está agrupada no seio da Igreja Evangélica do Líbano, de tendência presbiteriana. Mas acham-se igualmente Anglicanos, Batistas e as pequenas seitas...”. (SALEM. 1969, p.76).

Deve-se registrar que em 1960 foi oficializada junto aos órgãos públicos da Síria e Líbano a organização do Supremo Conselho Evangélico da Síria e Líbano (órgão representante oficial dos evangélicos). O documento encontra-se escrito em árabe e sua tradução vai a seguir, conforme oferecida pelo Pastor da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, Kalil Samara .

“Declaração dos Representantes das Igrejas Evangélicas Oficializadas no País :
Supremo Conselho Evangélico da Síria e Líbano.

Nós somos os dirigentes (presidentes) espirituais das Igrejas Evangélicas, representando, cada um de nós, a sua denominação abaixo mencionada.

Unidas estas denominações de cidadãos evangélicos libaneses e outras nações árabes e armênios, declaramos que este Supremo Conselho Evangélico é ligado por meio de seu Estatuto e seu Regimento Interno, que serão aceitos e observados por todas as igrejas mencionadas, sendo este o representante de todas elas, esclarece que a denominação evangélica é a mesma denominação protestante, recebendo este nome (evangélica) oficialmente, por voto unânime, em assembléia, sendo admitida nos órgãos oficiais do governo em 29 de fevereiro de 1960”. São signatários deste documento: o Sínodo Evangélico Presbiteriano do Líbano; Aliança das Igrejas Evangélicas Armênias do Líbano; Igreja Evangélica de Deus em Beirute; Igreja Evangélica dos Amigos; Igreja Evangélica Adventista do Líbano; Igreja Evangélica Episcopal de Beirute; Igreja Evangélica Nazareno de Beirute; Igreja Batista do Líbano; Igreja Evangélica Aliança Cristã de Beirute. O presidente deste conselho, à época, era o Rv. Dr. Farid Aoudel , da Igreja Evangélica Presbiteriana Nacional de Beirute. Este órgão representa as igrejas evangélicas (protestantes) junto ao Poder Público. É a “voz oficial”. (Anexo 5)

De modo similar ao que ocorreu com os missionários protestantes no Brasil, um dos meios utilizados para alcançar seus propósitos foi o da instalação de colégios²⁶, visando formar os seus novos conversos ou seus filhos, bem como alcançar outros com a influência dentro da escola. Safady, que foi aluno do colégio protestante registra: “No momento em que entrei no Colégio Superior de Suk-al-Gharb a mudança de ambiente foi radical. Deixou de ser o das velhas tradições de minha al-daiá (aldeia) e veio a ser um centro missionário evangélico americano, cheio de religiosidade e de estudos bíblicos [...] Ensinava-se a Bíblia, em árabe, nos dois primeiros anos substituindo assim as aulas de língua [...] A frequência ao templo era obrigatória aos domingos de manhã e às quartas-feiras à noite... Muitos frequentadores rotineiros, na maioria novos protestantes, estavam sempre presentes, além dos alunos”. (SAFADY. 1966, p. 26 e 30). Neste sentido, Greiber registra a entrevista de Michel e Virginie Saad, do que seleciono o seguinte: “Eu sou ortodoxo. A família Saad é 99% ortodoxa, mas tenho dois tios protestantes, um deles (tio materno) entrou no protestantismo quando chegou a missão dos americanos a El bled; eles arranjavam dois ou três meninos; levavam eles para o colégio e ensinavam a religião também. Esse se tornou Assis (pastor protestante em árabe), porque era um grande orador...o outro...uma inglesa...mandou para a Inglaterra estudar e tornou-se protestante e Assis”. (GREIBER et al. 1998, p 740).

Dentre estas instituições de ensino, a mais importante foi o Colégio Protestante Sírio”, que veio tornar-se a Universidade Americana de Beirute, fundada em 1860. (TRUZZI. 1997, p 133).²⁷

Embora haja muito pouco material (pelo menos em português) sobre o protestantismo naquela região e aspectos ligados à emigração, o registro do testemunho de Safady (não protestante) é relevante quanto ao aspecto da implantação e inserção do protestantismo no Líbano e região, assim lê-se: “ O estudo em minha terra de origem restringia-se ao ensino religioso. As várias missões estrangeiras, que foram fator preponderante no renascimento cultural moderno do Líbano, expandiram-se no País e fundaram escolas de tôdas as categorias, anexas ou separadas das próprias missões e de suas igrejas. Entre essas missões, as americanas se destacaram e, em segundo plano, as francesas, inglesas, russas e italianas”. (SAFADY. 1966, p.17).

²⁶ No Brasil os presbiterianos criaram o Mackenzie College, que veio a ser a Universidade Presbiteriana Mackenzie e o Instituto Gammon em Lavras-MG. Os metodistas também deram ênfase à educação criando o Instituto Grambery em Juiz de Fora, e colégios que vieram a tornar-se universidades como a UNIMEP (Piracicaba-SP), entre outras. Nota do autor.

²⁷ Wady Safady aponta a data de 03 de dezembro de 1866 como a que “começou a funcionar este grande instituto educacional...” (SAFADY. 1966, p 39).

Não se poderia deixar de registrar o depoimento de Safady sobre a Universidade Americana de Beirute, no tocante ao valor do protestantismo na formação de muitos jovens imigrantes (e não imigrantes) cultos naqueles países: “Num recente comentário da revista Time, seu redator afirmava que os formandos pela Universidade Americana de Beirute, nas várias representações dos países na ONU, eram em número superior aos graduados por qualquer outra Universidade, pois a maioria dos delegados árabes tinham obtido seus títulos nesse estabelecimento [...] Realmente, “Al-Kuliah”, “The Protestant College”, que veio depois da primeira guerra mundial a ser a Universidade Americana de Beirute, sempre foi considerado como centro de cultura do mais alto nível e de todos os países árabes [...] Todos os árabes respeitavam este nome por ser fonte de cultura e sabedoria[...] O renascimento cultural árabe... foi continuado e ampliado pelos missionários americanos, quando começaram sua ação religiosa e cultural na Síria e Líbano, em 1820 [...] Nesses homens, formados pela Universidade Americana de Beirute, está simbolizado o renascimento cultural árabe dos tempos modernos”. (SAFADY. 1966, pp37-38)

Em relação à emigração, é digno de nota que os missionários protestantes viram tal fenômeno como um problema para eles e seus projetos na região, levando em conta o impacto sobre as igrejas que se haviam instalado. Knowlton refere-se aos relatórios dos missionários, publicados em 1888, os quais se reportam ao problema: “A febre emigratória não apresenta indícios de diminuir. Chegou a tornar-se uma mania. Tirou das nossas igrejas alguns dos seus membros mais úteis; muitos dos professores dão sinais de inquietude. (KNOWLTON. 1961, PP. 29 e 30). Portanto, pode-se perceber certo sucesso do empreendimento missionário quanto a números, ou pelo menos, indicativo de certa presença de alguma influência já neste início de sua implantação.

O 55º relatório anual da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América (PCUSA), cuja transcrição é feita a seguir nos informa sobre a emigração sob a ótica dos missionários: “... A emigração, como um fermento possante, agita tôdas as aldeias e povoados do nosso campo. Todo o mundo está em movimento e ninguém parece pensar em ficar, desde que possa, de um jeito ou de outro, arranjar dinheiro suficiente para pagar a viagem[...] Há homens, meninos, mulheres e crianças de Zaleh em todas as grandes cidades do Novo Mundo, na Austrália e nas ilhas de todos os mares. A crônica de suas experiências formará um estranho capítulo na história da Síria moderna.”(KNOWLTON. 1961, p 30). Pode-se perceber existir indicação de que nem todos ali citados sejam protestantes, mas, por outro lado,

nota-se que membros das igrejas haviam emigrado, gerando inquietação nos professores. Estes emigrantes trarão consigo sua crença e seus valores para as terras do Brasil.

3) Harmonia e conflito?

A religião, com sua capacidade de apaixonar as pessoas, pode se tornar instrumento de litígios e conflitos profundos. A história universal faz, sobejamente, registro desta triste e infausta verdade. Perseguições entre judeus e cristãos; guerras entre cristãos devido a divergências teológicas; países inteiros mergulhados em conflitos de ordem religiosa entre integrantes de uma mesma fé (cristã), como a Guerra dos Trinta anos²⁸, a Revolução Puritana²⁹ na Inglaterra; os combates entre cristãos e muçulmanos nas Cruzadas. Os conflitos na Índia entre hindus e muçulmanos; a Irlanda; Cosovo; Bósnia, e outras tantas que poderiam ser alinhadas aqui.

Na Síria e Líbano, isto não foi diferente. Esta “colcha de retalhos” religiosa, experimentou rupturas por muitas vezes, com derramamento de muito sangue. Evidentemente houve momentos de paz e tranquilidade, com tolerância e convivência, mas que foram entremeados de distúrbios, escaramuças e embates violentos.

3.1) Harmonia:

Em entrevistas colhidas, Gattaz admite a idéia da prevalência da harmonia, onde “todos os grupos sempre conviveram pacificamente” (GATTAZ. 2001, p 201). Segundo este autor, de acordo com narrativas bibliográficas, pode-se apontar exemplos de mistura confessional e a segregação existente como “de caráter social” (p 202). Algumas destas entrevistas são reproduzidas a seguir: “Em Alepo – Halep – tinha uma convivência boa entre as três religiões...A maioria era muçulmano, parte era cristão, parte judeu...Tinha bairros de judeus, bairro de cristãos, bairros de muçulmanos...A gente vivia isolados (sic), mas sem agressão nenhuma, era um isolamento cultural...” (p. 202). “A nossa cidade, Ibl ES-Saqi, era formada de dois bairros, um cristão e o outro druso...E na vivência das duas zonas, havia uma tolerância, religiosamente falando

²⁸ Trata-se de guerra entre católicos e protestantes da Alemanha, ocorrida de 1618 a 1648, havendo a interferência de Gustavo Adolfo (Rei da Suécia) em favor dos protestantes. Em 27 de outubro de 1648 a guerra terminou com a celebração da Paz de Westphalia. (WALKER. V.II, 1967, p 128-129).

²⁹ Revolução ocorrida na Inglaterra e comandada por Oliver Cromwell, nos anos de 1643 até a implantação da República com a vitória dos exércitos do Parlamento e condenação e decapitação de Carlos I em 30 de janeiro de 1649. Nota do autor.

extraordinária...(…) Haja vista que os chekhs deles, em toda ocasião festiva ou religiosa, vinham visitar meu pai como mentor da Igreja Presbiteriana. Ao mesmo tempo, os bispos das Igrejas Ortodoxa e Católica Melquita, nunca visitaram suas igrejas, sem vir visitar meu pai”. (p. 203). “Na nossa cidade, éramos como irmãos entre as religiões diferentes. Lá tem muito católico, ortodoxo, presbiteriano, druso (...). Toda a vida a convivência foi como uma família só”. (p 203). “A convivência entre as religiões em Beirute para nós era normal. Nós pessoalmente não tínhamos problemas de religião com ninguém, até hoje não temos problema de religião. Sempre existiu uma convivência entre as religiões no Líbano, até hoje existe. Essa convivência só se perturbou nos momentos de guerra, nos momentos de crises nas interferências estrangeiras”. (p 203-204).

É possível que esta forma de ver, não reflita uma situação ligada a tempos anteriores à primeira Guerra Mundial e, certamente, não reflete o contexto posterior a 1975. Além disso, esta região sempre esteve sob interferência estrangeira até 1946, enfrentando crises e guerras, o que é indicativo de uma certa constância de conflitos.

Embora se deseje passar a idéia de paz, harmonia, convivência e cooperação, há relatos sobre o aspecto oposto a este, ou seja, os de conflitos e lutas. A afirmação de Gattaz será o fecho deste parágrafo e se percebe que havia relatividade pacífica nesta questão da relação inter-religiosa: “É unânime entre os entrevistados, portanto, que antes da guerra a convivência inter-religiosa no Líbano era relativamente pacífica, embora variasse desde as relações discriminatórias às verdadeiras reações de amizade e ligação familiar – o que é corroborado pelas demais fontes que se referem ao assunto. Todos, quando se referem à própria posição frente às demais seitas, destacam suas atitudes tolerantes e ecumênicas”. (p. 204).

3.2) Conflitos:

Ao se fazer a leitura de entrevistas coligidas por Greiber nota-se que, embora haja um intento em minimizar o fato, a presença de choque e conflitos está patente : “Mas essa história de que, no tempo dos turcos, os cristãos não podiam andar na calçada, só podiam andar na rua, não é verdadeira. Não no nosso tempo! O que dizem é que eles não podiam andar à direita da calçada...As ruas têm direita e esquerda Os cristãos não podiam andar à direita; mas meu pai não sofreu isso”. (GREIBER et al. 1998, p 39). Alguma forma de restrição ou barreira existia e isso é fruto de discriminação social e religiosa.

Na entrevista de Nabih Salamah, fica clara a segregação e intolerância, mesmo que as pessoas não a queiram ver. O trecho da entrevista é revelador quanto a isso: “Os choques entre cristãos e muçulmanos eram apenas choques locais; se um cristão passava pelo bairro muçulmano batiam nele. Lá é dividido em bairros, quando o bairro é cristão é tudo cristão, quando o bairro é muçulmano, é tudo muçulmano”. (GREIBER ET al. 1998, p 507). Percebe-se que há existência de bairro ou distrito formado por integrantes de certo credo, sugerindo uma situação de isolamento, segregação ou gueto. Ramiz Gattaz em sua entrevista corrobora com esta visão ao declarar: “Nós, do Líbano, sempre entendemos que, por sermos cristãos temos mais direitos. Por causa disso, fomos relegando os drusos os muçulmanos e outros a um segundo plano. Esta é uma interpretação minha, muito pessoal, por que não creio que houvesse essa divisão ou mesmo esse ódio entre religiões diferentes”. (GREIBER et al. 1998, p 749). Pode-se perceber que há dificuldade em admitir a situação de conflito e segregação, mesmo sendo por ele descrita. O desejo quanto ao ideal de convivência parece ser bloqueio à percepção da realidade dura da segregação.

A presença de tensões e conflitos religiosos na Síria e no Líbano não são desconhecidos por Truzzi que, aliás, os reconhece e confirma ao referir-se a este assunto nos seguintes termos: “Os sírios e libaneses, em sua terra de origem, constituíram um grupo relativamente marcado por conflitos de natureza étnica regional e religiosa. Seria fastidioso e inoportuno rememorar a extensa cronologia de conflitos envolvendo essas populações”. (TRUZZI. 1992, p.13). Ele mesmo fala ainda que “sendo a inserção étnica, religiosa e regional tão decisiva em sua terra natal, a vinda ao Brasil não poderia significar de uma hora para outra a anulação de tantas tensões pregressas”. (op cit p.15). Essas diferenças e rivalidades acabaram por se transportar para a colônia. Afirma que tais diferenças foram reacesas e aponta algumas bases históricas para tais distinções, das quais se ressalta: “uma população majoritariamente cristã (sobretudo maronita) no Líbano em contraposição a uma população majoritariamente muçulmana na Síria...Ao longo do século XIX, a política imperialista dos governos europeus apoiando diferentes seitas cristãs (França: católicos maronitas e melquitas; Rússia: ortodoxos orientais; Inglaterra anglicana: drusos e às vezes cristãos) apenas exacerbou a divisão entre muçulmanos e cristãos, os primeiros sentindo-se humilhados em relação aos últimos, sempre favorecidos; “. (TRUZZI. 1992, p 20).

Sobre este assunto de conflito religioso, Knowlton, ao tratar das causas religiosas da emigração, faz referência ao fato de que “após a retirada dos egípcios,

desenvolveu-se um sentimento de hostilidade entre os maronitas no norte do Líbano e os drusos no sul”. (KNOWLTON. 1961, p 20). Ainda que ele reconheça outras causas para esta rivalidade, afirma as de caráter religioso.

Conflitos e choques em 1841 e 1845 (KNOWLTON. 1961, p 20) antecedem ao Grande Conflito ou Massacre ocorrido em 1860. Este conflito visto como de caráter social, tem sua predominância religiosa inegável. Trata-se de luta “civil” entre drusos (liderados por Said Jumblat) e cristãos maronitas. Este conflito ou massacre de 1860 com os drusos opondo-se aos cristãos, chamado também de Al Háraque (“O Movimento”), teve a participação dos turcos que recebiam os cristãos foragidos tiravam-lhes as armas e então os deixavam à sorte ante os muçulmanos locais. O saldo de mortes entre os cristãos é estimado em 11.000 em Damasco, podendo ser o dobro em todo o Líbano. (GREIBER ET al. 1998, p. 21).

Para tentar resolver esse conflito houve intervenção de potências européias (França, Inglaterra, Rússia e Prússia) e em 1861 estabelece-se acordo para administração do “Monte Líbano”. A região ainda se encontrava sob o domínio turco, mas teria um governante (mutassarif) cristão, mas não libanês, que seria indicado pelo sultão otomano e aprovado pelas potências européias. Haveria também um conselho administrativo representado por todos os segmentos religiosos, além de força policial. Este sistema perdurou até 1915 quando foi nomeado um governador turco até o final da Primeira Guerra (1918). (GATTAZ. 2001, p. 60).

Esta solução gerou certo equilíbrio e os conflitos cessaram, embora as diferenças permanecessem. Após o término da Primeira Guerra e a não concessão da independência do Líbano e da Síria, conflitos voltaram a ocorrer, sendo, mais uma vez, de ordem social, política e religiosa. Gattaz assim se expressa sobre isto: “Durante as duas décadas seguintes, a política libanesa foi dominada pelo conflito entre as comunidades católicas apoiadas pela França, e as comunidades sunitas e Greco-ortodoxas, que rejeitavam a legitimidade do Estado libanês e a supremacia política maronita, lutando pela incorporação do Líbano ou parte dele a um Estado árabe maior”. (GATTAZ. 2001, p.69).

A independência destes países (1943 e 1946) trará certa estabilidade e apaziguamento. No entanto, o fermento estaria agindo de maneira não perceptível, até que a massa viesse a ser totalmente levedada, com resultado trágico nos anos de 1970.

O ano de 1975 traz a eclosão da guerra civil no Líbano e que durará até 1990. A avaliação de Gattaz é de que não se trata de conflito religioso, mas político, com

cristãos desejando preservar o sistema tradicional libanês de “privilégios”, enquanto muçulmanos querem sua derrubada (op cit. p 119). Mas, o caráter religioso é incontestado e inegável e o próprio Gattaz escreve: “Em Beirute, o lado ocidental (incluindo a região ao sul da cidade), em que se encontram o porto, o aeroporto e os acampamentos palestinos, tornou-se reduto dos muçulmanos, enquanto o lado oriental, mas próximo ao Monte Líbano e à sede do governo em Baabdat, manteve-se área exclusiva dos cristãos . O espaço intermediário tomado pelo mato, ficou conhecido como “linha verde”- através do qual franco-atiradores visavam cidadãos só por pertencerem ao outro lado...”(p.121).

Atualmente vemos alguns distúrbios e conflitos ocorrendo e, em certa medida, o histórico peso religioso está presente. Mas, isso já não é objeto de interesse dessa dissertação.

4) Transferência para a colônia:

Os elementos fortemente presentes na vida dos sírios e libaneses, já apontados na introdução deste capítulo serão trazidos ou transplantados para a nova terra, ou a terra de adoção. Embora venham a sofrer pressão de aculturação e aproximação com uma identidade “abrasileirada”, (GATTAZ. 2001, p. 188) no intuito de se fazerem mais aceitáveis aos naturais, e angariar mais simpatia e possibilidade de penetração na sociedade; a língua, a aldeia, a família e a religião acompanharão os emigrantes em sua jornada e estes tentarão preservá-las em sua pátria adotiva, inclusive estabelecendo as distinções existentes em sua própria terra natal. Neste sentido pode-se ver que “...as dissensões entre sírios e libaneses foram aqui no Brasil recriadas, sobretudo a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, quando movimentos nacionalistas de emancipação ganharam força”. (TRUZZI. 1997, p 96). A afirmação de Gattaz quanto a este ponto é significativa, a fim de mostrar este aspecto de tentativa de preservação da cultura: “Os libaneses encontraram, nos clubes regionais e nas igrejas e mesquitas os espaços de sociabilização em que suas tradições podiam ser mantidas sem o receio do olhar preconceituoso do cidadão brasileiro”. (GATTAZ. 2001, p 189).

4.1) A língua:

Este, talvez seja o elemento comum a todos estes imigrantes, e será trabalhado no recesso da casa por eles e sua primeira geração no Brasil. Algumas escolas e colégios serão fundados no intuito de se fixar o árabe na vida das gerações seguintes (TRUZZI.

1992, p 16). O árabe é usado também nos rituais religiosos, nas reuniões sociais da colônia e na descontração do clube.

A segunda e terceira gerações, como normalmente acontece com imigrantes que não se tornam herméticos socialmente com formação de guetos, perdem o contato com a língua e deixam de falar, até pelo fato de buscarem ser mais parecidos com os naturais e almejar identificação plena. Claro que houve e há exceções, mas a colocação feita por Knowlton parece haver se efetivado: “Quando a geração atual morrer, o uso do árabe desaparecerá aos poucos”. (KNOWLTON. 1961, p 182).

O interesse pela valorização da língua árabe levou à criação, em 1944, do Centro Brasileiro de Cultura Árabe, sendo que este deveria ser o meio pelo qual seria mantida uma cadeira de árabe e um professor na Faculdade de Filosofia na USP, já que havia certo interesse, à época, pela língua e cultura árabe. No entanto, esta iniciativa não perdurou por muito tempo. O professor da cadeira Taufik Kurban, acabou por demitir-se, gerando uma interrupção de muitos anos dos estudos árabes na USP. (TRUZZI. 1992, p 25).

Alguns aspectos, inclusive o econômico com a valorização do petróleo e a crise mundial, reacenderam o interesse pelo árabe e hoje há uma estrutura bem estabelecida, inclusive com pós-graduação na USP, ligada à cultura árabe. Neste sentido a colocação feita por Knowlton cumpriu-se em relação à colônia, cujos descendentes desconsideraram a língua, mas não se efetivou quanto à língua e cultura árabes, que se mantêm vivas, sobretudo com as novas levas de imigrantes muçulmanos após os anos 1950 e que se ligam fortemente ao Corão.

4.2) A família:

Este elemento é de grande importância (como visto) na vida e cultura dos povos sírio e libanês. A estrutura da família é de caráter eminentemente patriarcal e se apresenta em três espécies; a conjugal, a família grande (a mais importante nas origens destes povos) e a de parentela. (KNOWLTON. 1961, p 167-168).

Uma transposição de caráter absoluto não é possível, mas a tentativa de reprodução na nova terra é nítida. Em São Paulo, depois de morarem em bairros de periferia, o primeiro núcleo de “colônia” foi a Rua 25 de Março e adjacências. Neste setor os imigrantes se instalavam com suas lojas na parte inferior ou frontal do imóvel, ficando a parte posterior ou superior para a moradia. Nesta habitação vão sendo

recebidos os familiares, até que possam estabelecer-se e repetir o processo, formando um núcleo de famílias.

À medida que prosperava, o imigrante buscava os integrantes de sua família, a fim de que se instalassem junto dele ou mesmo com ele. Este sistema vai se tornando rarefeito devido à condição da colônia, e o eixo começa a deslocar-se da família grande para a conjugal, que veio a ser, no Brasil, a mais importante. (KNOWLTON. 1961, p 173). Embora continue sendo nitidamente patriarcal, com autoridade última do pai, ocorre certa flexibilização do papel feminino, havendo este alcançado destaque e importância, seja na área da formação acadêmica ou na participação no mercado de trabalho.

Mesmo com a mobilidade social que determinou a geográfica, a noção de família ou “colônia” prevaleceu. Quando deixaram a 25 de Março, dirigiram-se para a região da Vila Mariana, vindo a ser este núcleo a maior “colônia secundária”, formando uma “grande família”. Ao se deslocarem para a região da Avenida Paulista e depois para bairros considerados de classe alta repetiram, de certa forma, o modelo; mas a idéia de “colônia” já não está mais tão evidente, preferem ver-se diluídos nesta grande manifestação da brasilidade. (KNOWLTON. 1961 p 185).

4.3) A aldeia:

Este é outro elemento de grande significado e importância na base identitária do sírio e do libanês (TRUZZI. 2005, p 3). A aldeia é uma espécie de universo próprio, onde a noção de mundo (macro) quase se dissipa. Esta idéia é apresentada por Knowlton que fala da lealdade e vinculação do sírio e do libanês à sua aldeia: “Os sírios e libaneses dedicam o máximo de sua devoção à sua aldeia ou cidade, e têm pouca consciência de unidades políticas maiores. Dentro de sua aldeia, o aldeão vive toda a sua vida”. (KNOWLTON. 1961, p 171). Deve-se levar em conta que esta observação refere-se à condição do final do século XIX e primeira metade do século XX. Tal situação sofreu alguma modificação devido à interação promovida pelas telecomunicações e também a melhoria dos transportes.

Os imigrantes buscaram “reproduzir” sua aldeia ou vínculo com sua terra natal por meio de instituições sócio-recreativas ou associações sócio-culturais. Truzzi capta e interpreta muito bem a tese da psicanalista, Claude F. Hajjar, na qual justifica o grande número de instituições sírio-libanesas como sentimento de culpa e até luto pela emigração já que abandonaram sua “terra mãe”, mesmo que Hajjar não use estas

palavras.(HAJJAR. 1985, p130). A reprodução do texto de Truzzi é interessante: “Hajjar, psicanalista, atribui a profusão de instituições fundadas pelos sírios e libaneses à culpa e ao luto decorrentes da experiência migratória. Ela relaciona o fenômeno à década de 20 quando os imigrantes se desiludiram de voltar aos seus países de origem, deixando de encarar a imigração como uma condição provisória”. (TRUZZI. 1992, p 16). Há, também, o aspecto do estabelecimento de tais instituições como de competição de *status*, seja da aldeia (cidade) ou dos indivíduos, que se apresentam como os mais bem sucedidos em comparação aos outros.

Este vínculo ou ligação à terra natal (cidade ou aldeia, mais até que ao país) será percebido claramente na colocação de nomes nestas instituições, que serão como “espelho” de sua vila ou aldeia; são os clubes Aleppo, Antioquina, Marjioun, Rachaia, Gaze, Zahle, Homs e outros. É interessante que Gattaz sustenta que os cristãos estabeleceram clubes regionais, enquanto muçulmanos buscaram estabelecer entidades mais abrangentes (GATTAZ. 2001, p 193). O motivo para este fenômeno pode ser o fato de que o muçulmano enfatiza mais o aspecto étnico (árabe) e religioso (muçulmano) que o regional ou nacional.

A ênfase na designação dos clubes e associações com os nomes das cidades, tem seu ponto culminante com dois eventos significativos. O primeiro se deu em relação ao Hospital Sírio-Libanês, que tinha seu nome apenas como hospital Sírio, vindo depois receber a composição atual. O segundo caso é o dos clubes recreativos. Reproduzo Truzzi neste particular: “O mesmo ocorreu com o Esporte Clube Sírio, fundado em 1917, que abrigava parte da coletividade síria e libanesa de São Paulo. Os libaneses tentaram judicialmente introduzir o nome libanês. Não tendo conseguido, fundaram em 1934 o Clube Atlético Monte Líbano”. (TRUZZI. 1992, p 24).

Tal situação leva a uma indagação quanto ao aspecto de cooperação ou não no âmbito da colônia, ou melhor, da união ou não dos integrantes deste grupo. As indicações são contrapostas, onde às vezes temos declarações de ajuda e harmonia e, às vezes, testemunhos de desunião ou conflito.

Neste sentido o ponto de vista da psicanalista Hajjar é interessante, ao observar que: “A coletividade árabe, em geral, está de tal forma dividida por diferenças religiosas e econômicas, rivalidades de famílias e de religião, ciúmes pessoais, que não foi possível organizar uma sociedade que representasse a coletividade como um todo”. (HAJJAR. 1985, p 130). O mito da unidade-união parece ficar estremeado ante este e outros depoimentos registrados.

O ideal romântico de ajuda e amparo é fulminado no depoimento de Ramiz Gattaz e registrado por Greibber : “Há uma coisa importante a observar: o nosso patrício não é prestativo como diz o brasileiro, afirmando que patrício ajuda patrício...Há uma lenda que corre entre os brasileiros de que o “turco”, o sírio-libanês, progride na vida porque um ajuda o outro. Se houver, é muito raro. O que sei é que um é muito fechado em relação a outro. Claro, não procura massacrar, mas essa coisa que o judeu tem, nós não temos”. (GREIBER et al. 1998, p 749). O registro da opinião de Guilherme Afif Domingos, feito por Truzzi, caminha nesta direção: “A colônia árabe não é unida, não é unida porque é difícil você dizer “colônia árabe”. Os povos falam a língua árabe, mas nela existem cisões profundas devido a problemas de religião. Então aqui inicialmente era colônia sírio-libanesa, depois, hoje ainda, tem as divisões de colônia síria, de colônia libanesa, mas no facho do individualismo dessas colônias é que nós vamos ver que elas acabam se fechando por cidades”. (TRUZZI. 1992, p 18).

Na percepção de Truzzi a complexidade da colônia, fez com que algumas distinções ou diferenças afluíssem, por fermentação de clérigos e ou intelectuais (TRUZZI. 1992, p 21). Ele mesmo reconhece, no entanto, que houve (e há) uma relação de auxílio mútuo e amparo recíproco, ao registrar: “O segundo elemento significativo da trajetória dos libaneses e sírios diz respeito às relações de complementaridade e de ajuda mútua estabelecida no interior da colônia. Estas se manifestaram num sem número de mecanismos que se desenvolveram, desde a acolhida dos recém-chegados pelos já aqui residentes até o ápice das relações de complementaridade que se estabeleceram entre industriais e grandes comerciantes”. (TRUZZI. 2005, p 40).

Assim, a “aldeia” reproduzida no Brasil é ponto identitário como sírio e libanês, mas ao mesmo tempo é elemento distintivo como sírio e libanês ou como beirutino, “homsense” , damasceno, etc. Termino este tópico com a transcrição de Truzzi: “Várias tentativas de se formalizar a cooperação entre outros empreendimentos foram frustradas porque as linhas divisórias de religião, parentesco e origem não puderam ser transpostas. O que até certo ponto mostra que, na prática, os sírios e libaneses conseguiram distinguir bem seus negócios de suas desavenças. Neste caso inverteu-se a máxima: ‘Inimigos, inimigos; negócios à parte’”. (Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo. p 55).

Percebe-se, portanto, que esta situação de tentativa de continuidade e prolongamento da terra mãe existirá forte nos primeiros imigrantes. No entanto, a descontinuidade se imporá à segunda e, certamente, à terceira geração, para a qual não

há referência de raiz a clã, aldeia ou cidade com a mesma importância e valor dado pelos antecessores.

4.4) A Religião:

Este é outro elemento de relevância identitária para esta leva de imigrantes, que trazem consigo suas crenças e fé particular. A religião, no contexto sírio e libanês, é marcante não só no sentido espiritual, mas também no aspecto político (SAFADY. 1966, p 230).

A observação feita por Hajjar neste particular, sobretudo pelo fato de ser ela psicanalista, é importante, pois reforça a tese do vigor e pujança da religião nestes países e na cultura árabe. Ela afirma: “No mundo árabe, a religião é mais importante que a identidade nacional. Cada grupo religioso é considerado uma comunidade separada dentro do Estado”. (HAJJAR. 1985, p 46).

De modo idêntico às instituições ou associações de caráter sócio-filantrópico-cultural que buscam reproduzir ou recriar a “terra mãe” em solo estrangeiro, a religião também protagoniza este processo. Os credos que compunham o mosaico religioso na Síria e Líbano serão também vivenciados no Brasil, mais ou menos intensamente; mantendo-se por algum tempo distinto ou sendo absorvido na estrutura religiosa predominante do catolicismo romano, ou, ainda, diluindo-se na multifacetada manifestação da religiosidade brasileira. Mais uma vez a observação de Hajjar é pertinente e reforça esta linha de pensamento: “Tanto a igreja quanto a mesquita ou outro local para orações, apesar de transportados para o Brasil pelos imigrantes, foram incapazes de reter seus membros ou manter sua posição na nova terra”. (HAJJAR. 1985, p 77). Vê-se, com base neste depoimento e análise de uma psicanalista, que a continuidade-descontinuidade se manifesta também na esfera da religião. A diminuição da força da religião (fidelidade) como se via nos “pais” se verifica e, à exemplo dos clubes e associações, esta já não é um ponto de relevância tão acentuado. O afastamento ou não devotamento estreito à fé dos antepassados se verifica. Este fenômeno se percebe entre os evangélicos, que não se ligam ao seu grupo religioso étnico, mas se “diluem” entre os protestantes já instalados e brasileiros.

Não se pode desconsiderar, no entanto, a importância da religião (igreja, mesquita, sinagoga, templo, etc) na vida do imigrante, no contexto novo em que se encontra distante de sua terra natal e, muitas vezes, de sua gente-família. A observação da pesquisadora e psicanalista Hajjar é muito pertinente, e reforça esta idéia do valor sócio-afetivo da religião: “No primeiro período de vida do imigrante, a instituição

religiosa tem um papel central, pois as cerimônias e rituais árabes matam a saudade da pátria, fornecem ligação com a terra natal e fazem lembrar aos imigrantes a cultura o modo de vida de sua gente; é um refúgio dos problemas da vida no Brasil.” (HAJJAR. 1985, p 78).

Este aspecto é ressaltado por Martes ao tratar da imigração brasileira para os Estados Unidos da América, ao afirmar: “As igrejas são ‘comunidades restritas’ onde os mecanismos de controle social são mais claramente definidos, a ponto de fazer com que seus integrantes sintam alguma segurança de que estão integrando uma rede de reciprocidade positiva. É neste sentido que as igrejas foram aqui tomadas como exemplos de ‘espaços seguros’ para a socialidade”. (MARTES. 1999, p.189).³⁰

Algumas informações serão oferecidas sobre as religiões praticadas por estes imigrantes e sua situação no Brasil.

4.4.1) Muçulmanos:

Embora haja seitas dentro do Islã, a abordagem será feita de modo genérico quanto a esta religião, sem maiores diferenciações à exceção dos drusos.

Os muçulmanos têm comunidades expressivas em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Foz do Iguaçu. Em São Paulo a mais antiga mesquita é a Brasil, fundada em 1929 ligada à Sociedade Beneficente Muçulmana. Há também a mesquita xiita do Brás (cerca de 20.000 membros) entre outras. Em Curitiba encontra-se a mesquita Ali Ibn Abu Talib, construída em 1977 e que congrega cerca de 15.000 pessoas, sunitas e xiitas, apesar de suas peculiaridades. No Rio de Janeiro há uma única mesquita ligada à Sociedade Beneficente Muçulmana do Rio de Janeiro. Há uma em Jacarepaguá, mas está desativada por questões entre a comunidade e o construtor. Existe também o clube alauita, na Tijuca, que congrega os partidários deste segmento (alauita). A comunidade muçulmana no Rio de Janeiro atinge a marca de 5.000 pessoas. (REVISTA USP. 2005, pp 230-249).³¹

Temos a informação da existência das seguintes mesquitas no Brasil, conforme dados fornecidos por Hajjar: “São Paulo –capital- Mesquita Brasil, Santo Amaro, São Miguel Paulista, São Bernardo; interior- Campinas e Barretos. Paraná: Curitiba,

³⁰ É obra que versa sobre imigração de brasileiros para os EUA, na região de Boston, mas as aplicações e princípios são compatíveis com a imigração de modo geral, incluindo-se os sírios e libaneses protestantes no Brasil, uma vez que guardam semelhanças em suas histórias e evolução. Nota do autor.

³¹ Trata-se do artigo de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto, intitulado: Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil. Nota do autor.

Londrina, Paranaguá, Ponta Grossa, Guarapuava e Foz do Iguaçu. Mato Grosso: Cuiabá. Mato Grosso do Sul: Campo Grande e Dourados. Distrito Federal: Brasília. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro e Nova Iguaçu”. (HAJJAR. 1985, p 203-204). Estes dados podem estar desatualizados e não consta a de Jacarepaguá, que pode ser a de Nova Iguaçu.

4.4.2) Drusos:

Este grupo teve seu centro de aglutinação em Teófilo Otoni-MG- a partir de 1898, chegando a contar 176 membros da família. Espalharam-se após a morte do patriarca. Após a Primeira Guerra Mundial a imigração drusa foi mais intensa, e foram criadas duas grandes associações: Belo Horizonte; Rabtah Druza e em São Paulo; Lar Druzo Brasileiro desde 1969. Estão presentes em vários estados do Brasil.

4.4.3) Greco-ortodoxos:

Os que, no Brasil, professam esta crença, estão ligados (como sírios e libaneses) ao patriarcado de Antioquia, sediado em Damasco.

Conforme Wady Safady são quatro os períodos desta congregação no Brasil. No entanto, deve-se observar que seu escrito é de 1966, portanto, dados mais atualizados não são ali contemplados. Ele dá como início das atividades o ano de 1898 com a chegada do primeiro padre Mussa Abu Haidar. O início é na Rua 25 de março, mudando-se em 1903 para a Rua Florêncio de Abreu. Em 1904 é inaugurada a Igreja de Nossa Senhora da Natividade na Rua Itobi. Em 1922 cria-se o arcebispado. Em 1939 adquire-se o terreno da Rua Vergueiro 1.515 onde é construída a bela catedral ortodoxa de São Paulo, consagrada em 1942. Os ortodoxos mantêm em seus rituais as línguas grega e árabe, mas também o português.(SAFADY. 1966, pp 230-247).

Knowlton informa que alguns costumes antigos já não são mais observados tais como: separação entre os sexos na hora do serviço religioso, congregação permanecer todo o tempo em pé. Informa ainda que muitos deixaram esta tradição religiosa e ela se manteve enfraquecida na maioria das localidades. “A Igreja Greco-Ortodoxa mesmo nas grandes cidades permaneceu fraca [...] Até nas grandes comunidades de imigrantes com igrejas ortodoxas estabelecidas, um grande número de imigrantes permaneceu afastado da igreja...” (KNOWLTON. 1961, p 175-176).

Hajjar nos dá uma relação de igrejas ortodoxas no Brasil , conforme segue: São Paulo-capital-: Igreja Nossa Senhora da Natividade, Liceu São Miguel, Catedral São Paulo, Igreja do Culto Sírio Ortodoxo Antioquina e para todo o Oriente, Igreja São Jorge,. Santos: Igreja de São Jorge. São José do Rio Preto: Igreja e sede episcopal. Bauru: Igreja Ortodoxa São Jorge. São Carlos: Sede da Igreja Ortodoxa. Goiás: Goiânia: Igreja de São Nicolau, Anápolis: Igreja de São Jorge. Minas Gerais: Guaxupé: Igreja de São Elias, Belo Horizonte: Igreja e sede episcopal. Rio de Janeiro: Igreja de São Nicolau. (HAJJAR. 1985, p 195-197).

4.4.4) Maronitas:

Embora tenham sido os primeiros da colônia a construir uma capela (1897 na Rua 25 de março), usavam templos católicos cedidos para seus ritos. Muitos acabam por se ligar à Igreja Católica Romana por questões de adaptação e privilégios em colégios. Fundaram a Sociedade Maronita de Beneficência que socorria os carentes e até “repatriava” alguns imigrantes (SAFADY. 1966, p 279). Em 1903 fundam a primeira igreja maronita em São Paulo e em 1931 a Missão Libanesa Maronita do Brasil, no Rio de Janeiro.

Hajjar nos fornece a relação de templos: São Paulo: Sociedade Maronita de Beneficência, Igreja Maronita, Igreja Nossa Senhora do Líbano. Rio de Janeiro: Missão Libanesa Maronita no Brasil, Igreja Matriz Nossa Senhora do Líbano. (HAJJAR. 1985, p 199).

4.4.5) Melquitas:

Esta corrente religiosa cristã é de vínculo católico romano e, segundo Safady, está ligada ao clero brasileiro desde 03 de maio de 1946. O lançamento da pedra fundamental da Igreja Nossa Senhora do Paraíso ocorreu em 23 de agosto de 1951. A inauguração se deu à Rua Paraíso n. 800 em São Paulo, no dia 20 de julho de 1952. Desde 1941 têm , no Rio de Janeiro, a Igreja de São Basílio.(SAFADY. 1966, p 271 e 173). Não têm expressão significativa no Brasil e, como os maronitas, devido sua vinculação com Roma, muitos acabaram por ligar-se ao romanismo. Suas igrejas são: Rio de Janeiro: Igreja de São Basílio. São Paulo: Igreja Nossa Senhora do Paraíso. (HAJJAD. 1985, p 201).

4.4.6) Protestantes:

Este segmento é o foco de interesse desta pesquisa e, como já foi dito, as referências aos protestantes são muito escassas. Não julgo que seja por preconceito, mas devo admitir que a pouca influência ou “visibilidade” haja determinado tal fato. Neste sentido Knowlton chega a dizer que: “Atualmente não há nenhuma seita protestante ativa embora tenham vindo muitos protestantes. Estas mantiveram um ministro e reuniram-se durante um certo número de anos, mas hoje estão inativos” (KNOWLTON. 1961, p 188). Esta cessação deveu-se à morte do Assis (pastor) protestante Rv. Khalil Simão Hacy, que aos 88 anos faleceu em 1944, tendo sido o fundador da Igreja Protestante Síria. Este ministro veio ao Brasil pela primeira vez em 26 de outubro de 1899 e retornou à sua terra em 02 de maio de 1904. É ordenado pastor em 27 de janeiro de 1907 e retorna ao Brasil em 1920. No Natal deste mesmo ano organiza a Igreja Protestante Síria, permanecendo como seu pastor até 1935, quando já idoso aposentou-se. (DUOUN. 1944, p 225).

Hajjar nos apresenta um sucinto relato sobre esta igreja e este ministro, do que transcrevo o seguinte: “A igreja foi instalada inicialmente, à Rua da Liberdade, 55 e pouco depois passou para a Rua Florêncio de Abreu, 72, onde permaneceu até fins de 1924; posteriormente mudou-se para o salão de segundo andar do prédio 105 do Parque D. Pedro II”. (HAJJAR. 1985, p 80).

Em relação aos presbiterianos, especificamente, Knowlton registra que estes acabaram por ligar-se a outras igrejas após a morte de seu último ministro. Transcrevo seu relato: “Os presbiterianos mantiveram uma organização religiosa separada durante vários anos. Quando faleceu seu último ministro a igreja desintegrou-se. Os presbiterianos da colônia estão inativos ou aderiram aos templos presbiterianos maiores da cidade”. (KNOWLTON. 1961, p 178). Não fica claro que instituições são estas, quem é o ministro e quando morreu, não se podendo fazer uma afirmação sobre tal organização ou pessoa, infelizmente.

É fato que os presbiterianos árabes utilizaram templos evangélicos para seus cultos. Esta informação é factual e depois desta “inatividade” chegou ao Brasil, oriundo do Líbano, o ministro Ráji Mokdessi Khury (falecido em 2007) como representante oficial da Igreja Protestante (presbiteriana). A informação de Safady é elucidativa: “Em São Paulo Al-Kassis Ráji efetua missas (sic) dominicais cada primeiro domingo do mês,

à Rua Vergueiro nº 2407.” (SAFADY. 1966, p 302). A igreja cujo endereço é mencionado por Safady é a Igreja Presbiteriana da Vila Mariana.

No Brasil há vários núcleos de protestantes árabes, sendo que dois destes são Igrejas organizadas, a saber: Igreja Evangélica Árabe de São Paulo e Igreja Evangélica Cristã Árabe em Foz de Iguaçu. Há congregações em Cubatão (SP), São Bernardo do Campo (SP), São José do Rio Preto (SC), Goiânia (GO), Rio de Janeiro (RJ), Ponta Grossa (PR), Curitiba (PR) e Brasília (DF). Há o chamado Movimento Cristão Árabe, cuja sede está em Foz do Iguaçu e que congrega cristãos protestantes no Brasil. Estas informações foram coligidas junto ao pastor Kalil Samara, chegado ao Brasil em 1976 e pastor da IEASP desde 1998.

Safady diz que “a comunidade protestante dos bem-árabes chama a seu templo de: Igreja Evangélica Árabe” (p. 302), esta igreja tem sua sede à Rua Vergueiro, 1845, Vila Mariana, São Paulo , e será o alvo do capítulo seguinte desta dissertação.

PARTE II

Capítulo Terceiro: Igreja Evangélica Árabe de São Paulo

1) Introdução:

Os protestantes, no Brasil, têm sua história, excluídos os franceses no Rio (século XVI) e os holandeses no Nordeste (século XVII), ligada ao início do século XIX com a “Abertura dos Portos às Nações Amigas”, protagonizada por D. João VI, Rei de Portugal, quando de sua vinda com a Corte portuguesa para o Brasil (1808), fugindo de Napoleão Bonaparte.

Embora a presença protestante venha ocorrer, neste primeiro momento, em caráter de imigração, a partir do meado do referido século as missões protestantes começam se estabelecer no Brasil. São congregacionais, presbiterianos, metodistas seguidos por outros. É um processo gradativo e lento, mas permanente e definitivo.

Entre os imigrantes chegados no Brasil, no final do século XIX, estão os chamados “turcos”, na verdade sírios e libaneses, que têm sua vinda a partir de 1871. Entre estes já se conta a presença de protestantes e com certa representatividade numérica (KNOWLTON. 1961, p 98). No entanto, não se compuseram ou se organizaram como protestantes, formando ou estruturando qualquer comunidade professante desta fé. As dificuldades ligadas aos aspectos próprios de instalação em nosso país, com cultura diferente e predominância religiosa distinta da protestante (católica romana), fazem com que mantenham sua fé restrita à manifestação larária e familiar, ou, então, ligada às comunidades protestantes já existentes, mesmo com a barreira da cultura e língua.

O conflito entre o ideal (comunidade protestante de língua árabe-étnica) e o real (diferenças culturais evidentes – diversidade e predominância quase total de religião não protestante-adversidade) leva à acomodação nos primeiros tempos, conduzindo os imigrantes sírios e libaneses protestantes a aderirem aos “templos presbiterianos maiores nas cidades” (KNOWLTON. 1961, p 178). Assim, o enfrentamento e a

superação da diversidade-adversidade se imporia como um fator a mais na experiência desafiadora destes imigrantes. Valeria a pena o preço alto a ser pago?

A ambientação e aproximação com a cultura local e dominante não era algo a ser rechaçado ou repudiado por eles naquele contexto. A necessidade de estabelecimento e acolhimento (aceitação) eram muito importantes e, mesmo, fundamentais. Não se pode dizer tratar-se de uma forma de assimilação, já que não foram “assimilados”. Tomamos aqui o conceito de assimilação como “o processo pelo qual um grupo étnico se incorpora noutro, perdendo (a) sua peculiaridade cultural e (b) sua identificação étnica anterior”. (OLIVEIRA. 1976, p 26). Não foram, portanto, incorporados, apenas aliaram-se. Pode-se admitir como sendo um tempo de “identidade renunciada”, sendo esta algo “que não presume ausência total, mas algo a ser recuperado. Isto deve ser enfatizado porque o que é latente pode se tornar uma realidade viva e, assim, uma ponte do passado para o futuro”(Apud. OLIVEIRA. 1976, p 28) e “uma identidade latente que é apenas ‘renunciada’ como método e em atenção a uma *praxis* ditada pelas circunstâncias, mas que a qualquer momento pode ser atualizada, invocada” (Op. Cit. p 12).

Neste sentido, haverá, gradual e paulatinamente, o desejo de estabelecimento de comunidade protestante de fala árabe, a fim de congregar os iguais, resgatando a plenitude da identidade étnica árabe e a fé protestante trazida de sua terra natal, com toda a carga de risco de estruturação hermética de pertença com exclusividade de seus integrantes.

A tensão se fará presente entre a demanda universalista do cristianismo, a necessidade de aproximação aos naturais para sua adesão e a força étnica com sua noção de pertença e exclusividade como sírio-libaneses árabes e traços diacríticos. Neste ambiente de conflito silente, vai triunfando a perspectiva não étnica, com abertura cultural, ainda que se mantenha a presença de elementos ligados à língua durante alguns serviços religiosos.

2) Delimitação:

O tema árabe-protestante oferece um desafio muito grande no contexto brasileiro e, particularmente, no paulistano. Não se fará, neste trabalho, abordagem de todo o aspecto ligado ao movimento religioso que envolve os protestantes árabes ou seus descendentes. A presença de imigrantes de língua árabe e seus descendentes em igrejas (comunidades) protestantes é significativa. Há comunidades em São José do Rio Preto, Cubatão, Rio de Janeiro, Brasília, Goiânia, São Bernardo do Campo, Curitiba, Ponta

Grossa e uma outra igreja organizada em Foz do Iguaçu. Estas podem ser objeto de estudos acadêmicos, no propósito de se obter uma visão mais apropriada da situação destes imigrantes neste contexto religioso protestante. No entanto, a abordagem aqui feita é restrita à Igreja Evangélica Árabe de São Paulo (IEASP), cuja localização é Rua Vergueiro, 1845, Vila Mariana. São Paulo- SP; com suas peculiaridades e propriedades, constituindo-se um estudo de caso, sem que seus dados sejam aplicáveis de modo generalizado.

3) Histórico:

Na obra clássica sobre imigração sírio-libanesa no Brasil, escrita por Knowlton, encontramos a afirmação de que “um número considerável de sírios e libaneses protestantes emigrou para o Brasil, na sua maioria presbiterianos. Durante certo número de anos mantiveram congregações independentes, que, com o tempo, se dissolveram até a supressão de reuniões puramente sírias ou libanesas. Muitos se tornaram inativos ou se converteram às Igrejas Católicas ou Ortodoxas, e outros filiaram-se às Igrejas Protestantes fora da colônia”. (KNOWLTON. 1961, pp 98-99).

Podem ser vistos, nesta declaração, alguns aspectos de valor e importância dentro de nosso foco de interesse.

- Número considerável de protestantes emigrantes da Síria e do Líbano;
- A maioria destes do ramo presbiteriano;
- Mantiveram (por certo tempo) congregações próprias (étnicas);
- Migraram (alguns) para outras religiões de caráter cristão não protestante;
- Outros, filiaram-se às Igrejas Protestantes nacionais locais.

Percebe-se a tentativa de manutenção do aspecto étnico aliado ao religioso (protestante árabe) quando do estabelecimento das chamadas “congregações independentes”. Mas, ao mesmo tempo, a não resistência à pressão de minimização das diferenças com o “universo circundante”, levará à desativação (“supressão”) de tais comunidades e à adesão às Igrejas já existentes (facilitação) fora da colônia, sejam protestantes ou não.

3.1) Antecedentes:

A IEASP é uma Igreja independente, cuja organização ocorreu nos meados de 1960. No entanto, antes de sua organização formal (embora não exista uma linha histórica vinculante direta), houve, pelo menos, uma tentativa de se estabelecer e, de

fato, se estabeleceu certa Igreja Protestante de língua árabe em São Paulo. Pode ser apontada como antecedente da IEASP, ainda que não antecessora, a Igreja Protestante Síria, sendo esta cristã, protestante e de etnia árabe (síria).

Pode-se ter a informação com Knowlton nos seguintes termos: “Atualmente não há nenhuma seita protestante ativa, embora tenham vindo muitos protestantes. Estes mantiveram um ministro e reuniram-se durante um certo número de anos, mas hoje estão inativos” (KNOWLTON. 1961, p 188). A referência aqui feita é à Igreja Protestante Síria fundada pelo Assis (pastor em árabe) Rev. Kalil Simão Hacy. Este ministro veio ao Brasil pela primeira vez em 26 de outubro de 1899. Retornou à sua terra em 1904. Lá faz seus estudos teológicos e foi ordenado ministro em 27 de janeiro de 1907, voltando ao Brasil em 1920. No dia 25 de dezembro deste mesmo ano organiza a Igreja Protestante Síria, da qual será o pastor até 1935, quando, já idoso, aposentou-se. Faleceu em 1944, aos 88 anos de idade (DUOUN. 1944, p 225). (Anexo 6).

Safady registra: “Em 1922, a comunidade protestante agrupou-se ao redor do ministro Khalil Racy, recém chegado do Líbano. Al Kassis Khalil (Kassis ou assis, em árabe, significa ministro) alugou um grande salão na Rua Florêncio de Abreu, 72 e efetuou os cultos dominicais regularmente, durante vários anos. Assisti a muitas missas (sic) naquele salão por ser pegado ao meu consultório. A frequência era numerosa, de famílias ben-árabes ilustres. Uma placa de bronze foi colocada na porta com os seguintes dizeres, em português e em árabe: ‘Igreja Evangélica Síria’. O nome sírio abrangia, na ocasião, o genérico dos ben-árabes”.(SAFADY. 1966, p 301). Deve-se notar que embora a placa diga Evangélica, o título dado por Safady em seu livro é IGREJA PROTESTANTE SÍRIA (op. cit. p 301), nome dado, também, por Duon. A Igreja foi estabelecida, em seu início, na Rua da Liberdade, 55, seguindo depois para a Rua Florêncio de Abreu, 72 onde funcionou até 1924. A sede final foi o salão do segundo andar do prédio 105 do Parque D. Pedro II (HAJJAR. 1985, p 80). Ao extinguir-se a Igreja, os bens foram vendidos e o valor doado aos pobres.

De fato, o longo período de 1935 até 1960, marcará uma dilatada “inatividade” de organização de comunidade protestante árabe em São Paulo, com os imigrantes e seus descendentes participando dos serviços religiosos em outras igrejas protestantes brasileiras.

3.2) Estabelecimento:

Há uma informação oferecida por Safady de que “em São Paulo Al-Kassis Ráji efetua missas dominicais (sic) cada primeiro domingo do mês, à Rua Vergueiro nº

2407” (SAFADY. 1966, p 302). Tal informe refere-se ao fato da retomada de atividades de culto para a colônia e em caráter étnico (em árabe), sendo já chamada de Igreja Evangélica Árabe.

Pode-se perceber uma estrutura de linha de tempo para a instalação e organização desta Igreja nos seguintes termos:

3.2.1) Designação do Ministro:

O ministro Reverendo Hági Azar Khoury vem do Líbano com documento oficial do Sínodo Nacional Evangélico da Síria e Líbano, que o apresenta como representante entre os “falantes de árabe”. A tradução deste documento é feita a seguir, estando a cópia do original em inglês em anexo (anexo 7).

“Beirute, Líbano

Outubro 1, 1963.

A quem interessar possa:

Este visa certificar que o Rev. Ragi Azar Khoury é um pastor ordenado do Sínodo Evangélico Nacional da Síria e do Líbano e que ele é o representante oficial do Sínodo entre os evangélicos falantes do árabe do Brasil, América do Sul, desde 1956. Está ele, ainda, autorizado a pregar o Evangelho, a organizar igrejas, e realizar todos os outros serviços pastorais de acordo com os princípios do sistema presbiteriano de governo e doutrina.

Dado no primeiro dia de outubro de 1963.” (Tradução própria)

Este documento é assinado pelo Rev. Ibrahim M. Dagher, secretário, trazendo abaixo o carimbo do Sínodo Nacional Evangélico da Síria e Líbano.

Vê-se de tal peça que, embora o Rev. Ragi³² seja reconhecido como representante desde 1956, só em 1963 é que ocorre a expedição do referido documento. Nele alguns pontos de interesse se realçam:

- Credenciamento e respaldo oficial do Sínodo Nacional de sua terra de origem;
- Autorização para organizar igrejas, embora não seja dito que apenas entre árabes, mas o que se pode depreender pelo fato de ser representante entre os “evangélicos falantes do árabe”;

³² Há alguma variação de escrita no primeiro nome. A prevalência é Ragi, conforme se lê no documento emitido pelo Sínodo. Nota do autor.

- Subordinação de seus “serviços pastorais” aos moldes do governo e doutrina presbiterianos, delineando os contornos de sua forma de ação e vínculo religioso.

3.2.2) Vinda e propósito do ministro:

Do documento transcrito é possível perceber que o propósito do respaldo e ou encaminhamento do ministro Ragi é a evangelização para organizar igrejas, particularmente entre os sírios-libaneses e outros falantes do árabe, bem como cuidado pastoral e assistência espiritual a eles e seus familiares. Portanto, evangelização, organização e cuidado.

Não se pode determinar se ele veio como imigrante para trabalhar (em sua vinda) como os demais, ou se veio com propósito exclusivo e determinado do exercício do “ministério religioso”. Não há, no documento, uma exclusividade neste sentido, mas autorização e respaldo oficial do Sínodo quanto à atividade pastoral-evangelizadora entre os árabes.

3.2.3) Condução de atividades:

A condução de suas atividades está vinculada ao propósito de sua vinda. Tem o destaque para afirmação como pastor e “representante oficial do Sínodo”. Esta formalização lhe dá o vínculo com esta organização e o coloca em um lugar distintivo entre os seus patrícios. Sua condição de imigrante trabalhador, em termos da esfera não religiosa, não afeta sua condução de atividade religiosa. Ele é ministro religioso oficial.

É fato que o Rev. Ragi desenvolveu atividade comercial, da qual recebia ou auferia seu sustento e de sua família. Era proprietário de uma loja para noivas na cidade paulista de Campinas, onde residia. Este é um aspecto a ser considerado, pois ainda na atual estrutura da IEASP, seu pastor com formação teológica e ordenação formal, Rev. Khalil Samara, é um pequeno industrial do ramo de artefatos plásticos e embalagens, não percebendo salário da Igreja. Esta parece ser uma diretriz presente nestas comunidades, onde o pastor recebe alguma ajuda ou benefício (moradia, por exemplo), mas não tem seu sustento dependente da Igreja.

As atividades do Rev. Ragi eram conduzidas secularmente para seu sustento em sua loja, mas, paralelamente, desenvolvia sua atuação na Igreja, cumprindo o propósito de sua indicação do Sínodo: serviço religioso (pregar o Evangelho, organizar igrejas e praticar os atos pastorais-sacramentos).

3.2.4) Contatos e arregimentação:

A inatividade dos serviços religiosos protestantes entre os árabes precisava ser superada e tais serviços retomarem sua dinâmica. Mas, as dificuldades existiam e seu retorno seria um processo um pouco longo e demorado. Os contatos serão estabelecidos à base dos relacionamentos parentais, sociais e comerciais. O Rev. Ragi residia em Campinas (onde também mantinha seu comércio), mas sua base de atuação pastoral mais destacada se fez em São Paulo, para onde vinha toda semana.

O elemento mais preponderante neste momento foi a personalidade, ou seja, o contato, por meio de visitas, aos já protestantes frequentadores de outras igrejas evangélicas, aos seus familiares e aos que se mostravam interessados nesta nova congregação de fé cristã. O Rev. Ragi casara-se com Rosa Abud, filha de um presbítero da extinta Igreja Protestante Síria, que lhe dará todo apoio no projeto de arregimentação e aglutinação dos antigos membros daquela igreja, ensejando início de atividades em casas.

Havia um número razoável de árabes que alimentava o desejo de retomar as atividades religiosas protestantes em língua árabe, restabelecendo ou organizando uma nova Igreja. Deste modo, no final dos anos 1950 e início dos anos 1960 intensificam-se os contatos e o sonho começa a tornar-se realidade, primeiro reunindo-se como Igreja Árabe em templo cedido, depois adquirindo propriedade e estabelecendo-se.

3.2.5) Início das reuniões:

Assim, o início da década de 1960 encontra estes imigrantes sírio-libaneses e ou seus descendentes realizando encontros, reuniões e cultos nos lares e espaços cedidos em templos evangélicos em São Paulo. Fazem, em 1961, solicitação à Igreja Presbiteriana de Vila Mariana para uso de suas dependências. Neste primeiro pedido não lograram êxito: “O Conselho resolve comunicar à Igreja Árabe que lamenta não poder atender ao seu pedido de realizar seus trabalhos em nosso templo aos domingos pela manhã (11:30) em virtude de o salão estar ocupado nesse horário.” (Livro 3 -Ata 272 de 21/06/1961). Reenviam solicitação com nova proposta de dia e horário: “É lida uma carta, de 28/09/1961 da Igreja Evangélica Árabe, informando que passará a usar nosso templo, para seus cultos vespertinos, somente nos 1º e 3º domingos de cada mês.” (Livro 4 - Ata 275 de 29/11/1961), o que lhes é concedido. Assim, passam a reunir-se aos domingos, e Safady nos dá esta informação: “Em São Paulo Al-Kassis Ráji efetua

missas (sic) dominicais cada primeiro domingo do mês , à Rua Vergueiro nº 2407. A comunidade protestante dos ben-árabes chama seu templo de: ‘A Igreja Evangélica Árabe’. (SAFADY. 1966, p 302).

Este período durará, aproximadamente 06 anos, estendendo-se até 1967. A gratuidade da cessão do espaço corre risco de desaparecer: “Resolve-se oficiar à Igreja Evangélica Árabe, informando-a de que, em face de nossas despesas de manutenção do prédio, bem como de outras, relacionadas com assistência social, funcionários e construção, somos levados a solicitar-lhes que cooperem conosco, financeiramente, ofertando todo mês, à nossa tesouraria, CR\$40.000,00 (quarenta mil cruzeiros), como retribuição ao uso do salão social do Edifício Isaac de Mesquita, aos domingos, no período das 15 às 18 horas.” (Livro 4 - Ata 315 de 06/05/1964). Em resposta a esta solicitação registra-se o seguinte: “Recebe-se ofício da Igreja Evangélica Árabe, datado de 25/05/1964, em resposta ao nosso ofício solicitando uma oferta mensal para auxílio no pagamento de despesas pelo uso do salão social desta Igreja, salão este que vem sendo cedido àquela Igreja gratuitamente há muitos anos. Em vista dos termos contidos nesse ofício, em que a Igreja Evangélica Árabe declara que nada pode pagar pelo uso do salão, alegando entre outras coisas que se trata de uma comunidade pobre e pequena, resolve-se responder argumentando a respeito das razões alegadas e pedindo que, pelo menos, sugiram uma quantia mensal que possam pagar para auxiliar as despesas dos nossos zeladores que também os assistem.” (Livro 4 – Ata 316 de 03/06/1964). Há nova tratativa do assunto sobre contribuição à IPVM: “Toma-se conhecimento de carta de 25/05/1964, da Igreja Evangélica Árabe, na qual, acusando o recebimento de nosso ofício de 12/05/1964, alega diversas razões para não contribuir com qualquer importância para os cofres da Igreja, em retribuição ao empréstimo que há longos anos lhe fazemos do nosso salão social para realização dos seus cultos; é aprovada a redação de nova carta, datada de 23/07/1964, em que reiteramos nosso pedido de contribuição, retificando: em que expusemos nossas razões e analisamos a situação, deixando que o assunto ficasse ao final entregue às mãos daquela entidade.”(Livro 4 - Ata 319 de 05/08/1964). Parece ter permanecido a gratuidade, ou não acontecer a contribuição solicitada.

O término deste período de uso da IPVM será em 1967, conforme se lê: “Resolve-se oficiar à Igreja Evangélica Árabe fixando até 21/12/1967 o prazo de uso de

nosso salão social, visto que a Igreja dele necessita para as reuniões da UPA (adolescentes) e para os ensaios do coro.” (Livro 4 – Ata 375 de 04/10/1967).³³

Assim, movidos pelas circunstâncias, bem como a própria concepção de Igreja (no cristianismo de modo geral e na mentalidade árabe) foram levados à necessidade de reunirem-se em lugar próprio dedicado ao “seu culto”; o seu templo, ter a sua igreja. Deixam de usar o templo da IPVM, uma vez que já haviam adquirido o terreno localizado na Rua Vergueiro, 1845, onde existia uma velha casa (abandonada), mas que lhes viria a servir de local de culto e onde construiriam o templo da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, onde se encontra até hoje.

3.2.6) Aquisição da Propriedade:

Os ben-árabes estavam se reunindo, realizando seus cultos, mas ainda não tinham o templo próprio. O sonho continuava a ser acalentado. Próximos ao lugar onde se reuniam (Igreja Presbiteriana da Vila Mariana) e na mesma calçada, um pouco adiante, havia uma velha casa abandonada e que vinha sendo usada por pessoas extremamente carentes. O Rev. Ragi e outros membros começam a movimentar-se no sentido de tentarem adquirir aquele imóvel. Conseguem descobrir o dono e as negociações começam e, por fim, chega-se a um valor de interesse das partes. A propriedade é comprada e com esforços da própria comunidade árabe protestante, por meio de dízimos e ofertas dos membros e simpatizantes, promoção de almoços, chás, bazares e outras atividades, vai sendo pago o financiamento feito. Tal vitória foi fruto de ingente esforço, já que a comunidade não era grande e nem dotada de significativa força econômica.

Além da mera aquisição do imóvel (feita com muito empenho), havia necessidade de reformas, pois, como dito, tratava-se de uma casa abandonada e estava em péssimas condições de habitabilidade. Estas reformas implicavam em quase uma nova construção. Contam, neste tempo, com ajuda de algumas figuras de maior expressão como a do deputado Camilo Ashcar, que conseguiu, junto aos órgãos públicos, ajuda para a limpeza da área e parte da recuperação da propriedade, localizada na Rua Vergueiro, 1845. Continuaram os almoços, chás e atividades para angariar recursos e fazer frente a tais reformas.

³³ Os livros aqui apontados são os livros de Atas do Conselho da Igreja Presbiteriana de Vila Mariana. Nota do autor.

3.2.7) Organização da Igreja:

O sonho se concretizava. A organização³⁴ da Igreja se dá com a realização da Primeira Assembléia em 19 de março de 1967 às 18h00, com 52 membros presentes, passando a existir não apenas de fato, mas de direito. Os estatutos da Igreja são aprovados, sendo muito simples em sua estrutura primitiva. Estes dados estão constantes nos documentos da IEASP, mas que não foram liberados para consulta ou reprodução para serem anexados; mas foram fornecidos (por informação oral) gentilmente pelo Rev. Kalil, pastor da igreja. Seus contornos serão modificados, ampliados e adaptados posteriormente, para adequação às leis regentes à época, como de sorte acontece às demais igrejas no país, chegando à estrutura administrativa atual.

3.2.8) Edificação e Consagração do Templo:

A casa que abrigava a Igreja deveria ser reformada para tornar-se, de fato, um templo. Novo desafio. A empreitada é iniciada e, mais uma vez, a comunidade se mobiliza com suas atividades peculiares para levantamento de recursos para as reformas necessárias. A consagração do templo ocorre no dia 25 de novembro de 1979 em concorrida cerimônia. A IEASP tinha, agora, não apenas sua sede, mas seu templo. A construção não tem a exuberância, o tamanho e imponência dos templos da Igreja Ortodoxa, ou da Igreja de Nossa Senhora do Paraíso (ambas em São Paulo), mas tem seus traços simples e modestos, buscando, em sua fachada, fazer lembrar as construções de arquitetura árabe, para realçar sua identidade étnica árabe, conforme se pode ver nas fotos em anexo.

Em seu interior não há luxo, ícones ou imagens, como é próprio de igrejas protestantes. Há na lateral direita de quem entra no templo, dois quadros com inscrições em árabe, sendo um deles a saudação costumeira do apóstolo Paulo: “Graça, e paz a vós outros” (I Co.1:3) e o outro dito de Jesus: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.(Jo.8:32).

Infelizmente a escritora Claude Fahd Hajjar, na lista de templos árabes em São Paulo, não faz referência à Igreja Evangélica Árabe (em plena atividade), embora se refira à Igreja Protestante Síria que não existe desde 1935.

³⁴ Por organização não se entende a consagração do templo, mas a constituição da Igreja legal e civilmente, passando a existir como Igreja dentro dos padrões exigidos e reconhecidos pela lei civil brasileira. Nota do autor.

Um fato interessante é que a Igreja Árabe que utilizou outros templos para suas reuniões e cultos, abrigará, em seu templo, uma comunidade evangélica em formação. Trata-se da Igreja Renascer em Cristo (do pastor Hernades, hoje apóstolo), que alugou o espaço (templo e dependências) para funcionamento de seus serviços religiosos (cultos, reuniões, etc). Este tempo foi relativamente longo cobrindo dos anos de 1982 a 1990. Não era cessão gratuita, mas aluguel. O motivo da escolha foi devido à localização de muito fácil acesso e a proximidade com o metrô Ana Rosa. Por parte da IEASP a cessão foi oportuna, pois sua propriedade era pouco utilizada e havia muita ociosidade quanto às dependências. Embora as linhas doutrinárias e litúrgicas destas duas igrejas não fossem tão próximas, houve uma convivência respeitosa neste período.

4) Estrutura:

A IEASP tem uma estrutura, por sua gênese presbiteriana, com feições à desta tradição religiosa protestante. Assim, a Igreja conta com um Conselho Administrativo composto pelo seu pastor presidente e outros cinco (5) presbíteros³⁵ (não pastores). Estes últimos são eleitos pela assembléia geral dos membros da IEASP por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleitos sem limite de vezes. Estes homens devem, ainda, se submeter a um curso básico teológico de dois (2) anos. Este conselho é presidido pelo pastor presidente, que é o pastor da Igreja. O governo, no entanto, não é de caráter democrático representativo nos moldes presbiterianos, mas congregacional, onde a assembléia decide, inclusive questões ligadas à admissão ou demissão de membros, disciplina e outras. O Conselho leva à assembléia os assuntos tratados previamente, mas a autonomia de decisão é da igreja reunida em assembléia, em moldes batista de governo. Pode-se perceber uma certa mescla de sistema governativo entre presbiteriano e congregacional (batista).

Há, também, um conselho fiscal composto por três membros eleitos pela assembléia, que formam uma espécie de comissão de exame de contas, cujo relatório é apresentado à assembléia para conhecimento e aprovação.

O pastor (ministro regularmente ordenado) é eleito pela assembléia geral para mandato de 04 anos, podendo ser reeleito sem limite de vezes, para o cargo de presidente do conselho. Ocorre que, para o cargo de pastor, não existe outro candidato, sendo o exercício do pastorado quase que vitalício, embora com mandatos sucessivos.

³⁵ Homens eleitos pela assembléia da Igreja e regularmente ordenados, com função de auxiliar o pastor na administração da igreja, no cuidado dos membros e na aplicação da disciplina eclesial. Nota do autor.

Não há designação superior de pastor, ou seja, não há órgão superior de supervisão ou deliberação (como presbitério, diocese, ou algo assim), a decisão é da igreja local, sem interferência de órgão colegiado ou individual superior. Caso haja fator que desabone o pastor quanto à conduta, este poderá ser destituído pela assembléia e outro será conduzido ao cargo.

Por informação do Rev. Kalil sabe-se que, para ser pastor da Igreja, é necessário ser árabe (natural), ou descendente de árabe e falante deste idioma. À medida que o tempo passa, a possibilidade de um falante árabe descendente (nascido no Brasil) vir a ser pastor se coloca mais vivamente.

O pastor da Igreja não recebe nenhum tipo de remuneração por seu trabalho pastoral. Seu sustento deve vir de sua atividade profissional, seja comércio, indústria, emprego assalariado ou outra fonte. Os pastores Wladimir e José em suas entrevistas confirmam esta posição e entendem que tal postura está ligada à cultura árabe. O pastor não deve depender da igreja para seu sustento. Isto lhe dá maior autonomia e independência, além de certa autoridade entre os integrantes da igreja. A própria dona Rosa (esposa do pastor Ragi) incentivou ao pastor José para que buscasse uma formação secular e conseguisse seu sustento.

Há, na estrutura da Igreja, a presença de diáconos,³⁶ também eleitos pela assembléia por período de dois (2) anos, e com reeleição sem limites. A ordenação feminina não é permitida, sendo o atual pastor radicalmente contra, como se pode ver em sua entrevista.

A Igreja conta com sociedade de jovens, que tem reuniões às sextas-feiras nos lares e aos sábados no templo. Participam ativamente do culto na condução de cânticos em português e em árabe.

Embora a IEASP já tenha contado com uma forte e operosa Sociedade Auxiliadora Feminina (SAF), organizada em 06 de março de 1966, atualmente este grupo está menos ativo, embora ainda continue a existir e auxiliar nos trabalhos de caráter social que são desenvolvidos pela igreja. Atividades como, por exemplo, curso de culinária árabe, são desenvolvidas pelas mulheres, contando com uma organização estabelecida com estrutura formal (diretoria).

Não foi possível realizar uma verificação aprofundada sobre o aspecto ligado à membresia (número de membros) da Igreja, uma vez que os documentos que poderiam

³⁶ Homens eleitos pela assembléia da igreja e regularmente ordenados, tendo a função de cuidar da ordem do culto, estrutura física do templo e auxílio aos carentes e necessitados. Nota do autor.

fornecer este material, tais como atas da igreja e do conselho, arquivo, estatutos e afins, não foram liberados (por parte da diretoria) para exame e exposição de dados. O que se percebe é uma presença bem pequena de pessoas nos cultos, sejam os de quinta-feira, sejam os de domingo (alcançando 30 a 40 nestes e 8 a 15 naqueles), embora o pastor afirme haver algumas centenas de pessoas registradas no rol, este número elevado engloba os que já saíram para outras igrejas, deixaram de frequentar ou mesmo faleceram. O não acesso a estes dados traz certo prejuízo para a pesquisa, pois dificulta saber sobre nível de instrução, profissão, estado civil e outros aspectos ligados aos integrantes da IEASP. Ressalto que o pastor Kalil sempre se mostrou solícito e pronto a me atender, fornecendo-me as informações que poderia conceder, permitindo-me acesso a fotos, alguns documentos e participar das atividades da IEASP, tendo também a simpatia dos participantes dos cultos e reuniões da igreja.

A presença de crianças é muito pequena. Vê-se que com um número pequeno de membros assíduos na frequência aos cultos, e sendo este pequeno número de pessoas já mais idosas, fora da idade de ter filhos pequenos, é natural que o número de crianças seja quase nenhum. O Pastor José, em sua entrevista, aponta o fato da presença bem pequena de crianças e a elevada faixa etária dos frequentadores na década de 80.

Este é um fator que inspira preocupação, já que pode significar (caso não haja ingresso de jovens por conversão ou transferência de outras igrejas para lá) o risco de não haver continuidade da igreja em um futuro não muito distante. Este fenômeno tem sido verificado em igrejas protestantes na Europa e em regiões rurais no Brasil. É uma espécie de não reposição de pessoal, ou de não renovação da vida, pelo fato de não existirem crianças na igreja, nem jovens que possam ter filhos e trazê-los e conservá-los na fé ali praticada. Não existe, nestes casos, nem sequer o chamado crescimento vegetativo, ou seja, o crescimento apenas por meio dos filhos nascidos da própria igreja.

5) Atuação Social:

Neste ítem será focado o aspecto de atuação social em termos de ação-serviço social e rede de apoio social.

5.1) Lar Pró-Velhice Água da Vida:

A colônia árabe teve uma atuação significativa na área social, com instituições de amparo e assistência a carentes, idosos, doentes e outros. Entre estas temos a

Sociedade da Mão Branca, Orfanato Sírio, Sociedade Beneficente de Moças, etc. Hajjar nos oferece uma lista imensa (dezenas) de entidades de caráter sócio recreativas estabelecidas por imigrantes árabes e seus descendentes, mostrando o interesse do árabe neste segmento (HAJJAR. 1985 pp 205-215).

A IEASP seguiu neste fluxo, dentro de suas limitações, e estabeleceu na região de Campinas (próximo ao local de residência do Rev. Ragi) o “Lar Pró-Velhice Água da Vida”. Esta instituição teve o início de suas atividades no final dos anos 70, cuidando e abrigando idosos. A construção consta de refeitório, cozinha e doze alojamentos (quartos) para os internos. Em 1994 esta instituição deixou de ser gerida pela IEASP e passou ao Poder Público para administração. Questões de ordem administrativa levaram a esta decisão de entrega e perda de controle e coordenação da casa. Fatores que contribuíram para isto foram a idade do Rev. Ragi e de sua esposa e a distância de São Paulo, sede da Igreja.

5.2) Ações Assistenciais:

A Igreja procura manter um sistema de auxílio e ajuda a carentes, por meio de assistência ou socorro imediato, com distribuição de cestas básicas de alimentação, além de campanhas de solidariedade de agasalhos e cobertores.

5.3) Suporte ao Imigrante:

Martes afirma que as igrejas são uma excelente estrutura de apoio ao imigrante, sendo elemento de grande importância na rede social de suporte e ajuda aos que chegam em um país na condição de imigrantes (legal ou ilegal) e que necessitam de contato e vínculos culturais (MARTES. 1999, p 189).

A IEASP está, de certa forma, ligada a este conceito, embora já tenha estado engajada de modo mais ativo no passado. A igreja mantinha 03 aposentos (uma vez que o pastor morava em Campinas e não nas dependências do templo) que serviam de apoio temporário de moradia aos imigrantes que chegavam. A limitação é evidente, mas o princípio estava posto. Além do aspecto de recepção e hospedagem imediata, oferecia-se a possibilidade de informações de trabalho e colocação entre os “patrícios”, fazendo com que houvesse esta inserção primeira com a ajuda dos membros da Igreja, às vezes, no próprio comércio. Esta prática vai se tornando menos evidente, até porque o fluxo de imigrantes de hoje, em sua maioria, é de muçulmanos, que procuram seus referenciais

religiosos de apoio (mesquita), bem como o fato de ligações familiares já estruturadas e estabelecidas no Brasil, facilitando a inserção social e no trabalho, sem dependência da Igreja para tal fim.

Neste sentido, embora tenha havido no passado e haja, ainda hoje, alguma forma de suporte, não se pode afirmar que atualmente a IEASP seja um ponto de referência como rede social de apoio ao imigrante árabe, seja para albergá-lo ou promover sua inserção no mercado de trabalho.

O pastor José afirma não ter havido nenhuma forma de apoio ou sustentação ao imigrante recém chegado do Líbano e Síria. Sua declaração é incisiva quanto a isto. Assim, mesmo havendo discreta atuação apontada pelo Rev. Khalil., não se pode afirmar que a IEASP tenha tido no passado, ou tenha atualmente uma vocação de apoio e amparo ao imigrante, nos moldes que se vê, por exemplo, entre as igrejas brasileiras nos Estados Unidos no acolhimento aos imigrantes lá chegados.

5.4) Espaço de Cultura:

Não é possível afirmar que a IEASP tenha, nos dias atuais, uma vocação de afirmação da cultura árabe. Entende-se, aqui, por cultura todo o acervo de costumes, língua, hábitos, ritos, festas e celebrações, entre outros aspectos, que está ligado a certo e determinado grupo étnico.

Neste sentido, aquela que é objeto deste estudo, mantém a presença da língua árabe como traço cultural e étnico, mas esta não é a única, dividindo espaço com o português. No entanto, embora não possa ser considerada um “espaço de afirmação cultural árabe”, ocorrem atividades (mesmo que esporadicamente) ligadas a este aspecto vinculado à cultura. Exemplo disto é a realização de cursos de culinária árabe, onde se vê o interesse pela promoção e divulgação da cozinha árabe (traço cultural), mesmo que haja também alguma forma de expressão religiosa com a chamada devocional: leitura da bíblia e oração. Há também cultos de gratidão por ocasião da data de independência do Líbano, Síria, Jordânia e outros. Não há, no entanto, festas ou comemorações de cunho cultural de valor relevante dentro do ambiente da IEASP.

6) Serviços Religiosos:

Por serviços religiosos entende-se, aqui, as atividades regulares e constantes da expressão comunitária de culto. Estão excluídos os congressos, encontros eventuais,

palestras, e outras atividades que não podem ser caracterizadas como de rotina ou costumeiras na estrutura da vida eclesial desta comunidade. São englobados aqui as chamadas reuniões de oração, estudos bíblicos, cultos doutrinários, cultos de evangelização e adoração, entre outros.

6.1) Estudos Bíblicos e Oração:

Minha presença nestes cultos (observação participante) foi bastante regular (alcançando mais de 20 vezes), inclusive manifestando opinião sobre o tema tratado, quando solicitado. O dia da realização deste serviço religioso é quinta-feira, no horário de 20h00.

Normalmente há um número não muito grande de participantes. Número este que oscila entre 08 a 15 pessoas, incluindo familiares do pastor. O programa é, em geral, conduzido pelo pastor, constando de orações espontâneas, cântico de hinos do hinário Cantor Cristão e outros avulsos, sendo alguns em árabe, alguns em português. Aqueles têm sua fonologia passada para o nosso alfabeto, na tentativa de dar condições aos não falantes do árabe de também cantarem neste idioma. Quando o pastor da Igreja (Rev. Kalil) é quem dirige o culto, o estudo é feito em português e também em árabe, já que há falantes e não falantes do árabe. Normalmente há presença de brasileiros visitantes e que não são árabes, nem descendentes. Ocorre, por vezes, o cântico individual de algum hino unicamente em árabe.

O propósito neste culto é o estudo da Bíblia, ou melhor, de textos ou trechos da Bíblia, orientando e instruindo a Igreja no aspecto ético e doutrinário. É, em essência, ressaltado o aspecto da língua, muito parecido com cultos realizados nas igrejas protestantes tradicionais ou históricas, que ocorrem durante a semana.

6.2) Escola Bíblica Dominical:

Não há realização de Escola Bíblica Dominical³⁷ regularmente para adultos. Esta atividade ocorre para as crianças, quando de composição de sala infantil, o que não é regular, ou seja, também acontece eventualmente. Para os adultos não há classe de estudo nos moldes de uma Escola Bíblica Dominical regular. Ocorre, no entanto, uma

³⁷ Trata-se de atividade de educação religiosa nas igrejas protestantes, onde se tem a realização ou apresentação de lições com estudos bíblicos em salas ou classes, que observam as diferenças faixas etárias, desde o berçário até os adultos, com propostas e materiais adequados às respectivas faixas etárias. Nota do autor.

vez por mês, no horário do culto dominical, em conjunto, a ministração de estudo bíblico. Existe espaço físico (salas) para a realização de tal atividade, mas não ocorre atualmente. A presença de crianças no culto matutino dominical é muito pequena, o que pode determinar o não funcionamento de salas para elas. Como fruto da observação participante, foi possível constatar o fato da não realização destas atividades nas vezes em que lá estivemos.

6.3) Culto Dominical:

Este é o principal serviço religioso comunitário da IEASP. Os cultos dominicais têm seu início às 10h30 e se estendem até por volta de 12h00. Este é um culto mais formal do que os realizados às quintas-feiras. O pastor traja (costumeiramente) terno e gravata e se posiciona à frente da comunidade, no púlpito, para a condução do serviço e pregação, ou apresentação do sermão. A composição da liturgia se faz com orações, cânticos (jovens têm participação efetiva) em árabe e português e pregação com base em algum texto lido na Bíblia. A pregação é, por vezes, em árabe e português, embora mais em português que em árabe. Por exemplo, no culto em memória de Gataz Mitre (02/08/2009), o sermão foi integralmente apresentado em português, talvez por haver número expressivo de visitantes não falantes do árabe.

A manutenção da igreja é feita por meio das ofertas, contribuições e dízimos dos membros ou frequentadores da igreja. Em todos os cultos dominicais é feito o levantamento destas ofertas e dízimos, com discrição e sem apelos nos moldes das comunidades neo-pentecostais. O pastor Kalil nos informou que esta atitude (ofertar) é entendida como um ato de culto, devendo fazer parte da celebração da igreja.

A IEASP é uma igreja protestante histórica e tradicional em sua manifestação de culto, ou seja, não existem ocorrências pentecostais ou carismáticas de glossolalia (falar línguas ininteligíveis), de revelações diretas da parte de Deus como sendo profecias, inspiração ou revelação (indicação) direta do Espírito Santo sobre quem e o que se vai pregar naquele culto. Há ordem e sobriedade na condução de todo o processo litúrgico, ainda que seja, ao modelo protestante, simples e sem ostentação de roupas, paramentos, etc.

A mudança ocorrida, levando à pregação em português, é relativamente recente. Até 1992 a pregação era inteiramente em árabe e o pastor da igreja (Rev. Ragi) entendia que a Igreja Árabe deveria ter seu culto em árabe, pois as outras igrejas já tinham a pregação em português, além de ser esta sua marca de identidade. A admissão do

português como língua na pregação, se dará devido à presença de pessoas que já não entendiam (nem falavam) o árabe, e que acabavam indo para outras igrejas, já que não conseguiam entender o que se cantava ou falava. Este fenômeno ocorria principalmente entre os jovens. Percebeu-se também que este era um instrumento não adequado na tentativa de ganhar adeptos à fé ali alimentada e difundida. O pastor Ragi passa a admitir que o sermão seja apresentado em árabe e traduzido para o português.

A liturgia³⁸ é simples, contando com o uso de instrumental contemporâneo como teclado, violão, guitarra e bateria. O uso do hinário tradicional ainda permanece, sendo utilizado o hinário Cantor Cristão, sendo este o hinário oficial das igrejas batistas históricas e tradicionais no Brasil. Ocorre, também, o emprego de cânticos avulsos (chamados “corinhos” ou cânticos espirituais) muito apreciados e tocados pelos jovens.

Desse modo, pode-se dizer que as atividades de culto comunitário e público da IEASP se resumem em dois dias da semana e em dois encontros.

6.4) Realizações Eventuais:

Algumas atividades de caráter eventual ocorrem na IEASP, tais como: congressos, encontros, seminários, conferências e outros. No mês de junho de 2008 ocorreu o congresso “Jovens com Propósito”. Este evento objetivava “capacitar jovens para o evangelismo e despertá-los para missões” (Boletim Dominical da IEASP do dia 11/05/2008). Quatro congressos árabes evangélicos do Brasil já foram realizados e em outubro de 2009 ocorrerá mais um, que reunirá árabes evangélicos de várias partes do Brasil. Os propósitos destes congressos são variados, como a adoração, a instrução doutrinária e a preparação para os desafios da evangelização entre os árabes no Brasil.

7) Linha Teológica:

O cristianismo não é monolítico em sua manifestação, e possui vários segmentos em sua estrutura de formulação teológico-doutrinária. Podemos alinhar três grandes vertentes desta manifestação de fé: o catolicismo romano, o ortodoxo oriental e o protestantismo em suas manifestações diversas.

³⁸ Termo usado no contexto protestante para apontar a forma de condução do serviço de culto público, constando de orações, hinos, pregação, confissão, intercessão e outros atos. Nota do autor.

A IEASP é uma igreja que se denomina evangélica, o que a coloca dentro deste universo protestante.³⁹ Sua origem está, devido à pessoa de seu fundador pastor Ragi Khoury, ligada ao Sínodo Evangélico do Líbano e Síria, cuja vinculação é ao protestantismo de tradição presbiteriana, como se percebe do documento emitido por este sínodo ao credenciar o Rev. Ragi como seu representante junto aos falantes do árabe no Brasil.

Desta forma, a IEASP assume e adota uma postura teológica de tradição presbiteriana, recepcionando, como referencial confessional, a Confissão de Fé de Westminster⁴⁰. O pastor Kalil mostrou-se esquivo em sua entrevista quanto à afirmação confessional da igreja, mas em conversas várias durante o período de preparo desta dissertação, afirmou ter a IEASP a Confissão de Fé de Westminster como seu referencial doutrinário. A admissão de tal Confissão a torna, em teoria, uma igreja de tendência calvinista, já que a referida confissão teve forte influência deste modo teológico de pensar e reflete, obviamente, os aspectos próprios e particulares desta linha teológica, inclusive com a doutrina da Soberania de Deus, Seus decretos e suas defluências.

No entanto, como ocorre em alguns setores do presbiterianismo no Brasil, existe certo distanciamento, ou tensão, entre esta posição confessional presbiteriana calvinista adotada e o discurso (*praxis*) na apresentação da mensagem religiosa. Esta tensão se dá pelo fato de ser o discurso religioso (pregação) de caráter arminiano⁴¹, ou seja, com forte carga de responsabilidade do indivíduo na deliberação de sua salvação, sendo dele a responsabilidade de escolha de seu destino final e eterno, estando a ação de Deus condicionada à decisão do indivíduo. Minimiza-se, portanto, no discurso a contundência da confissão de fé adotada, embora esta seja assumida como expressão doutrinária, teológica e confessional da IEASP.

³⁹ Evangélico e protestante, neste momento, são tomados como idênticos, como sendo herdeiros ou frutos do movimento da Reforma Religiosa do Século XVI, que veio a ser conhecida como Reforma Protestante. Nota do autor.

⁴⁰ “A Confissão de Fé de Westminster, o Catecismo maior (1648) e o Catecismo menor (1647) foram redigidos na Inglaterra, na Abadia de Westminster, por convocação do Parlamento. A assembléia funcionou de 1º/7/1643 a 22/2/1649. O objetivo primário era a revisão dos Trinta e nove artigos. Trabalharam no texto da confissão 121 teólogos e 30 leigos nomeados pelo Parlamento (20 da Casa dos Comuns e 10 da Casa dos Lordes), 8 representantes escoceses, 4 pastores e 4 presbíteros, os melhores e mais preclaros homens que possuía”.(MAIA. 2007, p 19).

⁴¹ Jacó Armínio (James Arminius - 1560-1609) fora aluno de Teodoro de Beza (sucessor de Calvinho em Genebra), e rejeitou a doutrina da predestinação (eleição) conforme ensinada por Calvino e seus sucessores. (MAIA. 2007, p 18).

Não se estabelece aqui qualquer forma ou modo de avaliação, crítica ou julgamento quanto à postura ou admissão desta ou daquela corrente teológica, nem se esta é certa ou errada. Apenas é feita a constatação, pela observação participante, deste fato da distinção entre a adoção teórica da teologia confessional calvinista e a prática do discurso de cunho arminiano na pregação.

7.1) Sacramentos:

A IEASP admite, como as igrejas protestantes de modo geral, apenas dois sacramentos, chamados também de ordenanças, que são: o Batismo e a Eucaristia ou Ceia do Senhor.

7.1.1) Batismo:

Podem ser destacados dois pontos peculiares a este sacramento no contexto da Igreja Árabe: a forma e os batizados, ou seja, como se batiza e a quem se batiza.

Quanto à forma existe uma flexibilidade entre o modo aspersionista e o imersionista. É deixado ao arbítrio e vontade daquele que receberá o batismo. A decisão cabe, portanto, ao batizando e o pastor ministrará o modo escolhido pelo novel integrante da comunidade. A prevalência tem sido (atualmente) a imersão, que ocorre em templo de igrejas batistas ou em rio, já que não há batistério na IEASP, mesmo porque sua diretriz inicial era presbiteriana em todos os seus aspectos, incluindo a prática aspersionista de batismo.

Em relação àqueles que devem ser submetidos ao rito batismal, ressalta-se a necessidade de batismo aos egressos do catolicismo romano, catolicismo ortodoxo, religiões não cristãs e as ditas seitas cristãs como mórmons, testemunhas de Jeová e outras.

Verifica-se a quase inexistência da prática do pedobatismo, ou seja, do batismo infantil. Esta era prática adotada pela IEASP até 1999, quando então deixou-se de observar tal procedimento. Assim, para alguém ser submetido à cerimônia do batismo é necessário o exercício pessoal de fé e declaração disto formalmente perante a Igreja, com aceitação e declaração de adoção dos princípios da fé cristã evangélica ou protestante. Esta mudança, segundo informação do atual pastor Kalil Samara, foi admitida pelo pastor Ragi depois de refletir que a grande maioria daqueles que haviam sido por ele batizados na infância, não estava mais na igreja. A partir deste ano (1999) a

IEASP, praticamente, deixou de ministrar o batismo infantil, embora o pastor Kalil em sua entrevista afirme que se os pais são fiéis frequentadores e desejarem, ministrará o batismo à criança. Há, em meu modo de ver, influência para adoção desta postura, pelo fato de ter o atual pastor da igreja origem batista.

Mais uma vez pode ser percebido o aspecto de tensão entre a confessionalidade admitida; “Não só os que de fato professam a sua fé em Cristo e obediência a ele; mas também os filhos de pais crentes (ainda que só um deles o seja) devem ser batizados” (Confissão de Fé de Westminster, capítulo XVIII, IV) e a prática da igreja. É admissível, frente a estas realidades, que a identidade da igreja esteja sendo redefinida ou reconstruída, perdendo seu delineamento presbiteriano de governo e sua linha calvinista de doutrina e confessionalidade orientada pela referida Confissão.

Neste sentido a continuidade vai sendo quebrada e a ruptura se impõe. A descontinuidade de caráter étnico-cultural vai sendo assimilada, ao mesmo tempo que a descontinuidade de caráter teológico e doutrinário.

7.1.2) Eucaristia ou Ceia do Senhor:

Este rito ou cerimônia sacramental é realizado na IEASP, de modo similar ao praticado nas igrejas protestantes ou evangélicas. Sua realização ou ministração consta da entrega dos dois elementos materiais do rito, a saber, o pão e o vinho (ou suco de uva), e a distribuição é para aqueles que estejam formalmente ligados (não afastados da comunhão) às igrejas evangélicas das quais sejam membros. A Ceia do Senhor não é, portanto, restrita aos membros da IEASP, mas extensiva aos evangélicos de modo geral.

A celebração está incluída no culto regular dominical da igreja, ocorrendo todo o primeiro domingo de cada mês, salvo quando haja algum fator que possa determinar a mudança do dia estabelecido.

8) Ritos de passagem:

Integram, neste contexto, tais ritos o casamento e o funeral. Nestas cerimônias não há manifestação diferente do que se pode presenciar em outras comunidades ou igrejas cristãs protestantes ocidentais. A influência ocidental cristã é inegável e tem feito com que aspectos culturais étnicos não sejam recepcionados nestes ritos ali praticados.

O casamento ocorre nos moldes cristãos ocidentais, com a noiva em vestes tradicionais e sua entrada, a orientação pastoral aos noivos e a bênção das alianças.

O ofício fúnebre é feito também no templo (mas não necessariamente) e não guarda nenhum aspecto inusitado em relação ao modo comum ocidental de cerimônias protestantes. Não existe culto pela alma do falecido, mas pode-se ter o culto em memória (ou memorial), no qual se agradece a Deus a vida e o exemplo do falecido. Mas, em nenhum caso há qualquer forma de intercessão a favor do morto.

9) Vínculos Organizacionais:

Há, no universo do protestantismo, igrejas ou comunidades que são autônomas, independentes e sem vinculação federativa ou distrital em relação a outras. As igrejas protestantes históricas (mesmo pentecostais) têm sua estrutura de vínculo, seja ao distrito episcopal (metodista), presbitério e sínodo (presbiterianos), à convenção estadual ou nacional (batistas), ao ministério (assembleianos), para citar apenas alguns exemplos. A IEASP não está, formalmente, vinculada a qualquer convenção ou sínodo, ou distrito no Brasil. Mantém uma relação de parceria, não subordinação eclesiástica, com a Convenção Batista Brasileira (tradicional)⁴², para estabelecimento de Igrejas no Oriente Médio incluindo Iraque, Líbano, Síria.

Pela placa fixada na entrada de seu templo pode-se perceber que houve, no passado, alguma vinculação com o Sínodo Evangélico do Líbano e Síria (presbiteriano) e que se mantém muito palidamente. Os estatutos atuais (por informação do atual pastor) da igreja contemplam um vínculo com o Supremo Conselho Evangélico da Síria e Líbano, com o intuito de facilitar o estabelecimento de igrejas naqueles países, embora esta formalização de vínculo não haja ainda ocorrido. Deve-se notar, no entanto, que este vínculo ou relação não significa ingerência daquela instituição eclesiástica dentro da vida administrativa e doutrinária da IEASP.

A IEASP participa e tem envolvimento com o chamado Movimento Árabe Cristão,⁴³ cujo propósito é a evangelização de árabes, buscando levá-los à adesão da fé cristã de tradição protestante. Deve-se notar, no entanto, que a IEASP não tem vínculo de subordinação, nem admite a interferência desta organização em seus assuntos internos e organizacionais.

⁴² A CBB é o órgão máximo da denominação batista no Brasil. Congrega, no Brasil, os batistas de caráter não pentecostal. Existe desde 1907; congrega e auxilia as igrejas batistas (históricas tradicionais) em sua estrutura de integração e espaço de identidade, comunhão cooperação (<http://www.batistas.com>).

⁴³ Trata-se de movimento missionário com sede em Foz do Iguaçu, PR. Tem o propósito de alcançar árabes com a mensagem religiosa cristã e, também, preparar cristãos para este trabalho entre os árabes, sobretudo entre os muçulmanos, seu maior foco. Nota do autor.

O atual pastor da igreja, Rev. Kalil, informa da existência de um projeto para, junto com a Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu, criarem uma convenção de Igrejas Evangélicas Árabes no Brasil, mas, as igrejas locais manterão sua autonomia, o que o pastor faz questão de ressaltar em sua entrevista. Assim, firma-se, mais uma vez, a estrutura de governo de caráter batista.

10) Expansão:

A IEASP tem, na pessoa de seu atual pastor, uma atuação bastante forte no estabelecimento de igrejas na região do Oriente Médio. Em parceria com a Convenção Batista Brasileira países como o Líbano, Iraque, Síria e da África (Sudão) têm atividades da igreja sendo desenvolvidas e comunidades são ali estabelecidas. Embora não seja uma iniciativa da IEASP, ela está envolvida com a cessão de seu pastor para estas realizações.

Atividades de evangelismo são também desenvolvidas pela igreja no âmbito de São Paulo. Tais programações envolvem reuniões para jovens em seu templo, visitas e realização de cultos em lares de pessoas que assistiram a algum culto no templo, ou que seja amigo de algum membro da Igreja; distribuição de literatura em português e em árabe (folhetos). Todas estas atividades são realizadas com o propósito de expansão e alcance de outras pessoas, a fim de levá-las à conversão com a adesão à fé evangélica no âmbito da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo.

Os folhetos (anexos 8-12) em árabe são distribuídos em lugares públicos ou direcionados. O folheto, por exemplo, que tem a figura de uma mulher rodeada de estrelas cujo título é: “O mandamento da virgem Maria para todos os cristãos”, visa alcançar àqueles que têm em Maria (católicos ou ortodoxos gregos) um ícone para veneração. A igreja imprimiu, também, exemplares do Evangelho (em árabe) escrito por Lucas para distribuição e evangelização entre os falantes do árabe (anexo 13).

Todas estas realizações visam levar a IEASP a uma retomada de crescimento em número de membros. Os esforços de seus membros e de seu pastor são no sentido de levá-la a uma expansão e conquista de pessoas para a fé cristã evangélica.

11) Perdas:

A IEASP é uma comunidade protestante ou evangélica de feição ou linha tradicional com raízes presbiterianas e, atualmente, de inclinação batista. Neste sentido,

a exemplo das igrejas protestantes tradicionais ou históricas, enfrenta o dilema da “situação de mercado” (BERGER. 1985, p 149) na competição e concorrência religiosa, com o conflito de manter sua estrutura tradicional e correr o risco do esvaziamento, ou adaptar-se fazendo com que seu conteúdo seja revestido de forma mercadológica aceitável e palatável, no oferecimento de seu “produto ou mercadoria”. Ela tem enfrentado esta encruzilhada que demanda decisão de consequências significativas no contexto de crescimento e expansão.

A Igreja Evangélica Árabe tem “perdido” membros, pois tem optado por manter sua postura de tradição evangélica com teologia confessional, sem vender-se aos apelos do “mercado”. Sua abertura em relação ao uso da língua portuguesa e participação dos jovens em uma liturgia menos formal, têm sido fatores que minimizam as perdas (que já foram maiores), mas não são impedimento para que se verifique a saída de pessoas para as igrejas mais dadas aos apelos emocionais como as pentecostais e neo-pentecostais, e outras com promessas de caráter de sucesso imediato. Também não significa render-se ao apelo do “mercado”, mas uma adaptação sensata e própria às mudanças do tempo presente.

É possível observar que a fidelidade aos princípios tradicionais tem determinado a postura doutrinária e litúrgica da IEASP, o que lhe tem custado a saída de membros e a não adesão ou ingresso de número significativo de novos convertidos à fé por ela professada e vivida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao principiar estas considerações finais, devo admitir que alimentava, ao iniciar este projeto, uma expectativa muito grande em relação à possibilidade de deparar-me com aspectos de excentricidades ou extravagâncias (em meu modo ocidental de ver) no ambiente da IEASP, devido aos traços étnicos e culturais deste universo oriental árabe. No entanto, deparei-me com um quadro diverso daquele que se formara em meu imaginário. Sucedeu-me o que sucede a muitos pesquisadores: fui surpreendido com o que encontrei e levado a redefinir minhas pressuposições.

Ao inteirar-me das atividades e manifestações religiosas dessa comunidade, pude perceber que toda a representação ligada a uma visão (supostamente exótica) do árabe, estava ausente na vida daquela igreja, quase que em sua totalidade. Algumas hipóteses levantadas ou formuladas tiveram que ser modificadas, e isto pelo confronto com a realidade percebida na IEASP, devido à minha observação participante por mais de um ano.

Considero, assim, que a Igreja Evangélica Árabe de São Paulo teve sua ênfase inicial no suporte ao imigrante de língua árabe, mormente o sírio-libanês, e professante da fé protestante, oferecendo-lhe apoio religioso para sustentação desta sua fé, a fim de suportar a adversidade do meio religioso (católico) e cultural, onde se veria inserido. Esta proposta primeira de ação da IEASP manteve-se e foi, de certa forma, causa de seu enfraquecimento ou esvaziamento, pois o suporte à fé representava, também, suporte de identidade étnica do grupo. Essa característica, por sua vez, ligava-se aos antigos (os velhos, os idosos) ou aos filhos dos imigrantes mais velhos e que já eram adultos, fazendo com que os mais jovens, desejosos da identificação com seu mundo (brasilidade) não árabe, buscassem comunidades que não trouxessem mais este marcador de distinção ou diferença étnico-religiosa.

É possível perceber que, ao contrário de outras experiências entre imigrantes, a exemplo dos brasileiros nos Estados Unidos da América do Norte, a IEASP não se mostrou ativa ou forte na função de rede de apoio social ao imigrante, no que respeita ao suporte e estrutura de amparo nos primeiros tempos de adaptação à nova realidade na qual se viu inserido. Sua atuação, no passado, foi acanhada (pequena), e hoje percebe-se ser menor do que o vivenciado no passado. Não seria equivocado afirmar que a IEASP, nos dias atuais, não se enquadra no que se pode chamar de rede social de apoio. Esta

não é uma função presente, existente ou desenvolvida por ela. O entendimento é que esta função era (e é) da família do imigrante e não da Igreja.

Quanto ao aspecto do reforço da fé dos imigrantes árabes (sírio e libaneses) protestantes, vai, como foi dito, perdendo seu tônus ou vigor, passando a existir, gradualmente, o desejo (ou necessidade) de alcançar os nativos. Aquele ideal “de árabe para árabe”, começou a diluir-se. A imposição do caráter universalista (ecumênico)⁴⁴ do cristianismo conflitará com a visão ou dimensão étnica restritiva desta comunidade, empurrando-a para abertura à presença e influência da cultura não-árabe. Deixa de ser, portanto, essencialmente étnica para ser universalizadora, onde o traço da língua árabe está, residualmente, presente, na maior parte dos serviços religiosos ou nos contatos sociais após tais serviços.

O conflito entre a continuidade e a descontinuidade se impôs e se impõe de modo claro, perceptível e forte. O dilema é: manter as tradições, cultura e costumes (continuidade) e tender a desaparecer por que os jovens não se identificam mais com isto, ou quebrar esta linha e se amoldar em um amálgama ou misto (em uma troca de costumes) com a cultura dos não árabes. Na IEASP esta ambivalência vai sendo resolvida com a assimilação de costumes e cultura do protestantismo brasileiro. A opção é a adaptação.

O uso da língua portuguesa em maior espaço que a árabe, é indicativo do rumo assumido pela igreja. Este caráter identitário árabe está sendo refeito e reconstruído, ou seja, há um processo de reconstrução ou “refazimento” da identidade étnica-cultural do grupo. Claro que tal processo é tenso e denso, pois os antigos e falantes do árabe, devido ao uso do português em maior escala, sentem que já não é árabe, e os de fala portuguesa não sentem que seja brasileira, mas ainda árabe, e eles não são árabes. As perguntas “o que somos” ou “quem somos” tornam-se difíceis de serem respondidas com objetividade. Para um árabe, não é árabe; para um brasileiro, não é brasileira.

Nesta linha de percepção a IEASP, por causa de sua flexibilização, deixou de ser um grupo fechado e restrito com sentido hermético de pertença, para tornar-se uma comunidade aberta na busca de construir nova “feição”, fugindo à rotulação de “gueto religioso”, mas com o preço da perda de sua identidade claramente estabelecida em sua gênese.

⁴⁴ “oikoumene”: Palavra grega cujo sentido é “todo mundo”, “todas as pessoas”. (Englishman’s Greek Concordance – Zondervan. P 527).

Este mesmo fenômeno relativo à busca da construção de nova identidade pode ser percebido na esfera de sua identificação (identidade) como ramo cristão do protestantismo. Sua “vocação” ou estabelecimento ocorrem como herdeira e mantenedora da tradição presbiteriana entre os árabes no Brasil (documento do Sínodo). Vê-se, no entanto, que esta identidade vai sendo, também, redefinida, a fim de ser reconstruída. Novamente percebe-se a tensão: somos presbiterianos (Confissão de Fé de Westminster), mas também somos batistas, o que, de certo modo, importa dizer que não somos nem aqueles, nem estes, pois já não sustentamos o que os primeiros sustentam, mas não assumimos o que estes últimos propõem. Esse redirecionamento identitário teológico não é fruto de pressão externa (Igreja Romana, Ortodoxa ou outras), mas, sim, devido à liderança atual interna, cuja formação é batista. Mais uma vez ouve-se: “Ser ou não ser. Eis a questão”.

Embora possam ser percebidos traços de cultura árabe como, por exemplo, alguns escritos em árabe nos quadros da parede do templo, a fachada do templo evocando arquitetura moura, não se pode afirmar que a IEASP, hoje, seja um local de reforço da cultura árabe. O próprio pastor admite não haver este tipo de interesse, salvo em cultos de gratidão pela independência de algum país árabe. A riqueza da cultura árabe não se vê de forma marcante neste espaço chamado de árabe. O conflito identitário é emblemático aqui, pois a fachada do templo é de característica árabe, mas o interior é de templo cristão protestante ocidentalizado (bancos, púlpito ao centro e mais alto, cruz, instrumentos, etc).

Em suma constatamos que a IEASP está no processo de desconstruir e reconstruir sua identidade. Continuará sendo árabe (no nome), mas cada vez menos árabe na manifestação do traço cultural mais distintivo: a língua. Manterá sua gênese presbiteriana (não pode negá-la), mas sua atualidade e futuro, devido à formação de sua liderança, conduzirão à identificação de governo e doutrina batista. Não se questiona aqui se esta ou aquela é melhor ou pior, apenas faz-se a constatação do fato.

Permanece, finalizando, o traço identitário (ainda que de certo modo genérico) “Evangélica”, sinalizando que continuará a ser uma comunidade de caráter cristão, firmando sua base de fé e vivência nos princípios da teologia protestante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Alcorão Sagrado. Versão portuguesa diretamente do árabe por Samir el Hayek, apresentação de S.E. Dr. Abdalla Abdel Charur Kamel. São Paulo. Tangará Expressão Editorial. 1979.
- AMADO, Jorge. Gabriela, Cravo e Canela. São Paulo. Círculo do Livro S.A. 1975 .
- BERGER, Peter Ludwig. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo-SP- Paulos, 1985.
- _____ Um rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Petrópolis, Vozes, 1973.
- _____ e LUCKMAN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1976.
- Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri- SP : Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CABRAL, José. Religiões, seitas e heresias à luz da Bíblia. 5ª ed. Rio de Janeiro. Scipurae Publicações. 2003.
- CAMARGO. Candido Procópio Ferreira de. Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961
- CAMPOS, Heber Carlos de. A união das naturezas do Redentor. São Paulo. Editora Cultura Cristã. 2005.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Preconceito Racial Portugal e Brasil-colônia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- Confissão de Fé de Westminster. 17ª edição. São Paulo : Cultura Cristã, 2005.
- CRESPI, Franco. A experiência religiosa na pós-modernidade. Bauru-SP. EDUSC, 1999.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri e TRUZZI, Oswaldo Mário Serra (organizadores) . Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas. São Carlos. EdUFSCar, 2005.
- Dionário Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo : Companhia Melhoramentos, 1998.
- DUOUN, Taufik. A emigração sírio-lebanesa às terras da promessa. São Paulo. Tipografia Editora Árabe. 1944.

- DURHAM, Eunice R. 'et al'; organizadora Ruth C.L. Cardoso. A aventura antropológica. Teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1972
- _____ O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1991.
- EVANS PRITCHARD, Edward E. Antropologia social da religião. Rio de Janeiro: Campus, 1978
- FAUSTO, Boris. Negócios e ócios: histórias da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- _____ et al. Imigração e política em São Paulo. São Paulo. Editora Sumaré: FAPESP. 1995.
- FILORAMO, Giovani e Carlo Prandi. As ciências das religiões. São Paulo-SP. Paulus, 1999.
- GATTAZ, André Castanheira. História Oral da Imigração Libanesa para o Brasil- 1880 a 2000. Tese de doutorado apresentada na FFLCH-USP. São Paulo. 2001.
- GREIBER, Betty Loeb, e outros. Memórias da Imigração: Libaneses e Sírios em São Paulo. São Paulo. Discurso Editorial. USP – Filosofia. 1998
- HAGGLUND, Bengt. História da Teologia. Porto Alegre- RS. Concórdia. 1981.
- HAAJAR, Claude Fahd. Imigração Árabe, 100 anos de reflexão. São Paulo-SP. Ícone Editora. 1985.
- HELOU, Bourhan. Memórias de um imigrante. Editora (não constante) , sd.
- Imigrante Libanês em São Paulo. Estudo da Fala. FFLCH – USP, 1989.
- JORGE, Salomão. Album da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil. São Paulo- SP. Sociedade Imprensa Brasileira. s/d.
- KNOWLTON, S. Clark. Sírios e Libaneses: Mobilidade social e espacial. São Paulo. Anhamb. 1961.
- LALANDE, André. Vocabulário Técnico e crítico da Filosofia. 2ª edição. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- LATOURETTE, Kenneth Scott. Historia del Cristianismo. Tomo 2. Argentina. Casa Bautista de Publicaciones. 1967
- LEONARD, Emile. O protestantismo brasileiro. São Paulo: ASTE, 2001
- LUCENA, Célia Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes; orgs. E apr. Discutindo Identidades. São Paulo- SP: Humanitas/ CERU, 2006.

- MAIA, Hermistein. Fundamentos da Teologia Reformada. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- MAISONNEUVE, Jean. A psicologia social. São Paulo- SP. Difusão Européia do Livro. 1967.
- MARTES, Ana Cristina Braga. Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts . São Paulo : Paz e Terra , 1999
- MARTINS, Daniel Maia. Imigrantes cristãos ortodoxos sírios-libaneses na cidade de São Paulo- religião e identidade. Comunicação apresentada em congresso (não publicado).
- MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo : Cosac Et Nify, 2003.
- MENDONÇA, Antonio Gouvea. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: EdUSP , 2008.
- _____ e VELASQUEZ FILHO, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil, 2ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 2002.
- MIRANDA NETTO, Antônio Gracia (coord. ger.). Dicionário de Ciências Sociais 2ª ed. Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getúlio Vargas. 1987
- NICHOLS, Robert Hastings. História da Igreja Cristã. São Paulo- Casa Editora Presbiteriana. 1978.
- ÓDEA, Thomas . Sociologia da religião. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. São Paulo- SP. 1969.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo- SP. Livraria Pioneira Editora. 1976.
- PEREIRA, João Baptista Borges. Artigo: Os Imigrantes na construção histórica da pluralidade étnica brasileira. Revista USP, São Paulo n.46, p. 6-29, junho/agosto 2000.
- _____ Artigo: Identidade Protestante no Brasil Ontem e Hoje. Religare: Identidade, Sociedade e Espiritualidade. BIANCO, Gloecir e NICOLINI Marcos (orgs). São Paulo. All Print Editora, 2005.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. Artigo: Ritual, etnicidade e identidade religiosa. Revista USP. Coordenadoria da Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N.67, setembro, outubro, novembro 2005. São Paulo- SP.
- POUTIGNAT, Philippe; FENART, Jocelyne Streiff. Teorias de etnicidade. Seguido de Grupos Étnicos e Sua Fronteiras de Frederick Barth. Tradução Élcio Fernades. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

REICHERT, Rolf. Atlas Histórico Regional do Mundo Árabe . Universidade Federal da Bahia- Centro de Estudos Afro-orientais. Sede-gra- RS, 1969.

Revista de Estudos Árabes. Ano 1- número 2, 1993. Centro de Estudos Árabes. FFLCH-USP. SP.

Revista USP. Coordenadoria de Comunicação Social, Universidade de São Paulo. N.67, setembro, outubro, novembro 2005. São Paulo-SP.

SAFADY, Jorge S. A Imigração Árabe no Brasil 1880-1971. Vol. I Tese de doutoramento apresentada à FFLCH- USP. São Paulo. Edições Garatuja SP, 1972.

SAFADY, Wadih. Cenas e Cenários dos caminhos de minha vida. Belo Horizonte- MG. Estabelecimentos Gráficos Santa Maria. 1966.

SALEM, Jean. O povo libanês: ensaio de antropologia. São Paulo. Editora Van Grei, 1969.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Patrícios: Sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo. HUCITEC, 1997.

_____ Sírios e libaneses: narrativas da história e cultura. São Paulo. Cia. Editora Nacional, 2005.

_____ De Mascates a Doutores: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo. Editora Sumaré : FAPESP.1991.

_____ Redes em Processos migratórios. Tempo Social USP, v.20, n.1 , junho 2008.

WALKER, Williston. História da Igreja Cristã. V. II. São Paulo. ASTE. 1967.

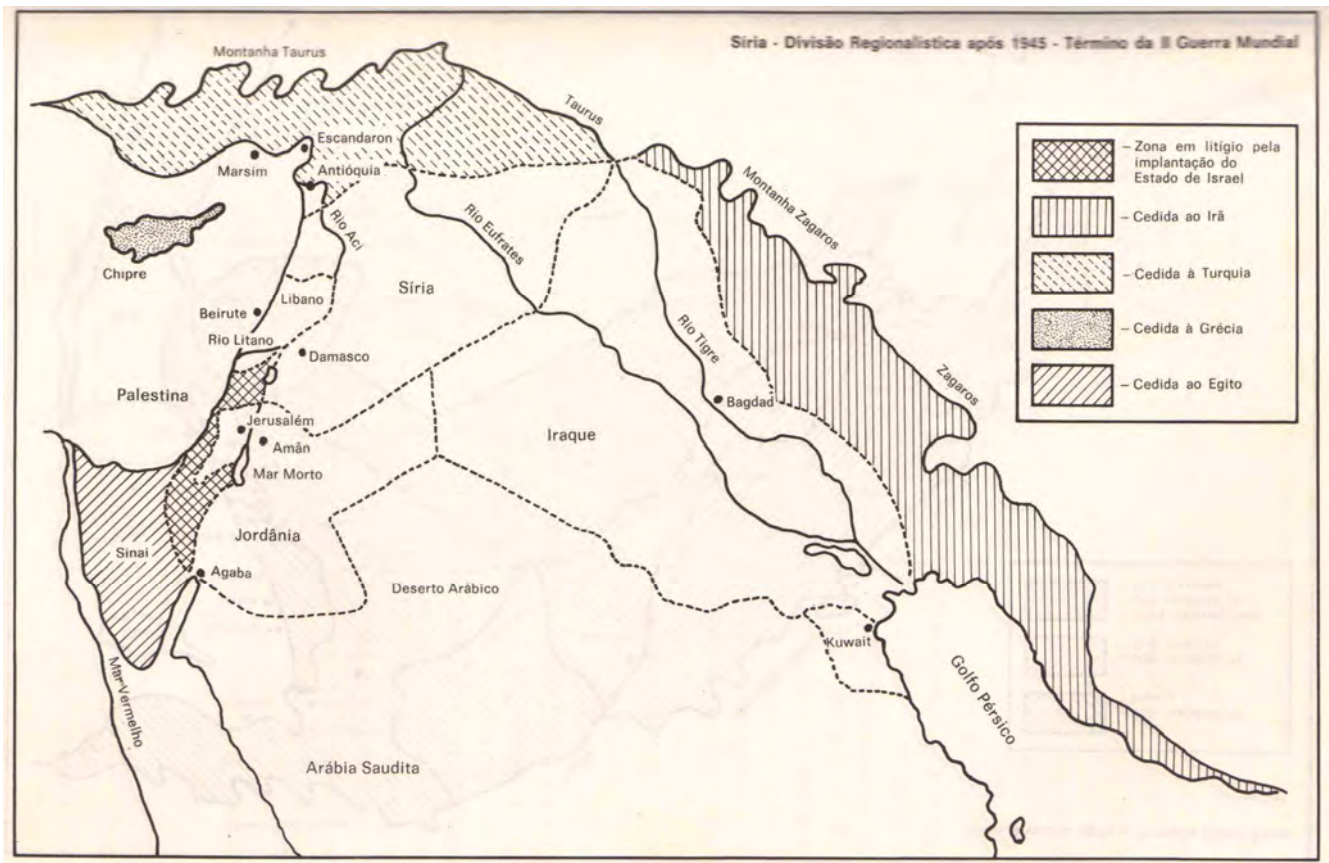
WASH, Joaquim. Sociologia da religião. São Paulo : Edições Paulinas, 1990.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo : Editora Martin Claret, 2001.

WILLENS, Emílio. Dicionário de Sociologia (verbete etnia). Porto Alegre. Editora Globo. 1950.

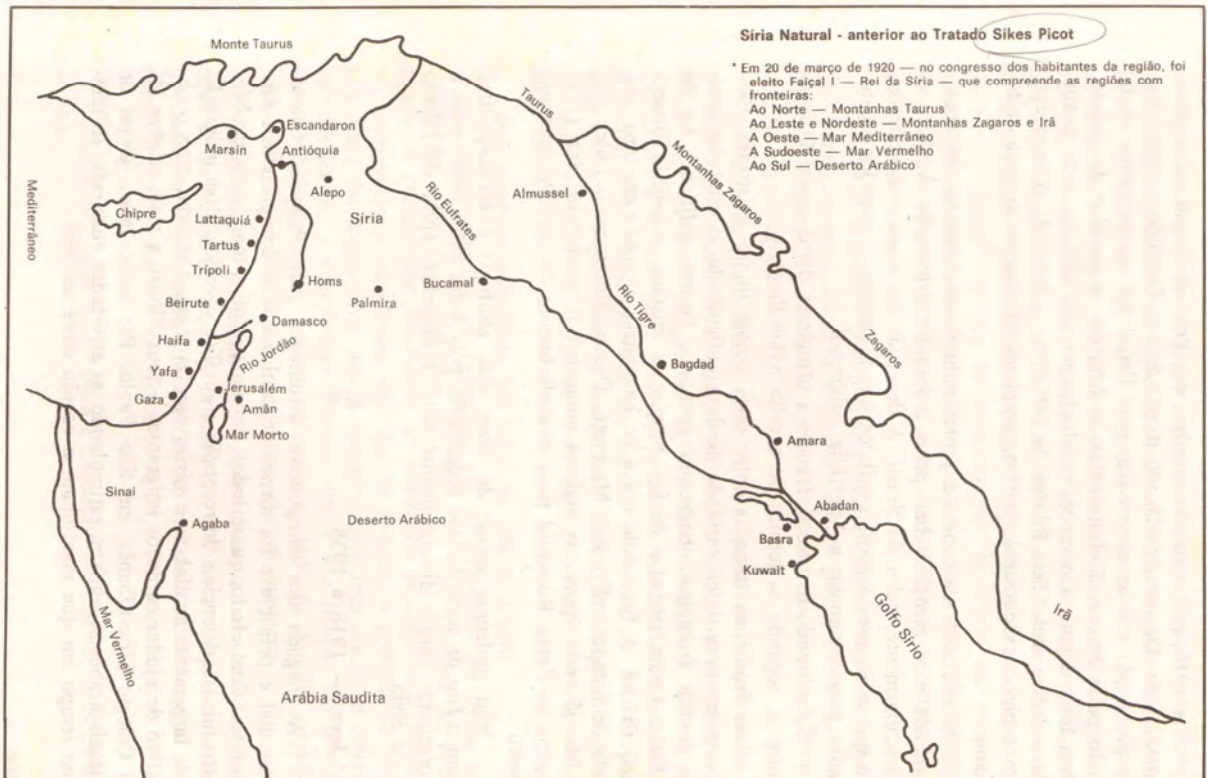
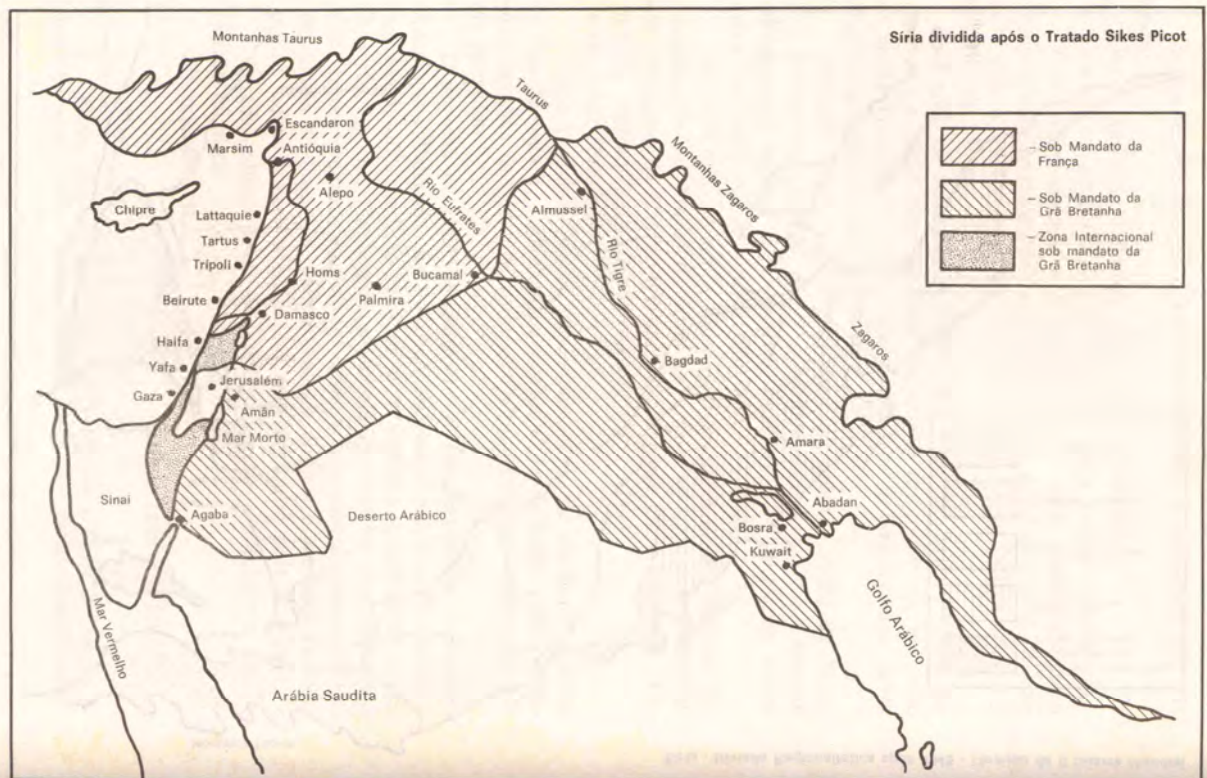
ANEXOS

Anexo 1 Mapa



(HAJJAR. 1985, p 103)

Anexo 2 Mapas



Anexo 3 Quadro com número de imigrantes sírios e libaneses

QUADRO I
IMIGRAÇÃO ANUAL SÍRIA E LIBANESA NO BRASIL, 1871-1942

Ano	Nacionalidades							Total
	Turco	Sírio	Libanês	Armênio	Egípcio	Marroquino	Argelino	
1871	2	—	—	—	—	—	—	2
1872	—	—	—	—	—	—	—	—
1873	8	—	—	—	—	—	—	8
1874	21	—	—	—	—	—	—	21
1875	—	—	—	—	—	—	—	—
1876	—	—	—	—	—	—	—	—
1877	15	—	—	—	—	—	—	15
1878	—	—	—	—	—	—	—	—
1879	—	—	—	—	—	—	—	—
1880	6	—	—	—	—	—	—	6
1881	38	—	—	—	—	—	—	38
1882	—	—	—	—	—	—	—	—
1883	6	—	—	—	—	—	—	6
1884	16	—	—	—	—	—	—	16
1885	43	—	—	—	—	—	—	43
1886	—	—	—	—	—	—	—	—
1887	—	—	—	—	—	—	—	—
1888	—	—	—	—	—	—	—	—
1889	—	—	—	—	—	—	—	—
1890	—	—	—	—	—	—	—	—
1891	3	—	—	—	—	—	—	3
1892	—	93	—	—	—	—	—	93
1893	—	—	—	—	—	—	—	—
1894	—	—	—	—	—	—	—	—
1895	146	196	—	—	36	48	—	426
1896	19	15	—	—	15	19	—	68
1897	648	28	—	—	—	48	—	724
1898	978	104	—	—	—	49	—	1.131
1899	1.823	259	—	—	—	28	—	2.110

SÍRIOS E LIBANESES

39

QUADRO I (continuação)

Ano	Nacionalidades							Total
	Turco	Sírio	Libanês	Armênio	Egípcio	Marroquino	Argelino	
1900	874	—	—	—	—	—	—	874
1901	781	—	—	—	—	—	—	781
1902	772	—	—	—	—	—	—	772
1903	481	—	—	—	—	—	—	481
1904	1.097	—	—	—	—	—	—	1.097
1905	1.446	—	—	—	—	—	—	1.446
1906	1.193	—	—	—	—	—	—	1.193
1907	1.480	—	—	—	—	—	—	1.480
1908	3.170	1.328	—	—	16	18	—	4.532
1909	4.027	163	—	—	—	—	—	4.190
1910	5.257	723	—	—	9	13	—	6.002
1911	6.139	953	—	—	17	—	—	7.294
1912	7.302	439	—	—	—	—	—	7.741
1913	10.886	215	—	—	—	—	—	11.101
1914	3.456	121	—	—	—	—	—	3.577
1915	514	525	—	—	—	—	—	1.039
1916	603	118	—	—	—	—	—	721
1917	259	61	—	—	—	—	—	320
1918	93	—	—	—	2	—	—	95
1919	504	10	—	—	3	1	—	518
1920	4.854	207	—	—	80	13	—	5.154
1921	1.865	103	—	—	29	2	—	1.999
1922	2.278	—	—	—	22	16	—	2.316
1923	4.829	—	—	1	55	3	—	4.888
1924	4.078	—	—	45	69	9	—	4.201
1925	1.952	1.987	—	148	55	5	—	4.147
1926	3.370	3.369	428	79	54	8	—	7.308
1927	203	3.008	294	92	29	—	—	3.626
1928	275	3.127	486	262	32	4	1	4.187
1929	80	1.771	778	104	25	6	—	2.764
1930	111	558	832	68	40	11	—	1.620

40

CLARK S. KNOWLTON

QUADRO I (continuação)

Ano	Nacionalidades							Total
	Turco	Sírio	Libanês	Armênio	Egípcio	Marroquino	Argelino	
1931	69	163	286	—	16	3	—	537
1932	55	130	299	3	7	1	—	495
1933	34	151	450	20	8	—	—	663
1934	120	158	356	—	7	17	—	658
1935	51	152	224	3	4	—	—	434
1936	17	31	134	—	—	—	—	182
1937	47	109	348	—	11	4	—	519
1938	24	110	220	—	4	—	—	358
1939	12	17	39	—	1	2	—	71
1940	18	13	17	—	—	—	—	48
1941	8	16	9	—	2	1	—	36
1942	1	2	6	—	—	—	—	9
TOTAL	78.637	20.538	5.206	825	648	329	1	106.184

(*) — As informações sobre os turcos de 1871 a 1920, sobre os egípcios e marroquinos de 1895 a 1920, e sobre os sírios e os libaneses de 1892 a 1894 tiradas do Boletim do Ministério de Trabalho, Indústria e Comércio, Ano 12, N.º 136 (Dezembro de 1945), 209-214. Dados sobre todas as nacionalidades de 1920 a 1939 tirados de *Ibid.*, p. 215-223. De 1940 a 1942 tirados da Revista de Imigração e Colonização, Ano V, N.º 3 (Setembro, 1944), 586-590.

SÍRIOS E LIBANESES

(KNOWLTON, 1961 pp 39-41)

Anexo 4 Quadro com indústrias de sírios e libaneses em 1920 em SP

SÍRIOS E LIBANESES

145

QUADRO 29

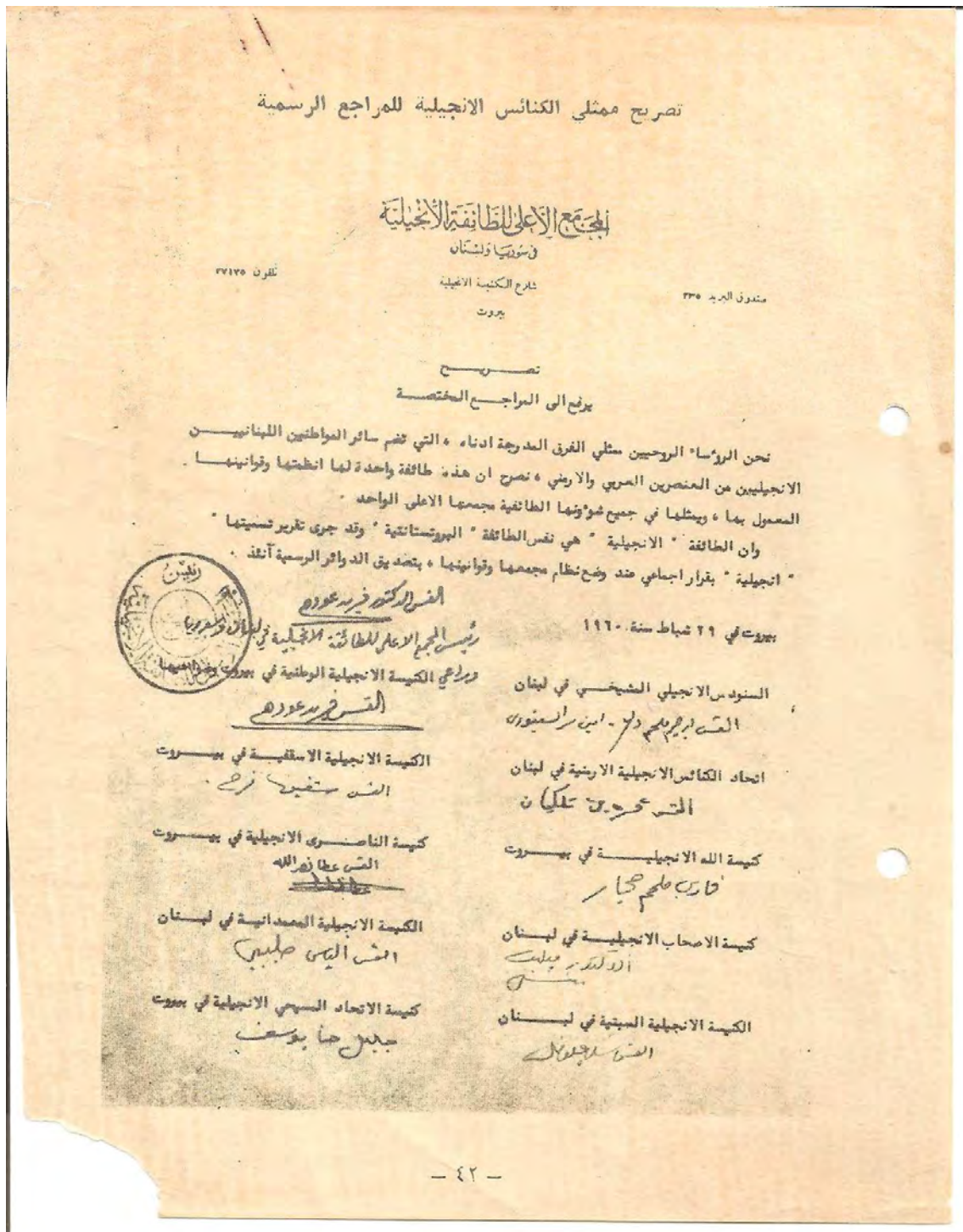
DISTRIBUIÇÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS SÍRIOS
E LIBANESES SEGUNDO O RAMO DE INDÚSTRIA,
CIDADE DE SÃO PAULO, 1920

<i>Ramo de indústria</i>	<i>Número de firmas sírias e libaneses da cidade de São Paulo</i>	
Indústrias Têxteis	12	
Malharia e meias		8
Fiação e Tecelagem de Algodão		2
Fiação e Tecelagem de Seda		1
Fitas e bordados		1
Indústria de couro, peles e outros materiais resistentes do reino animal	1	
Artigos para viagens e bagagem		1
Indústria de madeira	1	
Serrarias		1
Indústria de metal	1	
Artigos de bronze e cobre, pesos		1
Produtos Químicos	7	
Perfumarias		7
Indústria alimentares	3	
Fumo		2
Moagem de Café		1
Indústrias de Confecções	65	
Calçados		26
Chinelas		3
Chapéus		4
Camisas e roupas brancas		22
Gravatas		5
Roupas de homem		3
Roupas de mulher		1
Cintos e suspensórios		1
Fabricação de instrumentos de Transporte	1	
Arreios e afins		1
TOTAL	91	

Fonte: Recenseamento do Brasil, 1920. Vol. 2 "Relação dos Estabelecimentos Industriais Recenseados no Distrito Federal, nos Estados e no Território do Acre". p. 162-412.

(KNOWLTON, 1961, p 145)

Anexo 5 Documento do Supremo Conselho da Síria e Líbano



Documento original do Supremo Conselho Evangélico da Síria e Líbano.

Anexo 6 Foto Rv. Khalil Simão Hacı**IGREJA PROTESTANTE SÍRIA**

Homenagem póstuma à querida memória do saudoso
REV. KHALIL SIMÃO RACY

(falecido aos 88 anos, em 5 de Junho de 1944)

Emigrou pela primeira vez ao Brasil em 26 de Outubro de 1899, regressando ao país de origem em 2 de Maio de 1904. Em 27 de Janeiro de 1907 ordenou-se pastor. Retornou ao Brasil em 1920. Em 25 de Dezembro deste mesmo ano fundou esta igreja, servindo-a gratuitamente até 25 de Dezembro de 1935, quando a sua idade avançada o obrigou a aposentar-se.

(DUOUN. 1944, p. 227)

Anexo 7 Documento Sínodo Evangélico da Síria e Líbano

THE EVANGELICAL SYNOD
Of Syria And Lebanon
BEIRUT - P. O. Box 235

Beirut, Lebanon
October 1, 1965

To whom it may concern:

This is to certify that the Rev. Ragi Amer Khouri is an ordained pastor of the National Evangelical Synod of Syria and Lebanon and that he has been the official representative of the Synod among the Arabic-speaking Evangelicals of Brazil, South America, since 1956. Further, that he is authorized to preach the gospel, to organize churches, and to perform all other pastoral services according to the principles of the Presbyterian system of government and doctrine.

Given this first day of October, 1965,


The Rev. Ibrahim M. Dagher, Secretary
The National Evangelical Synod of Syria
AND LEBANON
SYND OF SYRIA & LBN

Anexo 8 Folheto de Evangelização em árabe



مِیَاةُ الْحَيَاةِ

فَاتَى (يَسُوعُ) إِلَى مَدِينَةٍ مِنَ السَّامِرَةِ
يُقَالُ لَهَا سُوخَارُ بِقُرْبِ الضَّمِيعَةِ الَّتِي وَهَبَهَا
يَعْقُوبُ لِيُوسُفَ ابْنِهِ. وَكَانَتْ هُنَاكَ بئرٌ
يَعْقُوبُ فَأَذْكَانَ يَسُوعُ قَدْ تَعَبَ مِنَ
السَّفَرِ جَلَسَ مَكَذَا عَلَى الْبِئْرِ. وَكَانَ نَحْوُ

الَّذِي أَعْطَانَا الْبِئْرَ وَشَرِبَ مِنْهَا هُوَ وَبَنُوهُ
وَمُؤَلَّشِيهِ. أَجَابَ يَسُوعُ وَقَالَ لَهَا كُلِّ مَنْ
يَشْرَبُ مِنْ هَذَا الْمَاءِ يَعْطَشُ أَيْضًا وَلَكِنْ مَنْ
يَشْرَبُ مِنَ الْمَاءِ الَّذِي أُعْطِيهِ أَنَا فَلَنْ يَعْطَشَ
إِلَى الْآبَدِ. بَلِ الْمَاءُ الَّذِي أُعْطِيهِ يَصِيرُ فِيهِ
يَنْبُوعُ مَاءٍ يَنْبَعُ إِلَى حَيَاةٍ أَبَدِيَّةٍ. قَالَتْ
لَهُ الْهَرَاةُ يَا سَيِّدُ أَعْطِنِي هَذَا الْمَاءَ لِكَيْ
لَا أَعْطَشَ وَلَا آتِي إِلَى هُنَا لِأَسْتَقِي.

يُوحَنَّا ٤: ٥ - ١٥

وَفِي الْيَوْمِ الْآخِرِ الْعَظِيمِ مِنَ الْعِيدِ وَقَفَ
يَسُوعُ وَنَادَى قَائِلًا إِنَّ عَطَشَ أَحَدٍ فَلْيَقْبَلْ
إِلَيَّ وَيَشْرَبْ. مَنْ آمَنَ بِي كَمَا قَالَ الْكِتَابُ

السَّاعَةَ السَّادِسَةَ فَجَاءَتْ امْرَأَةٌ مِنَ السَّامِرَةِ
لِتَسْتَقِي مَاءً. فَقَالَ لَهَا يَسُوعُ أَعْطِنِي لِأَشْرَبَ.
لَأنَّ تَلَامِيذَهُ كَانُوا قَدْ مَضُوا إِلَى الْمَدِينَةِ
لِيَبْتَاعُوا طَعَامًا. فَقَالَتْ لَهُ الْهَرَاةُ السَّامِرِيَّةُ
كَيْفَ تَطْلُبُ مِنِّي لِأَشْرَبَ وَأَنْتَ
يَهُودِيٌّ وَأَنَا امْرَأَةٌ سَامِرِيَّةٌ. لَأنَّ الْيَهُودَ
لَا يَتَعَامَلُونَ السَّامِرِيِّينَ. أَجَابَ يَسُوعُ وَقَالَ
لَهَا لَوْ كُنْتَ تَعْلَمِينَ عَظِيمَةَ اللَّهِ وَمَنْ هُوَ
الَّذِي يَقُولُ لَكَ أُعْطِنِي لِأَشْرَبَ لَطَلَبْتِ
أَنْتِ مِنْهُ فَأَعْطَاكَ مَاءً حَيًّا. قَالَتْ لَهُ الْهَرَاةُ
يَا سَيِّدُ لَأنَّ لَكَ وَالْبِئْرَ عَمِيقَةً. فَمِنْ أَيْنَ
لَكَ الْمَاءُ الْحَيُّ. أَعْلَمَكَ أَعْظَمُ مِنْ آبِينَا يَعْقُوبَ

تَجْرِي مِنْ بطنِهِ أَنْهَارُ مَاءٍ حَيٍّ . قَالَ هَذَا
عَنِ الرُّوحِ الَّذِي كَانَ الِّمُؤْمِنُونَ بِهِ
مُزْمَعِينَ أَنْ يَقْبَلُوهُ . لِأَنَّ الرُّوحَ الْقُدُسَ
لَمْ يَكُنْ قَدْ أُعْطِيَ بَعْدُ . لِأَنَّ يَسُوعَ لَمْ
يَكُنْ قَدْ مَجَّدَ بَعْدُ .

يُوحَنَّا ٧ : ٣٧ - ٣٩

إِعْلَانُ يَسُوعَ الْمَسِيحِ إِلَى يُوحَنَّا
وَأَرَانِي نَهْرًا صَافِيًا مِنْ مَاءٍ حَيَّةٍ لَامِعًا
كَبَلُورٍ خَارِجًا مِنْ عَرْشِ اللَّهِ وَالْخُرُوفِ .
وَالرُّوحُ وَالْعُرُوسُ يَقُولَانِ تَعَال . وَمَنْ
يَسْمَعُ فَلْيَقُلْ تَعَال . وَمَنْ يَعْطَشُ فَلْيَأْتِ .
وَمَنْ يَرِدْ فَلْيَأْخُذْ مَاءً حَيَّةً مَجَّانًا .

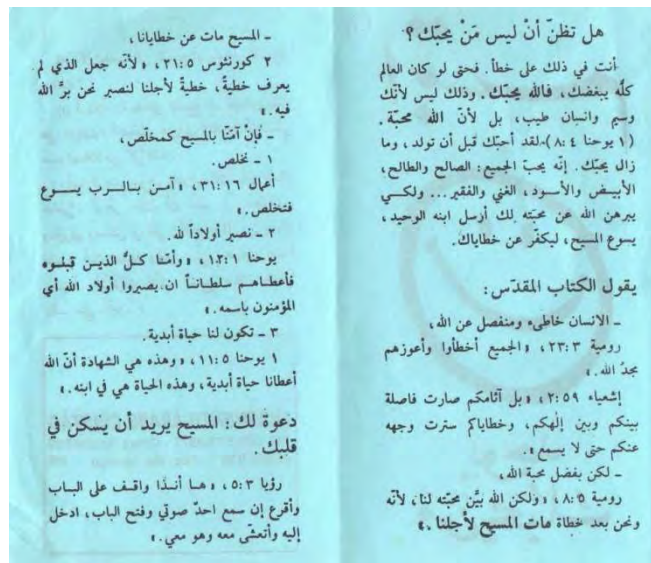
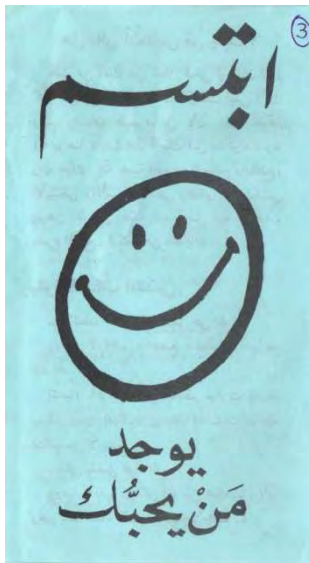
رُؤْيُ ١ : ٢٢ و ١٧

Arabic GL No. 8

٧ . ٢٥

Folheto para evangelização. (História da Mulher Samaritana – João 4)

Anexo 9 Folheto de Evangelização em árabe



Folheto para evangelização. (Título: Alguém ama você)

Anexo 10 Folheto de Evangelização em árabe

(4)

اين ستقضي الابدية ! ؟

فيمضي هؤلاء الى عذاب ابدى والأبرار الى حياة أبدية
(متى ٢٥ : ٤٦)

عزيزي القارى :

إن حياتك على الأرض قصيرة فكل دقة من دقائق سماعتك تقصر أيامك على الأرض وتتقلى بسرعة ويصمت ويكل يقين الى الابدية والى الله . سوف تصل سريعاً الى السنة واليوم والساعة والدقيقة المعينة فتُختم حياتك على الأرض ويبدأ تشييدك في السماء أو صراخك في الجحيم . بعدئذ لا يمكنك ان ترجع الى الأرض مرة أخرى بل ستبقى في مكانك الذي اخترته لنفسك بنفسك الى ابد الابدين . يقول الكتاب « وضع للناس أن يموتوا مرة ثم بعد ذلك الدينونة » . (عبرانيين ٩ : ٢٧)

اليوم تقف قدمك على رمال الحياة الحاضرة ولكن غداً ستبقى آثارك فقط والى حين . أما انت فتذهب الى الابدية التي لا نهاية لها . اليوم يدانك مشغولتان في العمل . عيناك تنظران

الى هنا وهناك ، عقلك يفكر ويدير للمستقبل ، ولكن احلم الآن وقبول فوات الأوان ، غداً كل شيء سيسكن وينتهي . ستبقى الزراعان المطويتان والميئان المقلتان . أما انت فتعطي الى الابدية . آخرون غيرك عاشوا مثلك وانهمكروا في اعمالهم الختلفة مهملين أديتهم كما انت اليوم لكنهم الآن ليسوا على قيد الحياة وقد دخلوا الابدية ، دخلوا عالم الحقيقة وما الموت سوى جسر العبور من الوقتى الزمني الى الابدى الازلي السرمدي . يقول الانجيل المقدس « لاننا لم ندخل العالم بشيء وياضح اننا لا نخرج منه بشيء » . (تيموثاوس الاولى ٦ : ٧)

ايها القارى :

إن وقتك لدخول الابدية لايد أت سريعاً . اسأل نفسك بأمانة وصديق هل انت مستعد للابدية ؟ أعط ضميرك وقتاً ليجيب . استمع انه يناجيك اليوم ! لا تُسكت صوتك لئلا يمتنع عن ان يتكلم مرة أخرى ! لا تقل كما قال قيصر يورجيا في آخر لحظاته : لقد دبرت في مجرى حياتي ما يلزم لكل شيء . ما عدا الموت والآن للألسف الشديد اننا اصوت بنون استعداد مطلقاً .

دع السماء وجحيم المستقبل يقفان امامك بكل ما لهما من روعة وحق . ان احد هذين المكانين - السماء أو جهنم - لايد وإن يكون مفرك الابدى واليوم هو الوقت الذي فيه تستطيع ان تختار لنفسك وتأخذ اتجاهك المسبق وتبدأ السير فيه . قد يكون الغد خارج حدود أيامك فتخسر حياتك الى الابد . لذلك لا تؤجل أمراً لا يدارله في الخطوة اي امر آخر مهما بدا امامك هاماً . دعنا نسمع تحذير الرب لنا « هوذا الآن وقت مقبول ، هوذا الآن يوم الخلاص » (كورنثوس الثانية ٦ : ٢) أن سمعتم صوتهم فلا تسوا قلوبكم . لا يوجد فرصة بعد الموت اسمها فرصة الخلاص من عقوبة الخطية . ان سمح الرب وأعطى لسكان جهنم المذبذبين بالنار فرصة دقيقة فقط للثوبة لصرخوا جميعاً بصوت واحد : نعم نريد الخلاص . ولكن . . . يا للألسف . قد فات الأوان .

تأكد انه من المستحيل ان ينقذ الموت من أخضاض الشر والخطية الى حضرة الرب القدوس الطاهر . إن الموت لن ينقذك من بين المحكوم عليهم بالهلاك الابدى الراضين وراء المكسب الغائبي والشر . الى مكان السعادة وراحة المغبدين المتوجين في الامجاد السماوية . الذين تجاوزوا مع دعوة الله لهم للثوبة فتالوا نعمة الخلاص .

لماذا تقابل الله وانت تحصل خطاياك ، انه لا يريد ذلك . لكنه يريد ان جميع الناس يخلصون والى معرفة الحق يقبلون . لانه يوجد اله واحد وبسيط واحد بين الله والناس . الانسان يسوع المسيح الذي بذل نفسه فدية لاجل الجميع » (تيموثاوس الاولى ٢ : ٤ - ٦)

وأخيراً لا تظن أنك ستستثنى من مقابلة الله . لذلك استعد للقاء الهك : تعال اليه كما أنت . واقفياً بشخص الرب يسوع المسيح ويموته فوق الصليب نيابة عنك إذ فيه الكفاية لخلاص كل من يؤمن . . .

أمن به فتخلص . ان اعترفت بفعلك بالرب يسوع وأمنت بقلبك ان الله اقامته من الاموات خلصت » (رومية ١٠ : ٩) . ودم يسوع المسيح ابنه بظهورنا من كل خطية » (يوحنا الاولى ١ : ٧)

MOVIMENTO ÁRABE CRISTÃO
Tel. (45) 573-2971 - Caixa Postal 999
85851-970 - Foz do Iguaçu - PR

Folheto para evangelização. (Título: Onde você passará a eternidade?)

Anexo 11 Folheto de Evangelização em árabe



وصية العذراء لكل مسيحي

بقلم : الدكتور ونستون مزاركيس

انت تدعي انك مسيحي، وربما انت تدعي انك مسيحي متدين، وربما تعترف بانك مسيحي ولكنك « ليس متديناً كما ينبغي ». وكشخص مسيحي، متدين أو غير متدين، انت تصر على انك تحب العذراء مريم وعلى ان لها في قلبك مكاناً خاصاً.

انا اضع اليوم امامك سؤالاً جوهرياً ومهماً جداً :

هل انت تحب العذراء مريم كما تدعي ؟ هل تحبها انت بالحق ؟ ام ان محبتك لها مطية لاغراض شخصية خاصة او لمقاصد تقليدية لا معنى لها ؟ يقول آخر، عندما تقول انك تحب العذراء، هل تعني انت بالحق ما تقوله ؟ نوع محبتك : ان قلت انك جدي في محبتك للعذراء، وانك انسان مخلص فبما تقوله وتعنيه، فهناك الامتحان اللازم الذي يظهر لك بوضوح ان كنت بالحق تحب العذراء، ام ان محبتك لها محبة كلام، مبنية على تقليد باطل، غذاه التعصب الديني الأعمى، الذي لا علاقة له بالعذراء المباركة.

الامتحان : اول ظواهر المحبة هي ان نعلم رغبة ومشية الشخص الذي ندعي اننا نحبه. واهم متطلبات المحبة هي ان نطيع وصية الشخص الذي نحبه وان نعمل مشيئة

« لانكم بالعمة اتممتم المحبة، والايام، وذلك ليس منكم هو عطية الله. ليس من اعمالكم كي لا يفخر احد » (١ كو ١٣ : ٤)

ثالثاً : تكرار الصلاة امر باطل لا تأثير له في عيني الرب، لان في تكرار الصلاة تصيح الكلمات وتبني لا معنى فيها. لذلك يقول الرب يسوع :

« وحسباً تصلون، لا تكرر الكلام باطلاً كالأحمق. فانهم يظنون انه بكثرة كلامهم يستجاب لهم. فلا تشبهواهم » (متى ٦ : ٧ و٨)

وأيضاً : لا يستطيع انسان ان يساعدك لتحصل على حياة ابدية. لا الملائكة ولا القديسون يمكنهم ان يساعدوك في خلاص نفسك، لان يولس لم يبت من أجلك ولم تعتمد باسم بطرس (١ كورنثس ١ : ١٠ - ١٣). ولكن هناك واحد، وحده لا غير، هو يستطيع ان يساعدك ويتخلصك :

« ادع الآن . فههل لك من مجيبه ؟ والى ابي القديسين تلتفت ؟ (ايوب ٥ : ١) .

« هذا قديسو لا يأثمهم .. وللاكثره ينسب حماقة » (ايوب ١٨ : ٢٤ و ١٥ و ١٤) .

« لانه يوجد اله واحد ووسط واحد بين الله والناس، الانسان يسوع المسيح » (١ تيموثاوس ٢ : ٥) .

خامساً : الله لم ياتكم احداً، إلا ابنة الوحيد لكي يتم خلاصكم، إذ انه يحبكم، وأنت عزيز في عينيه.

« لانه هكذا احب الله العالم حتى بذل ابنه الوحيد لكي لا يهلك كل من يؤمن به بل تكون له الحياة الابدية » (يوحنا ٣ : ١٦) .

سادساً : يسوع المسيح ابن الله مات على صليب الجلجثة لكي يذبح فتم خلاصك، وقام في اليوم الثالث، كما في الكتاب لكي يبرهن ان سلطان الخلاص في يده وحده، وهو يريد ان الجميع يخلصون وان معرفة الحق يثبوت. وهو يدعوك قائلاً :

« تعالوا إلي يا جميع المتعبين والثقيل الاحمال وانا

عطفاً على ما سبق : هل تعلم ان العذراء المباركة اعطت وصية مهمة جداً، وهي تتوقع من كل من يحبها ان يطيع وصيتها ويعمل بها .

الوصية : وصية واحدة خرجت من شفتي مريم، وهي اعظم وصية وشهادة يستطيع ان ينطق بها انسان . وكأني بالعذراء تنظر الى بني البشر، مشيرة الى ابنا الحبيب يسوع، وتقول :

« معها قال (يسوع) لكم فاعلموه » (يوحنا ٢ : ٥)

هي تشدد علينا ان نعمل ما يقوله يسوع لنا، لانها نفسها حفظت كلامه في قلبها (لوقا ٢ : ٥١)، ولانها حفظت ذلك الكلام وحملت به، استطاعت ان تشهد لجميع الاجيال قائلة : « **تنبؤ روعي بالله عظمي** » (لوقا ١ : ٤٧) .

إذاً، لكي تحفظ وصية مريم وتبرهن عن محبتك الصادقة لها، ينبغي عليك ان تسمع ما يقوله الرب يسوع، وأن تعمل به، إذ ان هذه هي الطريقة الوحيدة التي بإمكانك فيها ان تحصل على السعادة الحقيقية وترجع الحياة الابدية. والكتاب المقدس هو المصدر الحقيقي الوحيد الذي هو كلمة الرب يسوع المسيح. فاسمع إذماً ما يقوله الرب يسوع ..

حافظي من الكتاب المقدس ينبغي ان تعرفها :

اولاً : ينبغي ان تعلم انك، ككل انسان، شخص خاطيء، وكلمة الرب تقول :

« الجميع زانوا وفسدوا معاً . ليس من يعمل صلاحاً، ليس ولا واحد .. لانه لا فرق . إذ الجميع اعطوا واوزمهم مجد الله » (رومية ١٢ : ٣ و ٢٣) .

ثانياً : انت لا تستطيع ان تشتري خلاص نفسك، لا بأعمالك الصالحة ولا باموالك وإن كانت طائلة :

« عالمين انكم افنديتم لا بأشياء تقني بغضة او ذهب من سيرةكم الباطلة التي تقلدتموها من الاباء . بل بدم كرمج كما من جل بلا عيب ولا دنس، دم المسيح » (١ بطرس ١ : ١٨ و ١٩) .

ارتحمتكم .. ومهما سألتم باسمي فذلك افعله » (متى ٢٨ : ٢٠ و يوحنا ١٤ : ١٣) .

هو يدعوك ويشدد لكي تأتي اليه رأساً، وليس لك حاجة اليه ان تلجس الي آخرين .

سابعاً : لكي تخلص ولكي تؤثث حياة ابدية في السماء، ينبغي ان تنوب عن خطيئك وان تقبل بالايام السج يسوع خلاصاً شخصياً لخطيئك

« فاقه الآن يا جميع الناس في كل مكان ان يتوبوا متعاضياً عن ازمته الجهل » (اعمال ١٧ : ٣٠) .

كلمة الله تشير بكل وضوح على انه ان يكون لك سلام نفسي أو شبع روحي إلا ان قبلت المسيح الرب خلاصاً شخصياً، تائباً عن خطيئك، متعاضاً مع الله . ولكنك تنوب عن خطيئك مؤمناً بالرب يسوع، ينبغي ان تصل بساطة، من كل قلبك، سي يفر الرب خطاياك ويجعلك ابناً له . ونحن نصل صلاة القلب تلك، انت تصبح ابناً لله بحسب وعده الصادق والأمين .

لذلك ان كانت في نفسك وفي قلبك رغبة ان تخلص وتسير وداً لله، وتؤثث مصيرك الابدي في السماء ارجع ان تصلي هذه الصلاة بكل إخلاص وجدية :

« يا رب يسوع، اشكره لانك مت على عسيبة الصليب من اجلي . ارجوك ان تغفر خطاياي، اعمو آتاني، واكتب اسمي في سفر الحياة، حسب وعدك . استسجني يا رب لأن باسمك اسأل هذا . آمين »

« واما كل الذين قلوبهم فأعظامهم سلطاناً ان يضيروا اولاد الله، اي المؤمنون باسمه » (يوحنا ١ : ١٢) .

إن كنت قد قبلت المسيح نتيجة فرائدك هذه الباردة، احبرنا لكي نفرح معك .

وليريد من المعلومات اكتب لنا على العنوان التالي :

IGREJA EVANGÉLICA ARÁBE DE SÃO PAULO
CONGREGAÇÃO LOCAL A PARTICIPAR DAS CELEBRAÇÕES
Quarta - Quinta às 20h00h.
Sábado - Domingo às 9h00h às 11h30h.
Av. Damasco nº 930 - Ff. 303.
Rua Vergueiro 4863 - Vila Mariana - SP - Brasil 05464-020 (2779-7249)

Anexo 12 Folheto de Evangelização em Português



Quer saber mais
sobre o que Cristo fez por você?
Então, escreva para o endereço
abaixo e lhe remeteremos um
exemplar gratuito do livreto
Perdão, Certeza e Paz.

Esse é o outro lado da sexualidade:
Uma vida de pureza vai enaltecer e revalorizar a sua vida sexual! Ela vai resgatar o sexo a uma posição de dívida de Deus para a sua felicidade e da pessoa que viver ao seu lado!
Com que purificará o jovem o seu caminho? Observando-o conforme a tua Palavra. Salmo 119.9
Felizes as pessoas que têm o coração puro, pois elas verão a Deus. Mateus 5.8
Vale a pena conhecer o outro lado...

IGREJA EVANGÉLICA ÁRABE DE SÃO PAULO
CONVIDAMOS A PARTICIPAR NOS CULTOS
Aos Domingos 10:30 hrs
As Quintas-feiras 20:00 hrs
Rua Verqueiro, 1845 - Paraíso - SP

interlink
agência missionária

Caixa Postal 8005
São José dos Campos, SP CEP 12216-971
Tel (12) 3204-4369 www.interlink.org.br
E-mail pedidos@interlink.org.br
Citações bíblicas: ACT ©2007 SBTB; NTJH ©2000 SBB

A Interlink é uma organização missionária evangélica, interdenominacional e sem fins lucrativos, filiada à Revival Movement Association, Belfast, Irlanda do Norte.



Aquilo que o mundo moderno chama de liberdade sexual, a Palavra de Deus classifica como imoralidade. E a imoralidade cobra um preço muito alto dos que a praticam:

O nosso corpo não existe para praticar a imoralidade, mas para servir ao SENHOR. Fugam da imoralidade sexual! A pessoa que comete imoralidade sexual peca contra o seu próprio corpo. Vocês não sabem que o corpo de vocês é templo do Espírito Santo? Deus não nos chamou para vivermos na imoralidade. Não se enganem, pois os imorais não terão parte no reino de Deus. 1Coríntios 6.13b, 18a, 19a, 6.9b-10b

O prazer sexual foi divinamente projetado para ser curtido no seu devido tempo, com responsabilidade e em amor. Vale a pena se guardar, esperar e se preparar para esse momento tão especial que Deus criou para você!

O amor... tudo espera, tudo suporta. Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne; 1Coríntios 13.6b; Eclesiastes 3.11a; Efésios 5.31

*Por que eu faria diferente?
Todo mundo vive assim...
e eu faço dela o que bem quiser!!!
Sexo sem compromisso é sempre que
Prazer mediato e sem limite!*

Esses são os seus estilos de vida? Então, você deveria conhecer o outro lado da sexualidade; um lado diferente e que anda esquecido nos dias de hoje, mas que pode abençoar a sua vida e mudar radicalmente a forma como você entende o sexo.

A Bíblia tem muito a dizer sobre sexo. Sua sexualidade foi Deus que projetou você de forma que você pudesse sentir fisicamente atraído por outra pessoa.

Mas, a Bíblia também ensina que Deus colocou esse dom em você com propósitos muito bem definidos.

A razão básica porque Deus nos criou como seres sexuais dos foi para sermos instintivamente protegidos da solidão e experimentarmos a completeza ao lado de alguém: O SENHOR disse: Não é bom que o homem viva sozinho. Vou fazer para ele alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade. Gênesis 2.18

A vulgarização do sexo tem feito muita gente escrava dos seus próprios instintos sexuais. O resultado disso é: solidão, alienação, frustração e vazios de alma. Exatamente o oposto daquilo que Deus originalmente planejou para nós!

A Bíblia previu que chegaria um tempo em que as pessoas estariam tão voltadas para o prazer físico, que já não se importariam com as consequências desse estilo de vida: Nos últimos dias haverá tempos difíceis. Pois muitos serão egoístas... e... amarão mais os prazeres do que a Deus. 2Timóteo 3.1b-4b

Apesar de tudo o que se diz por aí, seu corpo não é um mero objeto de prazer para pessoas. Assim também o corpo das outras será usado, abusado e descartado por outras.

Folheto em português para distribuição entre jovens.

Anexo 14 Entrevista com o Reverendo Vladimir de Lima Júnior

1) Seu nome completo

Vladimir de Lima Júnior

2) Lugar e data de nascimento

São Bernardo do Campo-SP / 16.06.1982

3) Sua formação acadêmica (teológica e secular)

Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, Universidade de Mogida das Cruzes UMC, ano 2000 a 2003.

Bacharel em Teologia, Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, São Paulo, ano 2004 a 2007.

4) Seu projeto de trabalho (resumido e específico: pretendo ir... e fazer....)

Evangelizar os árabes da região do Golfo (não gostaria de dizer o nome do país por motivo de segurança, visto que seu trabalho será lido por muitas pessoas), através do plantio de uma Igreja, mesmo que “subterrânea” (termo para igreja escondida) onde o trabalho será realizado através de uma escola de futebol, e atenção a pessoas com deficiência.

5) Por que trabalhar na IEASP? Como foi seu ingresso ali?

Para iniciar uma adaptação aos costumes, língua, hábitos, enfim, a cultura árabe para minimizar o choque cultural na chegada ao campo. Desenvolver o ministério pastoral com o povo o qual irei trabalhar. O ingresso na IEASP se deu através da APMT – Agência Presbiteriana de Missões Transculturais, que fez o pedido para que pudesse iniciar esta adaptação e ao mesmo tempo colaborar com a Igreja.

6) Há quanto tempo está trabalhando lá?

Iniciei o trabalho em janeiro de 2008 (1 ano e 7 meses) e ficarei lá até dezembro de 2009.

7) Qual sua função ou atuação? (Fazer o quê?)

Sou pastor colaborador. Atuo na área do ensino, pregação, aconselhamento, colaboração na área de Louvor da Igreja, trabalho com jovens e visitação.

8) Recebe algum tipo de remuneração (oferta, salário ou outro?). Se negativo, qual o motivo de tal postura ? (em sua opinião).

Não recebo remuneração de nenhum tipo. Isto se dá pelo acordo feito entre a APMT e o pastor da igreja. Na conversa ele alegou que não iria me remunerar. Eu poderia ir a Igreja aprender, mas que não receberia nada por isso.

Colocando minha opinião agora, acredito que isso seja uma cultura da igreja, pelo fato de que todos os pastores, até onde sei, que pastorearam a igreja tinham uma remuneração extra-igreja (trabalho “secular”) e por isso não necessitavam da remuneração da igreja. Assim a igreja foi acostumada a não pagar pastor, entendendo que ele deve ter sua remuneração proveniente de um trabalho secular.

9) Como é a atuação (programa) dos jovens?

Os jovens nunca têm um programa pré-estabelecido, como cultos periódicos ou encontros periódicos. A cada época do ano há um número de jovens diferentes. A

rotatividade é enorme, entretanto há sempre um número certo de jovens, os filhos do pastor e alguns outros. Estes sempre estão na igreja e decidem a programação de acordo com o interesse, tempo, necessidades deles e de outros.

Por 5 meses (agosto a dezembro de 2008) tivemos cultos periódicos aos sábados com um número bem expressivo, mas por alguns motivos, estes terminaram na entrada do novo ano. Os jovens que frequentam a igreja são muito firmes nas programações e na atuação dos programas da igreja.

10) Tem havido (neste tempo em que você tem ali cooperado) algum crescimento significativo ?

Não. Como dito anteriormente, o crescimento dos jovens e da igreja em geral não é expressivo. Algumas poucas famílias e pessoas chegaram, por exemplo, este ano a igreja, mas nada significativo.

11) Tem havido algum decréscimo (diminuição) em relação à presença?

Não. Também não há um decréscimo de famílias e pessoas na igreja. Talvez uma ou duas se retiraram mas nada expressivo. A igreja mantém nestes dois anos praticamente o mesmo grupo de pessoas.

12) É de seu conhecimento se há projetos específicos para evangelização de árabes? Qual?

Projetos específicos da IEASP de evangelização de árabes, no meu entendimento não há. Entretanto, tanto o pastor, como alguns membros da igreja, têm uma grande atuação no evangelismo dos árabes que estão em seu círculo social (trabalho, família, amigos) através da visitação.

13) Há projetos de evangelização de não árabes (brasileiros)? Qual?

Também não há projetos específicos de evangelismo a não árabes. O mesmo acontece com a evangelização citada acima. Quero deixar claro que as vezes há uma programação específica de evangelismo de toda a igreja, mas isto é esporádico, e não um projeto específico.

14) Há atividade específica com crianças? Se negativo, por quê?

Não há. O número de crianças da igreja é extremamente pequeno. Esporadicamente alguns jovens da igreja retiram as crianças do templo na hora do culto, para uma sala separada, para fazer atividades, como vídeo, cânticos entre outros.

15) Há funcionamento regular de Escola Bíblica Dominical ? Se negativo qual o motivo?

Não há. Na minha visão, pelo fato do culto começar as 10h30m e já estarem acostumados a isto. Já houve tempos em que a EBD funcionava antes do culto, mas com o passar do tempo isto não ocorreu mais.

16) Em sua opinião o traço étnico árabe ainda é forte na IEASP? Tende a diminuir? Poderá perder esta característica? Motivos.

Sim. Creio que 90% dos membros são árabes e/ou descendentes. Porém este número tende a diminuir. Isto porque hoje, os descendentes já são maioria. Os próximos filhos já nem serão descendentes, porque serão filhos de pais brasileiros. Com relação a perder a característica, creio que será difícil, mas não impossível. Isto porque há muitos membros, que amam a sua cultura e/ou sua origem e não vão querer que isto se perca.

Entretanto, se novos árabes não chegarem a igreja, no passar mais umas duas gerações, este traço poderá ser perdido.

Obs: Entrevista obtida por meio de correio eletrônico.

Anexo 15 Entrevista com o pastor Khalil Samara

Entrevista com o pastor Khalil Samara, pastor da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo. Esta entrevista é para a dissertação de mestrado sobre a Igreja Evangélica Árabe.

Paulo: Pastor Khalil, qual é o local de seu nascimento?

Calil: Foi Beirute, Líbano.

Paulo: O senhor veio para o Brasil em que data?

Calil: 15 do Outubro 76.

Paulo: O propósito de sua vinda foi para pastorear a igreja, já era pastor, ou para questão ligada a comércio, trabalho, coisa assim?

Calil: Bom, foi enviado para evangelizar o trabalho... fazer trabalho evangélico com os árabes aqui. Evangelismo. Eu era na época como evangelista. Não era pastor. E cheguei aquela época enviado da Igreja Nacional de Bagdá... de Beirute para fazer o trabalho de evangelismo de árabe. Ficamos sabendo que aqui no Brasil tem maior número de árabes imigrantes. Então, eu cheguei aquela data... a propósito era isso.

Paulo: O pastor que iniciou a Igreja Árabe é o pastor Ragi Khouri. Os contatos que ele fez no Brasil para estabelecer esta igreja foram primeiro em que termos ou em que locais?

Calil: É, foi aqui em São Paulo, né. Mas ele conheceu a família da esposa dele em Campinas onde, acho que por causa do comércio, mudaram para lá. E a família dela era... o pai dela era o presbítero da igreja que começou nos anos, nos anos 24, 28, através do pastor Khalil Hacı.

Paulo: A Igreja Árabe começou as suas atividades em que locais?

Calil: É... começou em casas primeiro, né. Quanto nos anos 20, começaram em casas e depois eles formaram uma comunidade evangélica Síria lá na região de 25 de Março, até uns 34. Depois um... falecimento do pastor e a chegada do outro pastor, então começaram novamente em casas, em Campinas, São Paulo, nos Santos. Então eles visitava as famílias que estavam na época da Igreja Evangélica Síria, na época.

Paulo: Usaram, também, templos de outras igrejas evangélicas?

Calil: É, depois que se estabeleceram um entendimento, a continuação do trabalho, houve um movimento assim de avivamento do trabalho evangélico árabe no Brasil. Então eles, pelo crescimento deles, não podiam reunir mais em casas. Então começaram na Igreja Americana, depois a Igreja Armênia, depois, antes de comprar aqui, foi realizado cultos por dois, três anos, na Igreja Presbiteriana de Vila Mariana.

Paulo: A aquisição da propriedade aqui na Rua Vergueiro 1845, ela ocorreu de que maneira? Foi financiamento, foi oferta dos membros?

Calil: É claro que uma igreja ter oferta dos membros, mas agora como foi pago, eu não participei, mas quanto eu cheguei em 76 eles estavam pagando é... dívidas pra o Banco Noroeste na época. Pode ser uma... uma parcelamento da casa ou outra coisa, não sei. Mas é, quando cheguei em 76 eles fizeram a compra, deve ser nos anos 60. Então é... eu não participei exato sobre... mas eu creio pelo documentado e do arquivo, eu... eles quitaram e tem registro em nome da Igreja Evangélica Árabe.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe foi organizada em que ano?

Calil: É... em 1967. Foi organizada oficialmente, com o estatuto dela. Então é... naquela assembléia, a primeira assembléia oficial, em 1967, eu não me lembro o mês, mas nesse ano foi é... foi organizado oficialmente a igreja com estatuto, com tudo.

Paulo: A consagração do templo foi em que ano?

Calil: Foi 1979. A consagração, depois a construção do templo da igreja, né, atual. Então foi em 1979 a sua consagração.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe teve alguma atuação na área social, por exemplo, com alguma creche, algum lugar pra idoso, coisa desta ordem?

Calil: A igreja trabalhou, é... e até que muito esforço da parte da igreja, é... tivemos, é... o trabalho com idosos chamado “Lar pro Velhice Água da Vida”, uma... uma instituição foi registrada com CGC... e tivemos uma propriedade na região de Campi... na região de Valinhos, é... deveria ter 4, 5.000 metro quadrado, foi construído 12 apartamentos, um salão social, um restaurante... um lugar pra refeições, um lugar pra... pra o cultos. Mas nos anos 40... 94,95, se apresentou um processo contra o pastor, contra a esposa dele e contra o Lar pro Velhice Água da Vida, que levou o processo até dois mil quatro, dois mil três, por mau testemunhos, por um processo maldosos de grupos espíritas, é... com apoio da prefeitura de Valinhos naquela época, é... e conseguiram que retirar essa propriedade da igreja. Foi realmente um caso muito, hã... muito desagradável naquela época, com tudo o que a igreja fez através da pessoa do pastor, da esposa dele, do próprio dinheiro deles financiaram lá do próprio ofertas da igreja, do trabalho da igreja e... hoje nós perdemos, né.

Paulo: Em termos de apoio como se fosse uma rede social de apoio ao imigrante. A Igreja Árabe teve alguma participação em que termos?

Calil: Num temos um orgum... um órgão ou departamentos com essa especialidade, é... durante época como pastor aqui passaram num total mais de 10 pessoas e famílias necessitadas, é... eles tinham alguns meses que tinham chegado, ou alguns nas primeiras semanas. Então nós ajudamos essas pessoas assim de... de instalá-los, alguns nós alugamos uma casa, alguns foram colocados num pensão, alguns foram encaminhados para uma instituição de... de tratamento de drogas e outras coisa, né, que pessoas, alguns foram retirados de rua e algumas pessoas estavam de passagem na frente da igreja e onde viram que igreja evangélica árabe tocaram a porta, estava com fome e estavam com necessidade, alguns mesmo falam português e... então, nós ajudamos essas pessoas dentro do possível.

Paulo: Em termos de vínculo de estrutura federativa, vamos assim dizer, a Igreja Evangélica Árabe tem alguma relação com alguma federação de igrejas, ou confederação, ou organização, seja nacional ou internacional?

Calil: É...desda fundação da Igreja Evangélica Árabe, ela sempre foi independente, ela não está ligada a nenhuma federação ou nenhuma denominação, é... assim, é... aqui no Brasil não foi, e... estamos trabalhando para... para sendo... já foi encaminhado, já foi aceitado registro de igreja, ela ligada ao Supremo Evangélico Nacional da Síria e do Líbano. É um, assim, é... termo de...de... a igreja tem toda independência, toda liberdade de se organizar internamente, só ela ligada, assim formal com essa Supremo Conselho Nacional da Síria e do Líbano, por qualquer necessidade futura esse conselho que ele tem que suprir necessidade da Igreja Evangélica Árabe, qualquer porventura, qualquer, é... necessidade futura que aparece, é... o alvo é isso.

Paulo: Há uma placa indicativa da situação ligada antigamente ao Sínodo...

Calil: Sim...

Paulo: ... Evangélico da Síria e do Líbano. Ainda há alguma relação?

Calil: É... tudo povo que veio aqui na Igreja, mesmo em 67 da sua fundação, é... a Igreja sabendo com... que a Igreja Evangélica Árabe de São Paulo ligada ao Sinódo Presbiteriano Evangélico da Síria e do Líbano. Só quanto eu fui com a liderança presbiteriana do Brasil, principalmente da pastor Agripino e equipes e eu aproveitei pra tirar essa... porque não tem contato, num tem cartas, e nós somos uma igreja no Ocidente, no Brasil, que ligada a esse sínodo, e... e eu descobri que oficialmente não foi nada registrado, não tem registro nenhum. Só na fundação da igreja foi feita essa placa e antes do falecimento do pastor ele diz que ele tinha colocado isso porque ele desejava muito, como ele foi enviado da presbiteriana, foi enviado do sínodo, como missionário pra cá na época da igreja, na época da fundação da igreja, diz que era pra mim, é... registrar se houve algum problema com a diretoria que estava

na época nos sinódos e alguns tive mau entendimento com pastor e ele questionou e registrou isso.

Paulo: Há um interesse em estabelecer, por exemplo, uma federação de igrejas evangélicas árabes no Brasil?

Khalil: Nós estamos trabalhando agora pra criar... já temos um trabalho, é... igreja registrada lá em Foz do Iguaçu, nós temos um trabalho em São José dos Campos, nós temos trabalho em São José do Rio Preto. São trabalhos congregacionais, é... congregação, trabalho em casas ainda, e nós temos trabalho em Cubatão. Então esses trabalhos nós estamos trabalhando para fortalecer esses trabalhos e formar essas igrejas. Já estamos encaminhando vários assuntos entre a liderança pra formar a Convenção Evangélica Árabe do Brasil.

Paulo: Com relação ao serviço religioso, aos cultos, aqui na Igreja Evangélica Árabe, qual é a língua usada e quais os dias da semana em que esses cultos ocorrem?

Khalil: Bom, nós utilizamos, é... praticamente a língua portuguesa, enquanto algumas pessoas idosas, pessoas que não entendem bem o português, nós utilizamos a língua árabe também, e... nossos cultos são nas quintas-feiras, terças-feiras cultos em casas, para as famílias, quintas-feiras estudo bíblico aqui, é... sextas-feiras cultos em casas para os jovens, sábados trabalho dos jovens aqui na Igreja e Domingo pela manhã Escola Dominical e o culto da igreja.

Paulo: A escola dominical tem funcionamento regular, todos os domingos, para as crianças e adultos, só para as crianças?

Khalil: É trabalho pra criança fizemos... fazemos um domingo por mês um estudo de assunto bíblico.

Paulo: Em termos das cerimônias que a Igreja Evangélica Árabe realiza, algumas chamam de sacramentos, outras ordenanças, quais as que a Igreja Árabe pratica?

Khalil: É... ordenanças... nós ordenamos o ano passado alguns diáconos... o ano interior, retrasado também alguns presbíteros, e... quanto surgir necessidade nós utilizamos.

Paulo: E termos dos sacramentos ou das ordenanças, quais que a Igreja Evangélica Árabe pratica, por exemplo, batismo, Ceia do Senhor?

Khalil: Não entendi.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe usa também a prática do batismo e da Ceia do Senhor? Há essas cerimônias na Igreja Evangélica Árabe, o batismo, a Santa Ceia?

Khalil: Sim, é... nós praticamos a Ceia aqui no templo, e... o batismo sempre praticamos nos rios.

Paulo: A prática do batismo é só para os adultos ou envolve também a prática do batismo de crianças?

Khalil: É... eu particularmente batizo as crianças quanto vê pai a mãe pratica fé verdadeira. É pra mim como representar a criança como Cristo foi representado, mas pra mim batismo bíblico é batismo depois da fé. Se a criança tem dois anos e ele apresentou fé, eu batizo ele. Se ele não tem essa fé, pra mim não tem idade. Tem criança que batizada com nove anos, com doze, com quinze, mas sempre é batizado por mim, essa pessoa, quanto ele apresenta a fé verdadeira em Cristo e na palavra de Deus.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe é uma igreja confessional, no sentido de aceitar e assumir uma confissão de fé específica? Se positivo, qual a confissão que ela adota?

Khalil: Olha, francamente, é... faz nesses últimos quinze anos, nós praticamos uma fé e doutrina somente bíblica. A gente, é... nem pra direita e nem pra esquerda. Usamos e praticamos somente conforme a doutrina bíblica. Você vai falar é presbiteriano, é batista, ou assembleiano, é... hoje a gente passa uma dificuldade no Oriente Médio porque todas essas doutrinas e essas denominações pra nós como Evangélicos Árabes, foi introduzida do Ocidente. Qual é a nossa doutrina, a nossa prática? Muitas vezes nós encontramos uma prática nossa. Muitas vezes é diferente: a gente fala presbiterianos e nos não agimos dentro da

confissão da fé da Westminster, o da Armenianos, do da... então a gente, a gente não consegue indaptar com essas, é... deno... essas filosofias da denominação do Ocidente. É, e eu creio que nós temos uma prática, se você vai falar qual a prática, qual a denominação da Igreja Evangélica Árabe, eu falo que é a doutrina mais simples da Bíblia: crer será convertido pela regenerado pela graça, batizado em água por imersão, e viver o crescimento, né, habitação... a presença do Espírito na vida que ele nos ensina e que nos leva a crescer. O crescimento da Igreja, o crescimento natural de Deus. Então... você vai falar: mas vocês praticam uma fé presbiteriana? Sim. Vocês praticam uma fé batista? Sim. Nós não temos diferença. A única diferença que nós tivemos é batismo de crianças. Se os pais apresentam fé verdadeira praticante, pra mim não tem problema nenhum batizar criança, porque eu tenho a certeza que Espírito Santo vai guiar essa criança pra viver a fé desde a sua infância.

Paulo: E a forma de governo adotada pela Igreja Evangélica Árabe: congregacional ou é representativa?

Khalil: Olha, é... dentro da igreja nossa aqui que, é... a assembléia da igreja, a assembléia geral, é... ela... ela que define todas as coisas, espirituais, administrativos, é... todas as áreas que a igreja precisa, a definição final é na assembléia geral da igreja. Agora, nós temos uma força dada a diretoria, ao conselho administrativo ou diretoria administrativa da igreja, que ela representa essa assembléia, é... dada força assim de uma maneira que eles tragam toda a definição para a assembléia, explicado com detalhe, para que não seja as coisas assim muitas vezes reunida, conversado, sabe, às vezes que surge muita discussão dentro da assembléia, então a gente tenta evitar isso porque eu creio que a assembléia ela reunida, dirigida pelo Espírito Santo pra definir, é... a gente vive conforme a igreja primitiva. Quanto foram reunidos para escolhi... para escolher um dos apóstolos, não foi uma pra discussão, até que fizeram sorteio, definido. Então, a diretoria ela traga tudo, essa parte do sorteio, pra diretoria pra que ela falar sim ou não. E a diretoria, ela que tem essa força para trazer tudo em detalhe, tudo informação que a assembléia poder fazer, mas é a palavra final da assembléia.

Paulo: E essa diretoria ou conselho administrativo, como ele é eleito, por quanto tempo?

Khalil: A diretoria é eleita por dois anos. E cada dois anos ela renovada. São compostas seis membros, junto com o presidente que é pastor da igreja.

Paulo: E esses membros são membros comuns da Igreja, ou tem que ser oficiais da Igreja, por exemplo, presbíteros?

Khalil: São consagrados presbíteros, claro, escolhidas as pessoas com a experiência na fé e com o conhecimento da palavra de Deus, é... pessoas, é... assim que eles, é... um nível, vamos dizer assim, de... de capacitação espiritual, onde poderiam ajudar, né, dentro da diretoria, escolhidos pela assembléia.

Paulo: Há também outros oficiais, como diáconos?

Khalil: Sim, nós temos um equipe de diáconos, e quanto a pessoa é nomeado para a diretoria, ele é consagrado presbítero, e na última assembléia é o equipe de presbíteros precisam... aquele que não tinha estudo, qualificado de... curso básico de teologia, ele precisa fazer esse curso como membro da diretoria.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe não tem costume de ordenar mulheres para oficial da igreja.

Khalil: Isso, é... eu espero que nunca acontece. Porque nós entendemos, não por machismo, nós entendemos que o homem representa Deus e a mulher representa a igreja.

Paulo: Em termos de projetos, a Igreja Evangélica Árabe tem projetos de expansão, em relação ao alcance dos falantes do árabe e dos não-falantes do árabe? Se tem, quais?

Khalil: É... nós tivemos em Foz do Iguaçu, a nossa igreja lá está em, é... usando um lugar alugado... nós já vimos o terreno, estamos negociando o terreno e será comprado o terreno lá no Foz do Iguaçu e construído a Segunda Igreja Evangélica Árabe lá, pela graça de Deus.

Paulo: Em termos de membros da Igreja, a Igreja Evangélica Árabe conta hoje com quantos membros no seu rol, frequentes e menos frequentes?

Khalil: Olha, o... nós temos mais de duas mil pessoas registradas, mas no último rol de membros que nós fizemos, as pessoas que já de muitos anos já falecidos, e pessoas que mudaram, pessoas que frequentam outras igrejas já há mais de dez anos, então pelo contato que nós fizemos, definimos o rol de membros hoje que é aproximadamente de duzentas pessoas, mas o praticantes, que praticam mesmo, essas pessoas até duzentas pessoas, vem quatro, cinco vezes por ano, quanto Páscoa, Natal, alguma comemoração, de... de cultos especial convidados, eles não... eles é... eles é... como é que se fala?... Não deixa de vir, né, como eles são dentro do rol do membros, mas praticantes ativos e dizimistas, é... aqui na atividade da igreja, em torno de cinquenta pessoas.

Paulo: E para terminar, a Igreja Evangélica Árabe tem alguma atividade de cunho cultural, ligada ao aspecto da cultura árabe, em termos de celebrações, comemorações, e outros?

Khalil: Nós realizamos cultos assim de, é... como sendo estratégia, né, de convidar as pessoas para serem evangelizadas, e ao mesmo tempo para ter um contato com a sociedade árabe no Brasil, nós realizamos cultos, é... lembrando a independência de cada país. Na data de independência do Líbano, da Síria, da Jordânia, do Iraque, da Palestina. Então na época dessas datas, então nós formamos um convite oficial quanto a um coquetel e nós apresentamos para a autoridade civil, religiosa, árabe, e também para todos os amigos árabes pra que eles se comemora nesse dia da independência, por exemplo da Síria, é... o ano... o ano passado o próprio cônsul da Síria com a esposa dele e o equipe dele estava presente, e eles gostaram muito duma maneira que ele não esperava nenhuma igreja, somente feito uma festa no clube sírio, no próprio hospital sírio, ou na embaixada da comemoração da independência, mas uma igreja, uma instituição religiosa, bem, é... orar a Deus pela Síria, pelo governante, pelo povo, pra que Deus proteja. E nós aproveitamos isso porque tinha aquela ameaça americana contra a Síria, você lembra que vai ser atacada a Síria se eles não entra na política americana, essas coisa aí. Então nós fizemos isso aproveitando para que Deus possa abençoar e livrar esse país do ataque americano da maneira que eles fizeram com o Iraque, acabaram com o Iraque. Então foi um momento muito oportuno, onde o cônsul me agradeceu e desde antes nós começamos a realizar isso e realmente tá dando certo.

Paulo: O senhor é pastor da Igreja Evangélica Árabe desde que ano?

Khalil: 1998.

Paulo: E a sua permanência a frente da Igreja como pastor, ela se verifica de que maneira? Por eleição, indicação?

Khalil: É... eu fui eleito pela igreja, e... nosso sistema aqui que pastor ele tem que ser formação teológica árabe, pra conservar essa cultura, conservar o trabalho árabe no Brasil, e por força maior, pode ser um descendente, mas tem que ser árabe. Esse é um. E para cargo de presidente do Conselho, outros membros do Conselho, pode ser que... pode qualquer outro entrar. Agora, é... e dentro da sistema nossa de...de governo da Igreja, de... de... da parte administrativo da diretoria e da... do presidente. Então o próprio presidente que é o pastor da igreja, ele é permanente, somente renovado como presidente do Conselho, mas como pastor da igreja ele é permanente até o seu falecimento. Claro quanto ele está fazendo o trabalho para o benefício da igreja. Quanto uma pessoa que realmente apresenta, é... falsa doutrina, levando os membros, a igreja, ao trabalho de destruição total, claro completamente essa pessoa, pela assembléia, ele tem a força de se retirar.

Anexo 16 Entrevista com o pastor José Lopes

Entrevista com o pastor José Lopes, que foi, também, obreiro da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo.

Paulo: Qual é o seu nome completo?

José: Meu nome completo é José Aparecido Ferreira Lopes. Há... mas o reverendo Ragi Khouri me chamava de Yoseph também, nome árabe, da Igreja Evangélica Árabe.

Paulo: Lugar e data de seu nascimento.

José: Nasci em 29 de Março, 1957, em Guriri, um pequeno povoado chamado Moreira Sales no Paraná.

Paulo: Qual é a sua formação Acadêmica, secular e teológica?

José: Eu sou da área da saúde, sou técnico de enfermagem hospitalar do trabalho, também auxiliar de enfermagem hospitalar do trabalho, é... e também no curso de administração fiz até o segundo ano, com licenciatura em comércio exterior mas não consegui concluir o curso. Eu creio que é mais ou menos isso daí.

Paulo: E a sua formação teológica?

José: Bacharel em Teologia, duas vezes. Primeiro pela... pelo Seminário Interdenominacional, e também aqui pela Universidade Mackenzie, através da Escola Superior de Teologia.

Paulo: Quando você iniciou seus trabalhos na Igreja Evangélica Árabe de São Paulo e quem o introduziu nesse trabalho?

José: Meu trabalho foi de 1985 a 1987, como past... perante o ministério como pastor auxiliar do reverendo Ragi Khouri. O reverendo Ragi me convidou pra aprender sobre o povo árabe, mas quem me introduziu na comunidade árabe foi através de um convite específico feito pelo missionário americano Leminjer.

Paulo: Por que você resolveu, o que motivou você a trabalhar na Igreja Evangélica Árabe de São Paulo?

José: A única igreja árabe que existia na época, e... eu já estava envolvido com árabes desde 1981, e para 85 são seis anos. Fui trabalhar especialmente com os islâmicos e não conhecia os árabes evangélicos. Então eu queria acrescentar esta área para aprender como é que a Igreja Evangélica Árabe fazia e faz até hoje dentro de sua própria colônia, voltados para aqueles que são de origem cristã, e não islâmicos.

Paulo: Qual a sua função ou atuação na Igreja Evangélica Árabe no tempo em que você trabalhou lá?

José: Eu fui pastor auxiliar segundo o boletim saia, como pastor auxiliar, e... ajudava ministrando algumas aulas, e também... mas era mais discipulado e aprendizado direto do reverendo Ragi Khouri, o pastor de lá e fundador da Igreja.

Paulo: Você recebia algum tipo de salário, remuneração? Se negativo, qual o motivo desta postura de não remuneração do pastor e o seu modo de ver?

José: Não, não havia remuneração, porque a cultura árabe – essa foi uma das coisas que aprendi – o pastor ele tem que ser fazedor de tenda e a dona Rosa Khouri, que é a esposa do pastor, dizia que precisa ser um profissional na área secular e ela me incentivou a ir para a área da saúde, e por isso que eu fiz um curso técnico bem feito, e para ser aceito no ministério entre árabes, eu podia exercer parte da área de saúde, da medicina, e ajudar também como mais ou menos voluntário, como pastor voluntário na época.

Paulo: No período em que você esteve lá, você verificou algum crescimento significativo na Igreja?

José: Não, não houve. Não houve crescimento porque a Igreja Árabe naquela época trabalhava mais com pessoas idosas, e... ou seja, filhos de imigrantes e imigrantes, e os jovens que vinham para a Igreja eles migraram para outras denominações, devido a questão do

idioma... idioma servia de barreira, né, e... não houve crescimento nem da parte árabes, não ...de origem não cristã, e nem árabes que vinham do Líbano, com relação ao Cristianismo.

Paulo: Você entende que não houve crescimento, mas você poderia entender que houve esvaziamento ou perda de membros da comunidade?

José: Não, na minha época não teve, manteve. Agora era um pouco confundido porque nasceu a Igreja Renascer na mesma época, nos porões da Igreja Árabe. Então vinha gente para a Renascer e aqueles que tinham... amavam o povo árabe, como Sônia, a esposa do Esthevan Hernandez, de origem árabe, então o pessoal vinha e ficava para o culto árabe também. Então, algumas reuniões tinham mais gente do que tinha antigamente.

Paulo: Ok. Havia, nesse período que você esteve lá, Escola Dominical regular para crianças e adultos?

José: Havia Escola Dominical para crianças, havia. Adultos, algumas vezes havia, mas não era regular, era esporádico.

Paulo: Em termos de números de crianças com idade até 10 anos, o número era bem expressivo ou era um número pequeno?

José: Não... era um número médio... não eram muitas... não era... não era... porque a maioria... eu já disse pra você que a maioria dos membros eram pessoas idosas. Então seus filhos já pertenciam a outra igreja evangélica. Eles não vinham pro culto, então levavam para as igrejas as quais eles pertenciam.

Paulo: Havia grupos de trabalho interno, como senhoras, jovens, ou algum outro grupo?

José: A SAF era forte, acho que sob o comando da irmã Jamili, se não me engano, era o grupo mais expressivo era o grupo das mulheres.

Paulo: Em termos das cerimônias realizadas na Igreja Árabe, que forma de batismo era praticado na Igreja Evangélica Árabe no tempo em que você trabalhou por lá?

José: Era aspersão... era uma Igreja Presbiteriana ligada ao Sínodo da Síria. Batismo por aspersão.

Paulo: As crianças também eram batizadas ou só havia o batismo de adultos?

José: Crianças eram batizadas a pedido dos pais.

Paulo: Havia projetos de algum suporte a ser oferecido a imigrante árabe em termos de uma rede social de apoio?

José: Olha, sinceramente... hum... expressivamente não. Havia os cultos especiais que a comunidade, autoridades árabes vinham para o culto, cónsuls, por exemplo, da Jordânia, da Síria, em São Paulo vinha. E era uma expressão... e havia muito bom relacionamento da Igreja Árabe com a Igreja Ortodoxa, na própria, no Paraíso mesmo. Então a gente tinha muito, era muito alinhado as autoridades e aos ortodoxos árabes.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe fornecia algum tipo de apoio de hospedagem ou orientação de trabalho a imigrantes que chegavam?

José: Não, não tinha esse trabalho. Não tinha.

Paulo: Dentro de seu modo de ver, o traço étnico do árabe era forte na igreja?

José: Sim, porque se falava em árabe, cantava em árabe, e o reverendo Ragi também dava o resumo do sermão em português, mas todo o trabalho era feito em árabe. Hoje não. Hoje é feito em português e só a mensagem em árabe.

Paulo: Você, naquela época, já podia perceber alguma demonstração de tendência a diminuir esse aspecto étnico árabe, assumindo certa brasilidade, como língua portuguesa em alguns aspectos da liturgia, ou coisa assim?

José: Não, não. Não porque os membros efetivos eram primeira geração. Então eles falavam árabe mesmo nos intervalos, todo tempo era comunicação em árabe, e... era essencial você entender e falar o árabe para você estar integrado a igreja.

Paulo: No tempo que você esteve lá, havia projetos para alcançar falantes do árabe com o Evangelho, bem como os não falantes do árabe?

José: Sim, havia, é... alguns pastores voluntários, que vinham de outras denominações, que colaboravam com o reverendo Ragi, e eles montavam o culto em português a noite, no Domingo a noite. Então, era um projeto, né, uma iniciativa para alcançar os... os brasileiros de idioma português.

Anexo 17 Entrevista com Adina Abrahão.

Entrevista com Adina Abrahão, dia 07/10/2009.

Paulo: Qual é o seu nome completo?

Adina: Adina Abrahão.

Paulo: Lugar e data de nascimento.

Adina: Nasci em Deufinópolis no estado de Minas Gerais no dia 02 de Maio de 1929.

Paulo: Nome de seu pai e de sua mãe e a naturalidade deles, nacionalidade deles.

Adina: Meu pai chamava-se Abrão Elias... veio da Síria. Minha mãe Habce João Jorge, também Síria.

Paulo: Você chegou a ser membro da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo ou apenas freqüentava juntamente com seus pais?

Adina: Eu não cheguei a ser membro como não sou até hoje apenas freqüentava, colaborava, como faço até o presente.

Paulo: Nesse tempo que você esteve lá com seus pais e freqüentava mais assiduamente, você teve alguma função, e se teve, qual?

Adina: Eu fui presidente da SAF uma temporada, mas eu não me lembro bem a data, e fui também secretária da SAF.

Paulo: A SAF significa...

Adina: Sociedade Auxiliadora Feminina.

Paulo: Essa Sociedade Auxiliadora Feminina congregava todas as mulheres casadas, solteiras da igreja, qual era o sistema?

Adina: Todas mocinhas desde que tivessem vontade. Casadas, separadas... graças a Deus não tinha ninguém, mas se tivesse também poderia congrega. Jovens, idosas, de toda idade.

Paulo: Que tipo de atividades vocês desenvolviam, em termos assim, espirituais, sociais e etc?

Adina: Sim, nós só tínhamos reuniões aos sábados, eu só não me recordo quantos dias por mês, e nessas reuniões nós fazíamos uma parte devocional, orávamos, cantávamos, procurávamos problemas de oração, alguém que precisasse, e depois fazíamos também a nossa parte financeira e também depois a nossa parte social sempre com um lanchinho, com alegrias e tudo mais.

Paulo: Em termos de participação na assistência social, que trabalhos eram desenvolvidos pela SAF?

Adina: Bom, nós fazíamos, às vezes, ou sempre, almoços e nesses almoços é... é a parte beneficente, para a construção da igreja, e muitas vezes a gente recebia pessoas que não podiam pagar e que almoçavam com a gente. E outras vezes também nós fazíamos, na parte social, fazíamos aqueles bazares de pechincha, e tudo vendido muito barato, e quando sobrava, dividia entre pessoas carentes.

Paulo: Você ainda freqüenta a Igreja Evangélica Árabe com regularidade?

Adina: Eu freqüento, mas nem sempre porque eu, sabe, tem coisas que me impedem, mas sempre que eu posso... posso dizer que eu sou colaboradora, ah... permanente.

Paulo: A Igreja Evangélica Árabe, em relação à atuação das mulheres, ela desenvolvia alguma atividade cultural no sentido da cultura árabe?

Adina: Não que eu recorde... mas às vezes... mais de uma vez, é... o presidente... uma das últimas... Dona Jamili, ela promovia assim almoços em restaurantes, e lá esse almoço era, muitas vezes, com brincadeiras árabes, fazia sorteios de... mais nessa parte assim social, alegria mesmo no mundo árabe que ela gostaria de promover.

Paulo: Em seu ponto de vista, no seu entendimento, o que tem levado à diminuição de pessoal que freqüenta ou assisti a Igreja Evangélica Árabe em São Paulo?

Adina: Um dos fatores que eu sempre pensei... acredito que tenha sido, é... os idosos que faleceram, nossos pais, pais da maior parte de hoje daqueles que frequentam igrejas brasileiras, e que torna-se difícil porque o idioma realmente, as pregações em árabe é um pouco difícil, e os filhos que acompanhavam os pais, na época sempre muito cheio o templo, principalmente quando era uma casa velha. A gente precisava correr da igreja presbiteriana, chegar lá pra ficar lá no fundo. E, depois, com o falecimento de toda aquela... aquele número de pessoas idosas... e os filhos então, agora hoje netos e tudo, cada um tem a sua igreja. E por isso raramente a gente vê aquele templo lotado, a não ser quando tem... é muito comum, mesmo no tempo do reverendo Ragy, ele fazia culto em memória. Era uma maneira que ele encontrava de pregar bem o evangelho. Porque morria alguém lá do Líbano, parente de alguém aqui, ele convocava o culto em memória e convidava... a igreja ficava lotada. Esse foi um trabalho que ele sempre gostou de fazer e o Calil, às vezes, ainda faz hoje, quando a família pede, é uma maneira dele pregar o evangelho. Eu creio nisso.

Paulo: Você entende que o uso do árabe na pregação foi um fator que atraiu os mais idosos, mas ao mesmo tempo se tornou um fator que acabou dificultando a permanência dos mais jovens?

Adina: Não tenho dúvida que pros mais velhos foi uma bênção grandiosa de ouvir o evangelho pregado no seu próprio idioma. E depois os mais novos têm dificuldade realmente, então, eles preferem cada um estar na sua igreja.

Anexo 18 Fotos do culto dominical.

Fotos do culto dominical do dia 16 de agosto de 2009







Anexo 19 Fotos do templo



(Fachada externa)



(Placa no saguão de entrada, com referência à data de consagração do templo)



(Quadro de missões batista na IEASP)



(vista interna do templo)

Anexo 20 Culto de oração e estudo bíblico em quinta-feira.

Anexo 21 Foto com Rev. Hagi Khoury e Rev. Kalil Samara

Foto com Rev. Hagi Khoury (terno preto) e Rev. Kalil Samara (paletó cinza)